REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

DEZEMBRO, 1889

Summario:

			Pag.
I.	A EVOLUÇÃO DA LITTERATURA BRAZILEIRA	Oliveira Lima	643
II.	A CORISTA	Luiz de Magalhães	668
III.	OS FILHOS DE D. JOÃO I	Oliveira Martins	694
IV.	AS MINAS DE SALOMÃO	Rider Haggard	720
V.	UM ECONOMISTA PORTUGUEZ	Rodrigues de Freitas	734
VI.	CARTAS DE FRADIQUE MENDES	Eça de Queiroz	759
VII.	OS ACONTECIMENTOS DO BRAZIL	Frederico de S.	770
VIII.	NOTAS DO MEZ	João Gomes	777
IX.	BOLETIM BIBLIOGRAPHICO		784

LUGAN & GENELIOUX

EDITORES

PORTO

Agentes em Paris:
AMEDÉE PRINCE ET Cie
36 — Rue Lafayette — 36

Agentes em Londres:
AMEDÉE PRINCE ET Cie
10 — Coleman Street — 10

Volume I. Numero 6.

Summario do numero de novembro

Cartas de Fradique Mendes ..... Eça de Queiroz.
Os filhos de D. João I ..... Oliveira Martins.
O seculo XVIII em Portugal ..... Theophilo Braga.
As minas de Salomão ..... Rider Haggard.
El-rei D. Luiz.....
Notas do mez..... João Gomes.
Boletim bibliographico ..... E.

Collaboradores brazileiros da REVISTA DE PORTUGAL

Alberto d'Oliveira.
Aureliano de Campos.
Barão de Rio Branco.
Capistrano d'Abreu.
Domicio da Gama.
Eduardo Prado.
Ferreira d'Araujo.
João Ribeiro.
Machado d'Assis.
Medeiros e Albuquerque.
Olavo Bilac.
Raul Pompeia.
Raymundo Correia.
Tancredo de Mello.
Dr. Teixeira de Mello.

A lista completa dos collaboradores brazileiros da **Revista de Portugal** será dada n'um numero subsequente.

THE J. PAUL GETTY CENTER

A EVOLUÇÃO

DA

LITTERATURA BRAZILEIRA

Summario

I — A litteratura colonial, prolongamento da litteratura do reino — Factores que produziram o brazileiro e valor do elemento portuguez — O indio — O negro — Prenuncios de emancipação litteraria — Gregorio de Mattos e Antonio José.

II — Minas-Geraes centro de cultura no seculo XVIII — A influencia da Encyclopedia franceza na *Arcadia Ultramarina* — A epopeia — Basilio da Gama e Durão — O lyrismo precursor da transformação romantica — As sciencias experimentaes — A economia politica — A poesia patriotica.

III — A renovação romantica e sua facil acclimatação no Brazil — Falta d'uma verdadeira comprehensão d'este movimento revelada no indianismo — Faces multiplas do romantismo brazileiro — Domingos de Magalhães, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Fagundes Varella, Castro Alves e Tobias Barreto — A epopeia — Seu convencionalismo na sociedade moderna.

IV — Apparição da poesia scientifica — Aspectos diversos da poesia contemporanea — Manutenção da corrente lyrica — Estiolamento do parnasianismo.

V — O romance, fórma perfeita da litteratura moderna — A preoccupação indianista — A mulher brazileira estudada por José de Alencar, Macedo e Machado de Assis — Introducção no romance do espirito provincial — Bernardo Guimarães e Franklin Tavora — O naturalismo — Sua carencia de analyse psychologica.

VI — O theatro — Razões de sua pobreza — Superioridade da comedia.

VII — A philosophia positiva — Lucta contra a theologia e a metaphysica — Celso de Magalhães, Tobias Barreto e Sylvio Romero — O espirito critico — A historia — O renascimento scientifico.

I

Até meiados do seculo XVIII a litteratura brazileira, isto é, a manifestação dos sentimentos da nação brazileira considerada como um aggregado moral, uma familia espiritual ligada por tradições e aspirações communs, não existe: constitue um mero prolongamento da litteratura da metropole. Afóra as tendencias geraes que em certos periodos têm arrastado o gosto litterario n'uma determinada direcção, por exemplo o movimento culteranista do seculo XVII reagindo em todo o Occidente europeu contra o exaggero da imitação classica, e a renovação romantica do começo do seculo actual indo beber a inspiração nas fontes medievaes, Portugal sobrepunha-se primitivamente á sua colonia com toda a arrogancia de um meio culto e educado pouco proprio a ser comparado com um campo de lucta physica pela existencia, onde os batalhadores quasi não tinham ocios para emoções poeticas nem para especulações philosophicas.

Os aventureiros brigões que abordavam á terra da Vera Cruz sob o commando de uns fidalgotes sem vintem vinham ávidos, não de errar contemplativamente pelas magnificas florestas virgens, mas de arrecadar com uma ganancia toda semitica uns saquiteis de ouro, desenferrujando aqui e acolá a espada no sangue dos indigenas. Os jesuitas a grande custo defendiam os selvagens d'estas brutalidades, mas todos, sacerdotes e soldados, accordavam em pretender eleval-os no espaço de poucos mezes a um nivel de civilisação incompativel com a sua estructura cerebral e que no velho mundo era fructo de uma integração de desenvolvimentos parciaes feitos através de muitas gerações.

O tempo, como dissemos, não sobrava muito para desfastios intellectuaes na lucta constante, de todo o momento, dos

dois primeiros seculos, com os aborigenes ferozes e muitos d'elles anthropophagos e com os invasores estrangeiros, francezes, hollandezes, hespanhoes e inglezes que até o seculo XVIII em que tivemos a cruel visita de Duguay-Trouin, não cessaram de crivar o littoral brazileiro com os projectis dos seus canhões de bronze. N'esta communidade de esforços e fraternidade de pensamentos se ia no emtanto formando o sentimento nacional, que se revela com clareza na segunda metade do seculo findo, quando a litteratura começa a florescer com maior vigor.

Até então as lettras brazileiras offerecem-nos uma imagem pouco brilhante das modificações por que ia passando na metropole a corrente das idéas, sob a acção de influencias estrangeiras. Ainda hoje a grande nação sul americana conserva no seu organismo politico e social a vibração do longo dominio portuguez, não tendo conseguido distanciar inteiramente a sua litteratura que desabrocha com tanta louçania da despotica influencia ethnica que peza sobre todas as manifestações de vida do paiz. Na composição do forte producto mestiço, typo differenciado que fórma o brazileiro, o portuguez entra como factor preponderante, evidenciando-se physiologicamente no predominio da côr branca e psychologicamente, entre outras manifestações, na esplendida irradiação do lyrismo brazileiro, a mais bella expansão emocional da America do Sul, e que directamente encontra a sua filiação no dôce e melancolico lyrismo portuguez, que no seculo XVI produziu Bernardim Ribeiro e Christovão Falcão, e que recentemente nos deu Soares de Passos e João de Deus. O Brazil fórma historica e moralmente uma nação, com fronteiras delimitadas na sua maioria, constituição propria e tradições locaes cimentadas, e comtudo só ha pouco a sua vida espiritual deixou de ser uma simples prolação da d'esses habitantes da faxa mais occidental da Europa que descobriram, povoaram e modelaram tantas regiões desconhecidas. Muito embora a mudança de meio e o cruzamento de raças diversas já redundassem em differenças anthropologicas e a propria lingua se tenha dialectado por motivos de clima, approximação de linguas estranhas, divergencia de idéas e senti-

mentos e outros, a completa emancipação da antiga colonia portugueza formula-se sómente n'este instante, acompanhando a sua reorganisação social que se desenha no horisonte.

É n'esta evolução que se vai denunciando o typo em via de integração do brazileiro. Elle surge por entre o rapido esboroamento das velhas fórmas bastardas do imperio centralisador, resquicio poderoso das normas de administração do reino, firmando a intima federação das nossas provincias em um pacto sinceramente democratico e genuinamente americano, bem affastado na sua essencia do exotico constitucionalismo monarchico, hybrido e enfezado, que a metropole nos legou com a dynastia bragantina. Este typo do brazileiro, cuja verdadeira comprehensão tardiamente deu entrada entre nós, é o resultado de tres raças fusionadas, a branca, a cabocla e a negra.

Ante o tropel de militares, padres, judeus e deportados que compunham a comitiva habitual dos donatarios de capitanias, submissos cortezãos que haviam substituido em redor do monarcha os antigos senhores de coutos e honras, e pelos quaes a corôa prodigamente repartiu o territorio descoberto por Vicente Pinzon e Alvares Cabral para mais tarde procurar rehavel-o por compras e expropriações, a raça indigena depois de uns primeiros lampejos de resistencia retrahiu-se, declinando com espantosa rapidez. Não lhe valeram as caricias dos Anchietas e dos Nobregas nem o cruzamento com os invasores. Os seus organismos não poderam resistir ao regimen de vida dos europeus, mais aptos para vingar na lucta pela vida, e ás doenças importadas por elles, nem as suas intelligencias elevar-se ao nivel intellectual dos conquistadores. Os methodicos aldeamentos jesuiticos foram impotentes diante da selecção inexoravel da natureza. De um espirito rude, mal tendo ultrapassado em religião o periodo naturista em que o divino se presente na natureza magestosa e por vezes inclemente, pois n'elles o culto dos astros era simplesmente uma extensão do fetichismo, os aborigenes brazileiros, ou sejam os que mais puro conservaram o caracter autochtone ou sejam os que mais intimamente foram penetrados pelas tribus mongoloides, pouquissi-

mo influiram na nossa evolução. No terreno da arte legaram-nos as variegadas ornamentações de pennas e alguns bellos exemplares ceramicos como os vasos e pratos da ilha de Marajó; no das lettras cabe-lhes um quinhão na nacionalisação das tradições populares portuguezas transportadas pelos colonos.

Ás antigas serranilhas gallezianas que, como nota judiciosamente o snr. Theophilo Braga, constituiram as nossas *modinhas* e *lundús*, deram os tupis uma boa parte do lascivo encanto e irresistivel seducção que encerram taes arias. O Brazil possue no seu thesouro de contos e cantos populares escrupulosamente colligidos e classificados por Sylvio Romero, um cyclo completo de contos mythicos de origem indigena, notados por Couto de Magalhães na sua bella obra — *O Selvagem*.

Foi sobre o negro que o colono especialmente se apoiou na conquista dos vastos territorios portuguezes no continente sul americano. Robusto, obediente, devotado ao serviço, o africano tornou-se-lhe um collaborador precioso nos engenhos do norte e nas fazendas do sul. Na mestiçagem que infallivelmente se dava nos campos e nas cidades, onde o serviço domestico era exclusivamente confiado a negros, buscou o europeu a energia physiologica bastante para resistir á acção enervante do clima tropical. O vestigio constante d'essa raça docil e laboriosa, com a qual tardia mas honrosamente saldamos uma divida de gratidão nacional, encontra-se na lingua, na cosinha, nas superstições populares do paiz.

Da lenta elaboração d'estes elementos em contacto intimo nasceu o producto nacional, typo ainda em via de plena formação, mas que já nos principios do seculo XVIII se ia declarando por um odio crescente á metropole, de onde só lhe vinham vexações e tyrannias. O sentimento catholico-feudal que transportado ao Brazil dera tenacidade aos colonos desamparados pela metropole para heroicamente repellir quantos estrangeiros tentavam apossar-se do consagrado patrimonio real, gastára-se. Substituiram-no no grande seculo que viu começar a emancipação da America e consummar-se a victoria da demo-

cracia europeia, uma sympathia poderosa pela sciencia e o alvorecer da consciencia de uma nova nacionalidade. O seculo XVII dá-nos o espectaculo das phalanges de Francisco Barreto e João Fernandes Vieira desbaratando os aguerridos hollandezes e presenteando a corôa portugueza com as ricas provincias do norte que o Padre Antonio Vieira aconselhava a D. João IV deixasse ficar sob o dominio da Companhia das Indias Occidentaes. Este fanatico fervor dynastico afundou-se no sangue derramado no seculo seguinte em Minas Geraes e em Pernambuco, nas guerras dos *emboabas* e dos *mascates*.

Já em pleno seculo XVII nos era facultado encontrar nas nossas lettras que tão de perto acompanhavam os cambiantes da litteratura do reino, um poeta de orientação brazileira, Gregorio de Mattos Guerra, o troçista alegre e implacavel de uma sociedade de *parvenus* luxuosos divididos por intrigas de soalheiro e antipathias de raças, individualidade poetica como a de Bocage e no qual o povo concentrou um cyclo inteiro de anedoctas eroticas e satyras picarescas, typo infinitamente mais nacional que esse *Judeu*, pallido imitador de Molière, lyrico de valor que presagia Gonzaga, mas tão sómente em voga nos theatros do Bairro Alto e da Mouraria pela acclimatação que fez ao gosto das plateias populares do seu tempo das criticas picantes do grande escriptor gaulez. Antonio José da Silva, o *Judeu*, era puramente portuguez pela chalaça franca e pezada, sem malicia occulta e que fere como um malho: Gregorio de Mattos começa a ser brazileiro na intuição que teve da differenciação ethnica dos seus compatriotas e na fórma mais delicada e conceituosa do seu chiste. Elle distingue-se da pleiade de escriptores sagrados e profanos que até á escóla mineira nada mais fizeram do que prolongar entre nós a litteratura da metropole, comquanto alguns, Rocha Pitta por exemplo de empolada e hyperbolica memoria, tivessem prestado á pujante natureza americana um preito de admiração sincera, pela sua linguagem e pelo seu espirito gostosamente particularistas. Gregorio de Mattos é presentemente tido com justiça pelo fundador da litteratura brazileira. Com o seu riso sonoro, de palpi-

tações rabelaisianas, a espaços cadenciado por umas notas sentimentaes de extremada doçura, o bohemio bahiano lançou os alicerces da nossa florescencia intellectual.

II

Minas-Geraes tornára-se no seculo findo um centro de agitação politica e de vida culta, tão importante como a Bahia ou o Rio de Janeiro. A cúpida exploração dos seus veios de ouro e dos seus jazigos de diamantes trouxera-lhe um augmento consideravel de bem estar material e como consequencia um maior desenvolvimento litterario — tão progressivo que é na escóla mineira que se nos depára o advento da idéa emancipadora.

Não é para estranhar em uma sociedade pouco polida como a de então a ausencia dos *salões*, essa instituição franceza que baptisada no cenaculo purista de Rambouillet presidiu no seculo XVIII ao poderoso movimento negativista da Encyclopedia, inteiramente illuminado pela graça seductora das espirituosas mundanas parisienses. No Brazil, e mesmo em Portugal, os lettrados reuniam-se em academias particulares, vicejando morbidamente ao calor da protecção official. A *Arcadia ultramarina* não teve outra origem. A sua significação litteraria é porém bem diversa da da intolerante Arcadia de Lisboa. Ao passo que esta pretendia restabelecer o classicismo que em França produzira sob Luiz XIV modelos excellentes de sobriedade e harmonia, a Arcadia brazileira anticipára-se á revolução romantica, indo buscar o renovamento das fórmas lyricas ás tradições medievaes portuguezas, remoçadas pelo bafo da natureza americana, pelo poder das novas aspirações e pela concorrencia de outros elementos ethnicos. São arcades mineiros, entre outros, os épicos Basilio da Gama e Santa Rita Durão, e os ly-

ricos Silva Alvarenga, Claudio Manoel da Costa, Gonzaga e Alvarenga Peixoto.

N'esse momento o genero épico decahia sensivelmente. Comtudo entre nós, onde uma epopeia organica feita como a *Iliada* pela coordenação de cantos dispersos nunca se chegou a formar, os dois poetas mineiros deram alento á epopeia litteraria buscando, um, assumpto na proxima realidade historica e outro, no passado heroico da nação. Basilio da Gama no *Uruguay*, como que prevendo a phase indianista do romantismo brazileiro, de reversão ás nossas suppostas tradições nacionaes, celebrou o indigena em guerra aberta com o europeu e especialmente com os methodos jesuiticos de educação. Santa Rita Durão no *Caramurú* apresentou-nos um portuguez aventuroso, leal, cheio de fé e de bravura, representante de uma civilisação superior, avassalando pacificamente os selvagens brazileiros. Tendo ambos uma noção imperfeita da formação do typo nacional, cada qual procura dar valor quasi exclusivo a um dos factores que o produziram. A critica litteraria permanecia ainda alheia ao conhecimento da integração que se tem operado. Nos dois épicos como em todos os lyricos seus contemporaneos é vehemente a paixão patriotica. A crise aguda da dissolução do velho mundo espiritual marcada pela data de 1789 acordára-lhes anhelos de uma regeneração do seu paiz pela autonomia republicana.

A *Arcadia ultramarina* assistiu ao desabrochar impetuoso, ao lado da epopeia, de uma poesia subjectiva, languida e saudosa, toda composta de estremecimentos intimos de almas ingenuas arrebatadas por illusões politicas e devaneios amorosos. O caracter peninsular, elemento predominante do espirito brazileiro, enuncia-se segundo o temperamento e as condições de vida de cada poeta, ora por uma sensibilidade melancolica, como em Claudio e Gonzaga, ora por uma vontade enthusiastica e resoluta, como em Alvarenga Peixoto. No meio do bucolismo arcadico que no seculo XVIII amaneirou em todo o Occidente a inspiração poetica, originando na pintura o delicioso comquanto convencional genero pastoril de Watteau, os lyricos brazileiros

souberam manter a espontaneidade do sentimento e a vivacidade da expressão.

Foram manifestamente elles, que tão cálidas tornaram as emoções pessoaes e tão pittoresca a linguagem, os precursores da transformação romantica entre nós. Os poetas mineiros deixaram prevalecer em suas almas a comprehensão da natureza, e este é o verdadeiro caracteristico da crise litteraria nascida da reacção individualista do seculo passado. O sentimento da vida irrompe em todos esses falsos arcades, quer solucem as intimas queixas dos seus corações doloridos, quer expandam os seus desejos patrioticos, em que borbulha a seiva intumescente da vegetação brazileira. Até conseguiram, como Caldas Barboza, ferir a alma popular pela resurreição das tradicionaes fórmas lyricas portuguezas.

O movimento scientifico, que afagado pelas academias litterarias do seculo XVII avolumou-se com a corrente encyclopedica de perfeito renascimento intellectual, não passou sem ter no Brazil a sua repercussão. Nas sciencias experimentaes estimulou-se o espirito de observação exacta. São brazileiros, entre outros, o mineralogista José Bonifacio de Andrada e Silva, o chimico Vicente Coelho de Seabra, os botanicos Conceição Velloso, auctor do interessante trabalho *Flora fluminensis*, e Arruda Camara, o explorador Alexandre Rodrigues Ferreira e o hygienista Francisco de Mello Franco. Nas sciencias sociaes começaram a fixar-se as filiações historicas que precedem as syntheses sociologicas. Da colonia, e ainda por impulso das doutrinas encyclopedicas, partiu o primeiro grito de guerra contra as ruinosas companhias privilegiadas instituidas pelo marquez de Pombal e a condemnação do regimen exaggeradamente protecccionista do habil ministro. José da Silva Lisboa, auctor do afamado tratado de direito mercantil, um dos que mais contribuiram para a nossa independencia e que, feito posteriormente visconde de Cayrú, foi um sustentaculo poderoso da sophisticação constitucional, dirigiu esta agitação economica. Elle acclimatou no reino a theoria da extincção dos monopolios e da liberdade de commercio e industria preconisada na Inglaterra por Adão

Smith, o organisador da economia politica, e na sua constante faina de applicar o ideal de franqueza natural que havia bebido na philosophia do seu seculo, conseguiu de D. João VI a abertura dos portos brazileiros ao commercio internacional. Depois d'este primeiro passo pratico dado no caminho da emancipação politica da colonia já adulta, recrudesceu o fervilhar do espirito autonomista que, desviado da direcção claramente expressa em todas as perturbações dos ultimos cincoenta annos pela astucia de um principe portuguez, conduziu o nosso paiz ao constitucionalismo unitarista e infecundo, hoje a desmoronar-se dia a dia. Em todas as categorias litterarias e particularmente na poesia reflectiu-se o abalo politico. A musa popular improvisou um sem numero de composições rescendendo alegria pela libertação da colonia. Nos consistorios clericaes de Pernambuco, reliquia das antigas tertulias, em que se encontravam Frei Caneca, monge ardente e buliçoso que morreu na forca, o padre Natividade Saldanha, poeta unctuoso que expirou no exilio, e mesmo o vigario Ferreira Barreto, absolutista esturrado que finou-se velho, a politica quasi absorveu as inoffensivas palestras litterarias. Ahi brotou junto da eloquencia sagrada, genero convencional que faz o effeito de uma valvula á verbosidade latina, e da poesia mysticamente religiosa que se perpetuou no periodo christão do romantismo, uma poesia patriotica, a qual modernamente por occasião da guerra do Paraguay vibrou de novo com soberba emphase meridional e com toda a altivez do genio brazileiro. A ironia alada, que é uma das feições salientes do temperamento nacional, tomou corpo em uma série de poemas heroi-comicos inspirados pelo *Lutrin* de Boileau, por intermedio do *Hyssope*. Das *Cartas chilenas*, contemporaneas da Inconfidencia mineira, partiu uma explosão de jocosidade, tristemente paralysada pelos rigores da repressão da revolução pernambucana de 1817.

III

A renovação da litteratura brazileira n'este seculo opera-se sob o influxo da grande nação latina onde João Jacques Rousseau proclamára a regressão á natureza. Almeida Garrett em Portugal abandonára o seu feitio arcadico na frequencia da litteratura franceza. Foi igualmente o contacto da geração de 1830 que fecundou em alguns espiritos brazileiros, como no de Domingos de Magalhães, os germens da radical transformação romantica. Não possuindo porém a nação sul americana, como a velha Europa, uma historia medieval, cuja logica continuidade com a antiguidade classica se procurasse fixar, os nossos escriptores interpretando falsamente o espirito nacional e movidos no inquieto periodo da Independencia pelo odio do luzismo preponderante, realisaram uma reversão ao mundo tupi como se d'ahi houvesse exclusivamente partido a marcha da evolução brazileira. Este movimento, denominado o *indianismo*, propagou-se na poesia e no romance, e vai achar a sua mais remota filiação no dôce evangelismo do Padre José de Anchieta, o amoroso missionario, acalorado defensor dos selvagens.

Á parte esta deturpação na sua direcção o romantismo encontrou no Brazil um terreno fertilissimo. Dotado de uma extrema sensibilidade vibratil requintada pelo clima excitante e de uma grande delicadeza de sentimentos aguçada pelas tendencias redemptoras do nivelamento de classes fundamente divididas por uma opposta condição social, o espirito brazileiro estava mesmo muito mais perto d'essa crise do que o sobrio e sensato temperamento francez. O excessivo individualismo, inseparavel de uma nação nova á busca de uma orientação pratica e que jorrava com tanto fremito na poesia ingleza desequilibrada e visionaria, favorecia o curso da corrente litteraria derivada da anarchia intellectual de uma época de inteira remodelação. O catholicismo, então mais poderoso na nossa sociedade, ajudava a

aeclimatação das piedosas emoções christãs de Chateaubriand e do suave proselytismo de Lamartine. Domingos de Magalhães, espirito no qual se refletem as hesitações de um periodo de transformação, foi entre nós o representante d'esta feição do romantismo franeez. O orgulho da emancipação eonsummada, o raneor eoneentrado contra a metropole oppressora, a energia do sentimento patriotieo e o prurido do partieularismo litterario, originaram o naeionalismo indianista de Gonçalves Dias, temperamento muito mais lyrieo que o de Magalhães, espirito duplamente pessimista pela aeção da atmosphera moral e de sérios desgostos intimos, reeheando artifieialmente a lingua, a que elle dava uma fórma eneantadora, de voeabulos tupis. O deprimente meio soeial ennodoado pela eseravidão, a inaetividade forçada pela auseneia dos labores industriaes e pelo monopolio portuguez exereido no commereio, o meio physieo irritando pelo prompto extenuamento organisações naturalmente melaneolieas e demais abaladas nas suas erenças e nas suas tradições, o isolamento fatal em uma soeiedade fluetuante e ineolôr e a eontemplação da natureza sem um ideal robusto da vida, eonvergiram para a apparição de uma geração de subjeetivistas mereneorios, deserentes e morbidos eomo Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Casimiro de Abreu e Junqueira Freire. Em Alvares de Azevedo, que syneretisa toda esta pleiade de exgottados, o fervoroso trabalho intelleetual e a febre de messianismo litterario não poderam eontrabalançar a queda dos antigos ideaes substituidos pela duvida e o irresistivel impulso do satanismo de Byron e do sentimentalismo de Musset. Artista delieado, de um idealismo exaltado, desnorteado pelo exaggero do seu desespero moral que por ultimo deseambára em um humorismo amargo, amou, eomo o auetor das *Confessions d'un enfant du siècle*, mortalmente. O aleool era para ambos o eonfidente das constantes desillusões das suas almas eavalheirosas e apaixonadas. O eontagio d'este seepticismo desanimador eontrastando com uma irrupção de pantheismo, o sestro da depravação precoee, o viver bohemio nas eidades esseneialmente aeademieas, determinaram a manifestação de alguns talentos poetieos de que

Fagundes Varella é o prototypo. O desalento e a resignação, eis o que resulta d'esta organisação, já meio voltada para o objectivismo. A emoção cessára n'elle de ser méramente pessoal e um sopro de altruismo tristonho enfunava a correcta construcção dos seus versos repassados de grande originalidade, em que desponta a preoccupação dos costumes nacionaes e nomeadamente do nosso viver campezino. O traço do caracter portuguez de heroismo aventuroso junto á emphase americana, as opulencias de uma lingua enriquecida por novos elementos e por novas applicações e os prenuncios de uma reacção naturalista, produziram a escóla chamada *condoreira* de Castro Alves e Tobias Barreto. O primeiro, educado no meio docentio do lyrismo lacrimoso sacudiu de si esta affectação ôca e dedicou-se á poesia revolucionaria e philosophica, sempre guiada por um ideal generoso que para elle se consubstanciára na abolição da escravatura. O segundo, cujo papel na nossa sublevação scientifica indicaremos mais longe, era um lyrico sadio, criado no bom ar oxygenado dos campos sergipanos entre o povo, esse grande poeta anonymo tão espontaneo e foi o ultimo dos nossos romanticos. O estylo animado e metaphorico de Tobias Barreto borbulhou durante a campanha extrangeira, excitando as coragens ao combate e celebrando inspiradamente os triumphos alcançados. Os exaggeros da sua rhetorica hypertrophica e o tilintar dos seus versos sonoros adaptam-se admiravelmente á poesia guerreira, viril e enthusiastica. A forte lucta physica e intellectual que teve de sustentar no começo de sua existencia, se posteriormente definiu um desdobramento aggressivo do seu espirito, tinha então todo o sabor da uma victoria ganha e dava á sua imaginação turbulenta uma impressão de vitalidade transbordante.

Alguns dos nossos romanticos procuraram insuflar folego á epopeia litteraria. Domingos de Magalhães na *Confederação dos Tamoyos*, José de Alencar nos *Filhos de Tupan* e Gonçalves Dias nos *Tymbiras* desenterraram um assumpto d'entre o passado heroico dos indios, mas não só era falsa esta direcção como já nada significa o genero épico na chata sociedade burgueza de hoje, dividida por interesses diversos e solicitada

por ideaes divergentes. Para a apparição do uma epopeia é mister, como em Camões, a condensação n'um espirito da consciencia nacional, ou, como no Dante, a encarnação em uma personalidade das sensibilidades de toda uma geração.

IV

A duvida não é um estado permanente do espirito: a substituil-a surge o facto positivo e averiguado, porque nunca se desmente a lei de evolução humana. Entre nós como na Europa, á cruciante repulsão dos antigos ideaes metaphysicos succedeu o proclamar ruidoso das novas verdades experimentaes, ao baque de instituições caducas o desvendar de progressivos horisontes. A poesia, expressão constante do bello na natureza, tornou-se a expressão do bello no moderno mundo moral: cantou a verdade e a justiça universaes, entrando assim no cyclo da humanidade e tomando, em uma de suas faces, o nome absurdo de poesia scientifica, que tem feito estremecer de colera gerações de lyricos. Sciencia e poesia são, na verdade, termos antitheticos que indicam o predominio, mas não o imperio exclusivo no espirito, da reflexão ou da sensibilidade. Comtudo a poesia não é mais do que a projecção das vibrações do sentimento, e este, se é seduzido pelos traços graciosos de um rosto gentil, tambem póde ser fascinado pelo quadro suggestivo da civilisação. Mas — ao lado da sciencia existe o que Comte, o renovador da philosophia, chamava o *incognoscivel*, espicaçando o nosso espirito apaixonado de mysterio com o aguilhão irritante da curiosidade mal saciada. O proprio ideal não póde ser extirpado sem rasgar dilacerantemente o coração humano, no qual palpita sempre uma aragem de ternura que se manifesta no lyrismo, fórma poetica destinada a perdurar. Á poesia scientifica cabe idealisar as convicções philosophicas e os extasis provocados pelas acquisições maravilhosas de intelligencia. Depois de Lucrecio, é a *Divina*

Comedia o mais antigo producto d'esta poesia inspirada pela philosophia: nascida das convulsões sociaes, das tristezas asceticas e das luctas ferozes da Meia Edade, constitue como que o balanço dado pelo espirito humano a esse mundo medieval cheio de esperanças risonhas rasgando sombras sinistras, fecundo periodo de gestação do mundo contemporaneo. O grande perigo da poesia scientifica reside em algumas vezes cahir no didacticismo, passando a ser de um hymno á sciencia um tratado de qualquer sciencia. Evitado este escolho, ella corresponde exactamente á comprehensão impessoal e philosophica da nossa época.

Da escóla *condoreira*, oriunda do Recife, agitado centro academico e formosa cidade alegremente banhada pelo sol americano que scintilla doidamente na agua dos seus canaes, brotou toda a bellissima florescencia da poesia contemporanea, que em S. Paulo e na capital tem sob faces diversissimas acompanhado em riqueza a expansão pernambucana. Ella é ora realista, com uma ponta de pessimismo ironico á guiza de Baudelaire e Guerra Junqueiro ou compassivamente socialista interessando-se com o olympico Hugo pelos pobres e pelos desgraçados, como em Celso de Magalhães, Souza Pinto e Generino dos Santos; ora enthusiasticamente dogmatica, propagando as recentes conquistas scientificas, como em Sylvio Romero e Isidoro Martins Junior; ora fundamente negativista, perseguindo com afan as theogonias, como em Theophilo Dias, sonetista correcto cujas illusões melancolicas se esvaem n'uma dôce voluptuosidade, e derrubando ardentemente os privilegios, como em Pedro Luiz, Fontoura Xavier e Medeiros e Albuquerque; ora objectivista, ou descrevendo interiores graciosos e esboçando quadrinhos impressionistas, como em Affonso Celso Junior, ou retraçando a vida psychologica do povo brazileiro e o meio physico e social em que elle se move, como em Mello Moraes filho; ora ligeiramente sarcastica, motejando dos nossos ridiculos, como em Valentim Magalhães e Arthur de Azevedo. A fórma transformando-se parallelamente á concepção, sacudiu os exaggeros bombasticos de Tobias Barreto, guardando com-

tudo um masculo vigor e uma pomposa sonoridade, e attingindo até em alguns parnasianos, como em Luiz Delfino, o esmerado fatigante do verso. A poesia parnasiana não se generalisou no Brazil, onde no emtanto Arthur Orlando apregoa a belleza poetica pura, a theoria da arte pela arte, considerando o verso um mero objecto de luxo, porque as emoções pessoaes ahi se não gastaram ainda nem alcançaram o nervosismo requintado das do espirito parisiense. O lyrismo sadio e sincero continúa a ferir a corda suavemente idealista nas meigas composições de Octaviano Roza e nos sonetos primorosos de Luiz Guimarães. O temperamento fogoso quando excitado, acha fuga em sonetos violentamente sensuaes, como os de Carvalho Junior. Mesmo em França o parnasianismo não deixou um sulco profundo, porquanto a sua essencia apenas satisfaz a meia duzia de *refinados* intelligentes, de uma sensibilidade morbida, para quem a palavra tem o valor de um sêr vivo e a poesia bem contornada, pittorescamente disposta, deve pela sua belleza puramente technica suggerir estados emocionaes da alma.

V

A expressão mais acabada do romantismo, considerado como a supremacia da paixão espontanea sobre o sentimento hieratico da tradição classica, encontramol-a no romance. Elle representa verdadeiramente o triumpho da vida domestica sobre a vida publica, do individuo sobre o estado, caracteristico da civilisação moderna admiravelmente definido por Guizot e Augusto Comte, constituindo a realisação perfeita da individualisação litteraria de um paiz pela intima harmonia dos seus costumes nacionaes com os sentimentos humanos. O interesse do romance reside pois todo na observação do meio social reagindo sobre o individuo, e, segundo o predominio de um ou de outro, devemos dividir com Paul Bourget, o genero em duas

especies — o romance de caracteres e o romance de costumes. O segundo desenvolveu-se no Brazil: o primeiro, porém, exige para a sua apparição a vasta lucidez psychologica e o subtil poder analytico de um Stendhal, figura pouco vulgar em qualquer litteratura. Os romanticos brazileiros não demonstrando como os escriptores inglezes uns constantes, austeros e improficuos intuitos moralizadores, tinham como os seus congeneres europeus um typo de belleza preconcebido, que desvirtuava o estudo do documento humano. Sente-se em todos elles a busca de uma estreita concordancia entre o ideal e a realidade, esforço que arrasta com facilidade a imaginação, poderosa em temperamentos muito cheios de vida e promptamente cançados, em desordenadas carreiras. Os nossos primeiros romancistas teem comtudo um immenso valor — o de haver procurado com força, com extraordinario afan, realisar a autonomia litteraria do paiz pela idealisação de seus sentimentos nacionaes e pela observação de seus costumes locaes. Esta preoccupação, a que faltava uma rigorosa orientação scientifica na comprehensão do caracter brazileiro, levou José de Alencar, o vulto proeminente da geração, ao exaggerado indianismo. Era natural que n'esse periodo metaphysico da nossa evolução a recordação das perseguições soffridas pelos indigenas, desde então retrahidos e tornados quasi lendarios, e a ininterrupta tradição de sua destreza e heroicidade, suscitassem a sympathia apaixonada do escriptor que mais ardentemente procurou estremar a differenciação intellectual da antiga colonia portugueza. Saturando-se do espirito tradicional acordado por Gonçalves Dias na poesia, elle investigou nas chronicas poeirentas a determinação exacta do elemento portuguez traçada nas movimentadas *Minas de prata* e, extrahindo das lendas populares a dôce idealisação do caracter indigena, escreveu em uma linguagem desconhecida, melodiosa na sua fluente nitidez, encantadora na sua melancolica meiguice, esses deliciosos poemas em prosa — o *Guarany* e a *Iracema*. A mulher é o centro em volta do qual gyra o cyclo da vida litteraria d'este delicado. Ella subjuga-lhe a phantasia opulenta e serena como a nossa natureza e é o typo estra-

nho da brazileira, mimosa, garrida, voluptuosa, caprichosa, altamente seductora, mixto de bondade e de frivolidade, que se encarna na loira Cecy e na Iracema, a arisca filha dos bosques. Não se parecem estas figuras femininas, mórmente a primeira, com as creações sentimentaes do romantismo europeu: a diaphana transparencia das suas almas candidas é avivada por uns toques de malicia infantil e picante. As pallidas castellãs, languidas e vaporosas, de Walter Scott, e as selvagens ethereas e ingenuas de Chateaubriand dão lugar a umas graciosas predecessoras das gentis fluminenses que Alencar acotovellava todos os dias, productos nevroticos de uma sociedade superficial e buliçosa e que elle pretendeu esboçar na *Diva* e em *Luciola*, dois temperamentos hystericos pouco estudados. A mulher brazileira foi simultaneamente o objecto principal dos romances de Joaquim Manoel de Macedo e tambem dos de Machado de Assis, cujo estylo trabalhado sem fadiga e ironico sem maldade tem um perfeito ar fluminense. Macedo foi quem introduziu no Brazil o romance de costumes, em que o detalhe se multiplica á custa da intriga dramatica. Infatigavel na sua tarefa, o auctor da *Moreninha* viveu delicadamente para desenhar a *silhouette* elegante da *carioca* n'uma monotonia suave e conchegada.

Mas ao lado da vida fluminense, vida futil de côrte, existe a vida provinciana, onde pulsa mais vigorosamente o rude sentir do povo. José de Alencar não foi estranho a este mundo pois elle proprio era um provinciano transplantado; viu-o, porém, em um momento de *humour*, quando as contrariedades da vida politica beliscaram o seu optimismo de homem feliz. A critica nota com razão a tristeza satyrica que enche o seu excentrico *Gaúcho*, refugiado na solidão immensa das pampas em perpetua e cruel revolta contra a sociedade. Em varios dos seus ultimos romances, faltos como todos de rigorosa analyse psychologica, a graciosidade, feição saliente do seu caracter litterario, cede muito o campo ao motejar maligno do despeitado politico e ao azedume agudo do vaidoso desilludido. Mesmo o sertanejismo por elle iniciado é tão falso como o seu india-

nismo. Alencar, o cearense embalado ao som das cantigas dos vaqueiros errantes nos campos perfumados, arrostando descuidados os perigos dos galopes desenfreados atraz de um toiro bravio que se laça e derruba, e soffrendo pacientes os horrores das sêccas, sempre galhofando e improvisando, não teve a justa noção do temperamento d'estes fortes productos mestiços. Muito maior dóse de verdade encerram os matutos agricultores de Franklin Tavora, sobrios, indolentes e fatalistas, cuja precaria situação ociosa e deprimente a recente abolição do trabalho escravo veio modificar sensivelmente. Foi este pernambucano de adopção quem, com Bernardo Guimarães, o observador dos costumes mineiros, primeiro no romance se occupou da alma popular, procurando fixal-a na reviviscencia das sanguinarias tradições locaes, preciosas para a historia intima e sentimental das camadas inferiores da sociedade brazileira. Ambos começavam a ter a percepção consciente da integração do espirito nacional, facto que fornece um colorido verdadeiro ás scenas das suas chronicas romantisadas que já se não parecem com as antigas novellas phantasticas de cujo montão se salvam, comtudo, quasi sósinhas, as pittorescas *Memorias de um sargento de milicias*, de Manoel de Macedo. O naturalismo desponta, no exame dos costumes provincianos para alcançar a nota palpitante da realidade anterior, e no estudo da acção da vida social sobre os instinctos physiologicos. São estas em germen as qualidades e o defeito do novo romance moderno a partir da primeira tentativa de Celso de Magalhães. O poder descriptivo attinge em Aluisio Azevedo e José do Patrocinio effeitos surprehendentes, mas os personagens, muitos d'elles excellentemente traçados, agitam-se sob a unica influencia de agentes de ordem physiologica, como o temperamento, a hereditariedade e a raça, sendo nulla a analyse das paixões e das modificações psychicas por effeito de factores sociaes. Nas obras culminantes de Aluisio Azevedo — o *Mulato*, a *Casa de pensão* e o *Homem* — e na *Carne* de Julio Ribeiro, o typo da mulher hysterica que Alencar atirára ao dominio do romance reapparece sob um aspecto de observação pathologica. Comtu-

do no *Homem* já se procura estudar a acção no espirito, das doenças nervosas. No *Coruja*, tambem do escriptor maranhense, cujo estylo é sempre quente e sobrio, a justa comprehensão do naturalismo se revela na rigorosa evolução do caracter de Theobaldo pela acção complexa do meio social.

VI

A carencia de caracteres determinados com precisão em uma sociedade indistincta e pouco energica, e a superabundancia de emoção pessoal traduzindo-se em uma falta de espirito objectivista, obstaram no Brazil á eclosão de uma litteratura dramatica comparavel com a exhuberancia do lyrismo na poesia e no romance. Comtudo o drama com o seu forte estrugido de paixões e as suas violencias de acção, corresponde exactamente ao periodo romantico, periodo sincero no seu sentimentalismo exaltado, que Theophilo Gautier comparou pelo esplendor á Renascença e durante o qual as luctas travadas tiveram a fé e o ardor das antigas cruzadas religiosas e as victorias o resfolegar ruidoso das sumptuosas festas castellãs da Meia Edade. As phantasias historicas de Domingos de Magalhães são pallidos reflexos de producções europeias e elle apenas procurou a côr nacional no *Poeta e a Inquisição*, que há quarenta annos commoveu as nossas plateias, sobretudo pelo extraordinario relevo que dava ao personagem do infeliz *Judeu* o talento tão suggestivo de João Caetano dos Santos, uma d'essas impetuosas organisações artisticas impellidas por vocação para o palco, e tendo, como Frederico Lemaître e Antonio Pedro, a completa intuição dos caracteres traçados pelo auctor. Muito mais pronunciada côr local, observação e comprehensão psychologica superiores revelam os dramas de Agrario de Menezes, especialmente o *Calabar*, escripto em verso vibrante e caloroso. Gonçalves Dias derramou em alguns dramas a vehemencia do seu subjectivismo apaixonado e Alvares de Azevedo deu liberdade no

Macario á sua imaginação desordenada: são estas producções puramente litterarias sem real valor scenico. A Joaquim Manoel de Macedo não faltaram o *savoir faire* e a nota comica preponderante no nosso theatro, querida do publico, e que distingue as comedias modernas de Martins Penna, Domingos Olympio e França Junior, ironicas e folgazãs. José de Alencar por vezes tentou o drama de these, mas não possuindo aquelle talento de concepção e aquella audacia de realisação de Dumas filho, ao tratar nas suas obras scenicas dos mais altos problemas de moral, escrevendo dialogos demasiado cheios de intenção para um publico geralmente pouco illustrado, elle sossobrou apesar de uns triumphos ephemeros provocados pela delicadeza de tons com que o artista sempre pintava a mulher, de uma certa naturalidade da acção e do dizer espirituoso. O drama estando geralmente decadente, a comedia com a sua rapida e incisiva notação de caracteres devia prevalecer, mas entre nós o excesso da importação franceza estimulando o gosto das plateias pela sua alegria picante e libertina, tem-na atrophiado lentamente.

VII

Após o levantamento do espirito nacional, conscio da sua homogeneidade, na guerra cruenta contra o Paraguay, novos horisontes se abriram ao genio brazileiro. Á grande systematização comteana acclimatada no Brazil por um movimento iniciado em Pernambuco, devemos o repudio da metaphysica improductiva que desde a Independencia caracterisára com a sua rhetorica palavrosa todas as manifestações intellectuaes do paiz. Espiritos latinos, equilibrados e sobrios, em que sempre prepondera o principio da auctoridade, attrahia-nos essa philosophia nitida, dogmatica no seu doutrinarismo, mas eminentemente logica no seu methodo e nas suas amplas generalisações. Algumas intelligencias isoladas haviam já timidamente tentado repellir a invasão do eclectismo

de Cousin propagado por Domingos de Magalhães: data, porém, de vinte annos a uniforme e vigorosa reacção contra o theologismo atrazado e o espiritualismo infecundo. O sentimento religioso entre nós é superficial, e nunca produziria como na Hespanha levantamentos populares. A antiga educação jesuitica e a pezada erudição fradesca tinham, comtudo, introduzido no paiz uma dóse de espirito humanista, cuja feição profana se revela no classicismo de Odorico Mendes e Sotero dos Reis; por isso vêmos a classe sacerdotal, apoiada no fetichismo popular e nas crenças rotineiras da burguezia, luctar contra o positivismo triumphante em uma serie de polemicas, como a de Pereira Barreto com o pastor protestante Nash Morton e a de Tobias Barreto com o clero do Maranhão, como antigamente havia combatido com acrimonia a ironia voltairiana de Abreu Lima e o metaphysismo declamatorio de Saldanha Marinho.

A reacção positivista nascida em Pernambuco, vivaz e fogosa como uma revolta emancipadora, cedo se alastrou por todo o paiz, mas o espirito orthodoxo de Laffite, proclamado no sul em um movimento mais scientifico do que speculativo, atrophiou sensivelmente o fecundo desenvolvimento espiritual que nos deu no norte Celso de Magalhães, Tobias Barreto e Sylvio Romero. O primeiro, morto prematuramente, não pôde deixar um sulco profundo na historia da nossa libertação scientifica, mas intelligencia devéras original e de uma grande capacidade philosophica, ensaiou-se em todos os generos, legando-nos além de um romance, o primeiro no Brazil em que se applicaram os novos processos litterarios, excellentes paginas de historia e de critica e um proveitoso estudo sobre a nossa poesia popular. Tobias Barreto, falleceido ha poucos mezes, e Sylvio Romero não se prenderam nos fortes laços do dogmatismo comteano. Voltando-se pelo estudo da soberba psychologia ingleza para o evolucionismo de Spencer, agruparam em redor da synthese admiravel do philosopho francez as modernas conquistas do espirito humano, e acceitando o transformismo de Darwin espalharam entre os seus discipulos, que se chamam Clovis Bevilaqua, Rocha Lima, Isidoro Martins Junior e Arthur Orlando, o mo-

nismo hæckeliano, isto é, a concepção unitaria e mecanica do mundo. Tobias Barreto, o poeta bombastico, o phantasista sempre embriagado pelas seducções da mulher e pelos encantos da musica, escreveu ultimamente a *Nova Intuição do Direito* e os *Menores e Loucos*. Dedicando-se especialmente ao estudo do Direito, reformou-o, despiu-o das vagas nebulosidades da metaphysica encyclopedica e applicou-lhe o methodo transformista « que considera o crime como uma monstruosidade social e a pena como uma especie de selecção spartana pela qual os criminosos vão sendo postos á parte do organismo social. » Admirador fervoroso da sciencia germanica, escrevendo até trabalhos em allemão, elle procurou constantemente minar no Brazil a influencia franceza nas suas obras realçadas por um estylo bruscamente colorido, frisante pelas comparações imprevistas e por vezes amargamente ironico, tendo-se-lhe azedado o espirito nos annos de solidão em guerra aberta contra o eclectismo official. Sylvio Romero tem sido o iconoclasta da rhetorica palavrosa e o introductor do espirito critico, que estudando o paiz na sua raça, lingua, costumes, tradições e manifestações litterarias, lhe deu a plena consciencia da sua integração como nacionalidade e que, applicado ás provincias como por José Verissimo ao Amazonas e Araripe Junior ao Ceará, vai lentamente convergindo pela notação das suas differenciações para a formação da federação brazileira. Temperamento bilioso, energico e obstinado, intelligencia menos inventiva mas mais equilibrada que a de Tobias Barreto, estylista descuidado mas escriptor fluente, mordaz e aggressivo, Sylvio Romero foi um factor poderoso da nossa recente evolução litteraria, borbulhante de seiva e vibrante de innovação, incansavel em preparar os materiaes para a apparição de qualquer d'esses grandes genios creadores da litteratura que trabalham sobre exposições das idéas correntes no seu tempo. A grande poesia synthetica e impessoal, de Gœthe e de Shakspeare por exemplo, não a podemos conceber sem uma extraordinaria fermentação de vida ou sem grande esforço critico anterior, porquanto, nota-o com razão um illustre escriptor inglez Matthew Arnold, a cultura critica do paiz

substitue como meio a época de renascimento em que apparecem os grandes poetas. Gœthe que não é inferior a Shakspeare, vivia n'uma atmosphera essencialmente culta e d'ahi proveio a sua força.

Da inoculação do espirito critico no Brazil data a regeneração de todos os estudos. A historia que iniciada por um *piocheur* infatigavel, Francisco Adolpho de Varnhagem, não passava de um vasto repositorio de documentos pachorrentamente esmiuçados, elevou-se com Capistrano de Abreu ao estudo das causas e dos effeitos e á comprehensão da complexidade organica do povo analysado nas suas instituições, idéas, crenças, superstições e costumes. A investigação escrupulosa dos factos é certamente a base indispensavel da historia e modernamente ainda devemos ter por preciosas as pesquizas de Valle Cabral e José Hygino Duarte Pereira, tendo derramado as buscas realisadas por este nos archivos hollandezes mais ampla luz sobre o periodo do dominio bátavo e sobre a physionomia insinuante de Mauricio de Nassau; a historia, porém, não póde ser exclusivamente narrativa, tem de esforçar-se por determinar a marcha da evolução. As primeiras tentativas de historia philosophica encontramol-as no Brazil nos trabalhos do maranhense João Francisco Lisboa, o pamphletario erudito do *Jornal de Timon* e biographo impeccavel do Padre Antonio Vieira, cujo caracter malleavel elle definiu precisamente. As sciencias experimentaes atravessam uma phase de florescencia como a dos fins do seculo passado, apto porém o espirito pela comprehensão positiva da successão progressiva d'ellas para não ir esbarrar no creacionismo deista nem no negativismo materialista. Ao acaso lembramos os nomes do geologo Araujo Ribeiro, dos botanicos e ethnogenistas Barbosa Rodrigues e Ladislau Netto, dos physiologistas Lacerda e Domingos Freire, do anthropologista Couto de Magalhães, dos philogogos Baptista Caetano e Julio Ribeiro, e dos philosophos Guedes Cabral, Pereira Barreto e Vianna de Lima. Todo o paiz desabrocha esperançosamente. Estimulado o enervamento causado pelo clima pela contínua infiltração de sangue estrangeiro, quebrados os velhos moldes rotineiros de

administração e de finanças, regenerado o trabalho manual pela emancipação do escravo, o Brazil sente pulsar a vida nas suas arterias. Surge a iniciativa particular na industria, a agricultura deixa de ser ciosamente exclusivista e renova-se por mais adiantados processos de cultivo, o nivel intellectual levanta-se quotidianamente pela diffusão da instrucção publica e pelas idéas importadas pelos emigrantes, e o moral sobe pela rehabilitação do trabalho e pela ruina do feudalismo rural. Reduzida á impotencia esta oligarchia territorial predominante nas provincias durante o imperio, e dissolvida a excessiva centralisação monarchica, o espirito nacional, desannuviado e sadio, instigado por antigas tradições accumuladas e pelo espectaculo maravilhoso da civilisação europêa, guiado na sua evolução por um sentimento de patria nascido de um passado commum e consagrado na guerra estrangeira, sente novas aspirações de sciencia positiva e de renovação politica, traduzindo-se estas no ideal da federação.

Lisboa, outubro de 1889.

Oliveira Lima.

A CORISTA

I

Estavamos, n'essa noite, uns cinco no camarote do visconde. Representava-se somnolentamente uma opereta estafada e gasta, entre um velho scenario esburacado e em frente d'uma sala quasi vasia. O gaz, a meia luz, augmentava a melancolia d'essa *reprise*, tentada como o ultimo esforço d'uma empreza infeliz, a dois passos da ruina. Essa tristeza resumava, alli, de todos os cantos, como uma transudação de miseria e de decadencia. Percebia-se na desafinação desleixada da orchestra, reduzida ao minimo de executantes; no esganiçamento com que as *divettas*, decotadas e vestidas de phantasia, lançavam o *couplet*, que de malicioso passára honestamente a semsaborão; nas caretas forçadas e contrafeitas dos centros comicos; na declamação distraída, inconsciente, inexpressiva, monologada como uma reza ou dialogada como uma lição de catecismo em perguntas e respostas; nas marchas e contramarchas somnambulas dos córos; nos descuidos de marcação; na pobreza das decorações; no desbotado e rapado do guarda-roupa de velludilhos murchos e setins amachucados; no abandono das plateias deixando vêr desoladamente o esqueleto descarnado das bancadas desertas — e, emfim, no aborrecimento mazombo dos poucos espectadores, de boccas escancaradas no contagio invencivel do bocejo.

O visconde tinha a taciturna paixão das mulheres de palco. Era n'esse mundo d'um brilho apparente, d'um esplendor de pechisbeque e lentejoila, mas d'um fundo real de desleixo e sordidez, que elle procurava as suas amantes — pelas quaes se apaixonava com um amor furioso e sombrio. Não tinham já conta as suas ligações d'este genero. Todas as santas noites as passava agora n'esse theatro, cuja empreza mais d'uma vez ajudára a tirar de apuros — durante a representação debruçado no parapeito de velludo escarlate da sua friza, nos intervallos farejando a mulher no ar infecto e entre o acotovelamento promiscuo das caixas, ou n'um camarim embasbacado em extasis defronte da sua favorita de momento. No palco era muito popular — immensamente estimado e respeitado. Ajudava a passar beneficios e brindava a todos, homens e mulheres, nas suas festas artisticas. Esportulava generosamente os fiscaes, os bilheteiros, os porteiros, os guardas e toda a cauda humilde de empregados inferiores que as emprezas theatraes arrastam atraz de si. Em se dizendo no theatro o *snr. visconde* ou o *visconde*, simplesmente, já se sabia que era aquelle e nenhum outro: — todos os mais eram viscondes d'isto ou d'aquillo: elle, porém, era o visconde por excellencia. Na sua passagem tudo se desbarretava e curvava. O emprezario corria ao seu encontro, mal de longe o avistasse, empurrando meio mundo, galgando como n'um *steeple chase* os mais perigosos obstaculos de adereços amontoados ou de alçapões abertos. O velho Praxedes, o melhor *centro* da companhia, venerado da critica e idolatrado das plateias pelos seus esgares de truão avinhado, chamava-lhe sempre o *nosso homem*. As coristas e comparsas tinham com elle todas as complacencias: mais d'uma havia saído da fila para desempenhar as segundas partes, sob o seu omnipotente patronato. Depois sabia-se que tinha na mão dois ou tres jornalistas que faziam revistas theatraes em outras tantas folhas muito lidas. Esses jornalistas eram os *souteneurs* das suas amantes na imprensa. Elle pagava-os, assignando-lhes letras e regabofando-os com boas ceias nos gabinetes reservados do *Leão d'Oiro*.

O seu camarote tornou-se assim o *rendez-vous* de meia du-

zia de adoradores da Thalia buffa da cidade, que iam ali á noite fazer a côrte a esse sultão dos camarins, ostentando em painel de catitismo os seus fracs de lapellas floridas, as suas luvas côr de tijolo, os seus bigodes frisados á mosqueteira. Depois seguiam-no nas *flaneries* amorosas através do palco, namoriscando atraz dos repregos, na sombra discreta dos cantos obscuros, beliscando os braços das coristasitas bréjeiras e tratando por *tu* os galans mais lançados. D'alguns mesmo se chegaram a murmurar historias de infidelidade para com o seu magnifico e generoso amigo. Mas a verdade é que a este não se lhe dava de abandonar á voracidade erotica dos companheiros os restos babujados e mastigados dos seus festins sensuaes: só resguardava com um ciume feroz, um verdadeiro ciume animal, o capricho do ultimo momento, a paixão brutalmente dominadora que o trazia doido, furioso, perdido d'amor, durante algumas semanas.

Ora, n'essa noite, encontrei-me casualmente na companhia d'esses senhores. Fôra ao theatro procurar um amigo e o visconde, que me apanhára n'um corredor, engaiolou-me á força na sua frisa.

— Venha vossê ouvir a Rosalia nos *couplets* do segundo acto. Olhe que ha de gostar. A rapariga diz aquillo bem. Tem graça... tem expressão. Sublinha deliciosamente a letra...

A Rosalia era a sua actual amante — uma magrizela, um pau de virar tripas, de linhas angulosas, muito caiada, mas com uma cara picante, dentes soberbos e dois grandes diabos d'olhos, negros, chammejantes, peccaminosos, que ella abria muito como n'uma exaltação de desejo, ou semi-cerrava como n'um spasmo beatifico de volupia. Toda a sua arte se cifrava n'esta alternativa de olhares. Não tinha voz, e a pouca de que dispunha velava-a já a rouquidão do alcoolismo. Era torpemente devassa — uma d'essas devassidões diabolicas de hysterica. Mas o seu amor de vampiro, exhaustivo e nevrotico, incendiava o sangue do visconde e proporcionava-lhe um delirio de gozos torturados, que mulher alguma lhe fizera ainda sentir. Assim já esta

paixão ia no seu setimo mez — cada vez mais cega, mais absorvente, mais excitada e mais feroz.

A Rosalia appareceu em scena, com as claviculas núas e descarnadas e os longos braços magros faiscantes de joias. Era uma princeza disfarçada em florista. E esta florista — que scintillava de pedraria! — vestia um costume de setim amarello, raiado de negro, todo collante, deixando á mostra as meias de sêda preta salpicadas de flôres de oiro, e os sapatos com tacões metallicos. O cabello, pintado de louro, saía debaixo d'um degenerado chapeu *bergère* de velludo negro, e franjava-se sobre a testa, n'uma felpa desgrenhada de cão d'agua.

A luz crúa da ribalta, batendo de chapa n'essa especie de espectro negro e oiro, fazendo-lhe flammejar os setins e as joias, augmentava com os toques mordentes e duros do gaz a estranha apparencia d'essa esqueletica visão macabra, revestida de côres funebres.

Mal a viu entrar em scena, o visconde, com os cotovelos fincados na borda do camarote, assestou-lhe o binoculo de marfim. E sem a perder de vista um instante commentava para o lado:

— Reparem como ella diz isto agora... Admirem esta scena muda, senhores!... Veja vossê que sorriso aquelle, que intenção no olhar... Ah! é uma grande artista, deixem-se de coisas! O que lhe falta é escóla.

Entretanto a Rosalia saltitava, saracoteava-se na rampa, subindo, descendo, papagueando sem consciencia o seu papel e rebolando sempre os seus grandes olhos tenebrosos, ora brilhantes como duas contas de onyx, ora amortecidos, eclipsados n'um lascivo cerrar de palpebras. A sua vista volvia-se insistentemente para o nosso lado. E a cada um d'esses olhares notei que o binoculo tremia nos dedos do visconde — e que na sua face baça e molle de homem gasto se accendia um rubor de desejo.

A peça desenrolava-se na sua monotona semsaboria. As situações mais comicas, os ditos mais picaros, os trocadilhos mais apimentados, pareciam destillar tedio — e passavam funereamente entre o silencio glacial do auditorio, ao mesmo tem-

po que as vozes dos artistas se confundiam indistinctas na sonoridade da sala quasi erma. Mas de subito, depois d'um duetto com o Praxedes, que fazia um papel de rei, a Rosalia saíu de scena aos pulinhos — e uma fila de coristas, em *travesti* de pagens, entrou pelo fundo ao som d'uma marcha solemne. Eram umas doze mulheres de plasticas destoantes, umas esguias, outras esphericas, umas liliputianas, outras monumentaes, exhibindo em *maillots* de algodão branco uma extraordinaria collecção de pernas, que corria toda a gamma das deformações caricaturaes — desde as coxas mais monstruosamente hydropicas até ás canellas mais lamentavelmente sêccas e mumificadas.

O côro desceu até ao proscenio depois de algumas evoluções — e formou em linha. A um signal intimativo da batuta, brandida energicamente pelo *maestro* como quem vai fazer atacar com bravura um trecho importante — movimento que pareceu despertar momentaneamente a orchestra da sua modorra — todas aquellas doze boccas se escancararam n'outros tantos buracos negros e d'essas guelas, como dos tubos d'um velho orgão roufenho, saíu uma desharmonia aspera, erriçada de fifias penetrantes, uma chiadeira arrepiadorà, cortada de ganidos roucos, que me fez comprimir fortemente os ouvidos com as palmas das mãos.

O visconde havia passado o binoculo a um dos seus amigos, que logo o assestou petulantemente sobre essa galeria de estafermos — legitimos e authenticos. Este tinha a especialidade das coristas. Conhecia o gallinheiro todo — como elle proprio dizia. Mas, mal tinha chegado as lentes aos olhos, ouvimol-o quasi simultaneamente exclamar:

— Olá! carne fresca!...

Esta phrase poz no ar todo o camarote.

— Aonde? aonde? — inquiriam com uma chamma avida na vista, n'um movimento geral de curiosidade, debruçados sobre o parapeito.

— A quinta contando da esquerda — explicou. — Não conheço aquella cara...

O visconde arrebatou-lhe o binoculo:

— É verdade! — confirmou logo. — Á direita da Epiphania das pernas gordas... É nova, não ha que vêr!

E com a bocca inflada, accrescentou, sublinhando o adjectivo n'um tom brutal:

— E boa como seiscentos mil diabos!

Mas já o binoculo passára ás mãos d'um terceiro que repetia a phrase n'outra variante:

— Boa como o bom melão!

Por fim achei-me tambem de binoculo em punho e ouvi o visconde que me dizia:

— Ó menino, não perca vossê aquillo... Olhe que é um verdadeiro appetite. Hein?

Pela minha vez observei essa maravilha desconhecida, essa estrella que despontava entre uma bem réles e ordinaria constellação — diga-se a verdade. Com effeito era linda, muito bonita mesmo. E só a distracção, produzida pelo enorme tedio que se apossára de mim, poderia ter feito com que desde logo a não houvesse extremado d'entre o grupo das suas infelizes companheiras.

Não era alta, mas tinha um aprumo, uma harmonia de fórmas, uma pureza de linhas, uma agilidade e uma graça nos movimentos, que lhe davam o destaque da unica individualidade humana no meio d'essa recua de femeas, obesas e tropegas como phocas ou corcovadas e angulosas como camellos tisicos. O busto — modelado n'um corpete de setineta azul claro — firme, d'hombros levemente descaídos, de pequenos seios apenas indicados n'uma curva suave, assentava erecto, mas flexivel e *cambré*, n'uns quadris fortes, bombeados sem exageração. E as pernas, bem direitas, nasciam roliças e cheias sob os pequenos calções golpeados — e afinavam-se n'uma delineação purissima até aos artelhos, terminando por uns pés que se adivinhavam pequenos e estreitos, apesar de mal e pobremente calçados.

Porém, mais bella ainda de que o seu corpo, era talvez a sua cara e a sua dôce e meiga physionomia — uma d'essas physionomias de *boa rapariga*, onde a doçura do coração se

espelha crystallinamente, com o magnetico poder das sympathias instantaneas. Era loira e branca — um loiro fulvo e quente e uma brancura rosada, que dava um aspecto de fructo são á sua carne fresca e firme, sem uma tremura, sem uma préga molle de chumaços adiposos. As suas feições miudas, infantis, o seu pequeno nariz ligeiramente arrebitado, os seus beiços d'um córte bem marcado, arqueados em petala, deixando entrever duas fiadas de bellos dentes, allumiavam-se com o fulgor dos olhos — uns grandes olhos claros, cheios de luz — quando ella timida, enleada, os erguia como a medo, para logo os abaixar entre um rubor pudico.

Percebia-se que tudo na sua pessoa era natural e espontaneo. Não havia alli o menor artificio de *coquetterie:* era a innocencia da belleza inconsciente de si propria, a innocencia da graça ingenita, trazida como um dote de Deus. E entre todo esse mulherio habituado ao palco, com os gestos, os modos, a attitude, a expressão, a *toilette*, educados pelos modelos das primeiras partes, das *estrellas* em maré de successo — essa debutante acanhada, mal á vontade no seu costume de donzel, com uma ponta de medo e vergonha na vista vaga e incerta, sobresaía victoriosa n'um pleno triumpho de formosura e gentileza.

— Onde diabo iria o Valle desencantar aquillo? — interrogou o visconde.

— Fosse onde fosse, o que é preciso é tratar quanto antes de explorar aquella mina — respondeu o D. João das coristas.

— Ah! descança, meu rico! que d'esta vez tens homem pela prôa! — atalhou o visconde.

— Não senhor! — bradou sorrindo o outro. — Os córos são propriedade minha. Fará favor de me não entrar em casa!...

E uma disputa alegre levantou-se entre todos. Da plateia ergueram-se para a frisa algumas cabeças, despertadas por aquella animação repentina. Os olhares das coristas convergiram tambem para o nosso lado. Reparei até que a Epiphania das pernas gordas sorria idiotamente, abrindo uma bocca de orelha a orelha. Mas, ao pé d'ella, o objecto d'essa acirrada

porfia continuava embaraçado, não se atrevendo a erguer a vista para não fitar a plateia, nem ousando baixal-a de todo como se receasse vêr-se alli despida, com as pernas em exhibição, perante essa gente estranha que a mirava.

O resultado da disputa foi uma aposta sobre aquelle a quem a rapariga *daria cavaco*. Cada um apostou por si: premio d'esta *poule* galante — uma ceia regada a Champagne n'um gabinete do *Leão d'Oiro*. A ceia seria paga pelos vencidos e dada em honra do vencedor. Por isso, apenas o panno caíu, o visconde tomou do cabide o seu chapeu alto e encaminhou-se para o palco, seguido dos amigos.

II

Ao cimo da pequena escada, que do fundo d'um dos corredores da plateia dava accesso para a caixa, e em cujo patamar um unico bico de gaz flammejava, mortiço e frouxo, um porteiro somnolento ergueu-se tirando respeitoso o seu bonnet ao encarar com esse patrono da casa, diante do qual todas as portas se abriam e todas as prohibições, affixadas em grossas letras para o publico, se derogavam servilmente. O porteiro empurrou o guarda-vento de baeta verde, cuja mola rangeu asperamente — e achamo-nos em pleno mundo dos bastidores.

Reinavam ahi a confusão e a desordem propria dos entreactos — que se augmentára com um pequeno incidente: um panno de fundo que se prendera n'outro e que os machinistas não podiam descer. Da scena o contraregra gritava e gesticulava para o urdimento, os carpinteiros gritavam e gesticulavam do urdimento para a scena, emquanto em baixo toda a comparsaria em grupos, de nariz no ar, seguia com curiosidade essa complicada manobra.

O visconde atravessou com a sua marcha solemne e pesada esse pequeno tumulto — e dirigiu-se para um grupo onde divisou

alguns costumes de pagens. Rondou em torno, d'olho arregalado e narina fremente, como um garanhão que se aproxima d'uma manada de egoas na pastagem. Mas de lá apenas lhe sorriu, com uma lascivia bestial, a Epiphania das pernas gordas. A nossa rapariga não estava ahi. Nova inspecção a outro grupo com o mesmo resultado. Entretanto os amigos d'esse Mecenas da opera-buffa iam-se ficando aqui e além, detidos por um olhar, por um aceno, por uma palavra de alguma velha intimidade, que os fisgava na passagem. E, n'uma volta, lobriguei mesmo o meu D. João das coristas internando-se na sombra, para o lado do gabinete dos adereços, na companhia da monstruosa Epiphania...

Porfim achamo-nos sós, os dois, já cansados d'aquelle acotovelamento com balandraus sujos de cortezãos e braços suados e molles de floristas e camponezas, d'onde se evaporava um cheiro azedo de corpo humano mal tratado, uma exhalação de miseria e de desleixo. O novo astro persistia invisivel, n'uma occultação desoladora. Tinhamos batido todos os cantos da caixa, policiado todos os ajuntamentos, farejado atraz dos repregos e dos bastidores. Nada! O visconde então, olhando desanimado para as varandas d'essa enorme caranguejola dos camarins, que ao fundo do palco se sobrepunham em andares, observou-me:

— Naturalmente está lá em cima. Ella logo descerá, quando dér o signal... Entretanto venha vossê d'ahi dar dois dedos de cavaco ao camarim da Rosalia.

E tomando-me o braço, arrastou-me comsigo. A porta do camarim estava entreaberta. O visconde metteu a cabeça perguntando para dentro:

— Licença para dois?

— Pois não... — respondeu de lá a voz rouca da *divetta.*

Correu-se um reposteiro de cretone — e na claridade do pequeno gabinete, forrado de rosa, illuminado pelo gaz que se reflectia n'um grande espelho oval emoldurado em pellucia, entre uma atmosphera de *veloutine* e de *stephanotes*, appareceu-nos a figura sêcca da Rosalia, com os seus grandes olhos negros

flammejantes d'um vicio estupido. O visconde apresentou-me:

— O meu particular e querido amigo Fulano...

Ella estendeu-me a sua longa mão ossea, branca de caio, e, dando-me um *shake hands* saccudido, que fez tilintar as manilhas nos pulsos magros, murmurou um *Tenho muito gosto...* terminado pela reticencia d'um sorriso.

Eu curvei-me, saudei n'ella a Musa da opereta, comparei-a á Schneider, á Theo, á Judic, elogiei-lhe a voz, pasmei diante do seu talento, mostrei-me assombrado da sua elegancia — tudo isto com a ironia mais descarada que a physionomia humana póde exprimir. Comtudo, a meu lado, o visconde babava-se — e ella, deixando caír languidamente as palpebras, respondeu-me n'uma voz arrastada, com uma denguice imbecil:

— É muito lisongeiro...

Depois trocaram-se meia duzia de banalidades. Ella continuava a rebolar olhares provocantes, mexendo e remexendo os pequenos nadas do toucador, dando ao espelho uns ultimos toques na *maquillage,* puxando para a testa as farripas, passando o vermelhão pelos beiços. Estava agora vestida de setim branco, um vestido de côrte, de phantasia, farrapagem verdadeiramente inclassificavel, que tinha um pouco de todas as grandes épocas caracteristicas do vestuario.

Um timbre vibrou. Era o primeiro signal.

— Ai! deixem-me arranjar! — disse-nos. — Tenho de estar em scena ao subir do panno... Vou pôr o manto.

Já a costureira entrava toda azafamada. Era uma rapariguita magra, ruiva, sardenta, de peito sumido, agitado por uma tossesita sêcca e persistente. Tomou do cabide um grande manto de velludilho azul, que lançou aos hombros da Rosalia, pregando-lh'o a correr com alfinetes que tirava nervosamente do fôrro do seu casebeque. Nós despedimo-nos, eu com uma reverencia em angulo de noventa graus, o visconde com uma caricia rude que a fez exclamar sorrindo:

— Arréda, brutinho!

Mal tinhamos, porém, andado uma duzia de passos, démos de cara com um dos nossos companheiros derriçando com um

pagem, atraz d'um amontoamento de mobilia de papelão pintado. E logo, de relance, sem hesitações, reconheci emfim n'esse pagem a nossa admirada corista, procurada em vão durante todo o entreacto! Aproximamo-nos. Elle gesticulava, fallando em surdina. Ella, meia voltada, quasi de costas, presa entre o rapaz e os accessorios que tinha em frente, conservava-se muda, de cabeça baixa.

— Olá, seu felizão! — bradou o visconde ao amigo, batendo-lhe no hombro.

O outro voltou-se.

— Então! vêem vocês isto?... Uma scena! Já me offereci para lhe enxugar as lagrimas com beijos, mas a ingrata recusa...

Com effeito a rapariga chorava. Eram grandes lagrimas silenciosas, lagrimas de timidez e vergonha offendida, que lhe banhavam o rosto afogueado. Parecia querer refugiar-se atraz d'um alto throno de pasta doirada, que alli estava, occultar-se na sombra, sumir-se, desapparecer, tornar-se invisivel. Não tinha um gesto, não tinha uma palavra. Defendia-se apenas com a sua resignação, com o seu silencio, com o protesto mudo do seu pranto. Se via que uma mão ousada avançava para ella, retraía-se, encolhia-se, como um animal medroso em frente da ameaça d'um castigo. Era a revolta humilde da fraqueza oppondo a todos os insultos, a todas as affrontas, a todas as violencias, o escudo fragil e virginal do pudor.

Fazia dó essa attitude tão sincera de humilhação e vergonha. Senti impetos de pôr cobro áquella scena repugnante esbofeteando esse libertino e arrancando d'alli pelo meu braço essa infeliz mulher, desamparada e inerme — fosse ella quem fosse! Mas, emfim, as *ideias do mundo* impunham-me um procedimento menos theatral e menos exaltado. Seria ridiculo arvorar-me em Quichote de Dulcineas equivocas. Era dar uma sorte de mil diabos! Por isso todas as minhas cóleras explosiram attenuadas n'uma banal expressão compassiva:

— Coitada! Deixem-n'a...

Mas o visconde é que não admittia aquellas resistencias,

aquellas *comedias*, como elle dizia. Aquillo era o seu harem, a sua capoeira. Queria em todo esse mulherio uma obediencia passiva de femea em frente dos caprichos do macho. E assim, sem mais rodeios, deitou-lhe a mão a um braço para a fazer voltar, para a vêr bem de frente, resmoneando entre os dentes:

— Basta de creancices!

Ella, porém, toda tremula, os olhos razos de agua, ergueu para elle as mãos n'uma supplica. E a sua voz quasi extincta, mas d'uma doçura commovedora, balbuciou apenas:

— Ó meu senhor, deixe-me por quem é! não me faça mal...

Insensivel, o visconde tomou-lhe brutalmente os pulsos, ia a insistir: mas n'esse mesmo instante a orchestra começou a symphonia e o contraregra, que andava pelos camarins avisando os actores e juntando os córos, ao vêr alli aquella corista retardataria, gritou-lhe de passagem:

— Vá, menina! Para a scena, para a scena...

Este incidente salvou-a. Instinctivamente o visconde afastou-se e ella, apressada, quasi a correr, foi encorporar-se no côro, como uma rez desgarrada que, sentindo-se perseguida, busca pôr-se a salvo entre o rebanho.

Ainda fizemos um movimento para a seguir, quando um estranho personagem com um largo gesto nos deteve no caminho. Era o Praxedes — arrastando um grande manto real de velludo côr de purpura com arminhos de flanella branca e emblemas heraldicos de papel dourado. A sua grande tromba avinhada, os seus olhinhos pisqueiros e devassos, as bochechas espapaçadas, gordurosas, com farruscas de rolha queimada e rosetas de carmim, a beiça tremula e caída de besta velha — davam-lhe assim, visto de perto, um aspecto mais repellente, mais sordido e bestial. Era uma carcassa putrefacta, roída de vicios miseraveis e abjectos, fedendo a alcool, resuando uma lascivia obscena de orangotango.

O visconde, a quem os seus dois outros amigos já se haviam reunido, abraçou-o, rindo muito dos seus dichotes pesados, da sua laraxa porca. A proposito de mulheres referiu-se cyni-

camente ás suas infelicidades domesticas: — Porque eu pertenço, senhores, eu pertenço á grande legião... — dizia-nos em ar de confidencia, com um entono de *barbas* de velha farça. E aconselhava-nos a que nos não mettessemos *com aquelle gado.*

— Isto, visconde amigo, são peiores do que cabras!

Começou então desfiando os escandalos, os concubinatos e as intrigas d'esse pequeno mundo do palco. O panno subira já, os córos orneavam a plenos pulmões; mas elle, incansavel, enfiava historias, dava pormenores, revelava segredos, polvilhando a sua chronica de piadas em calão fadista, de sentenças de philosopho de taberna.

O visconde aproveitou o ensejo para lhe pedir informações sobre a nossa corista.

— Não sei d'onde veio aquella joia — respondeu. — Está no lugar da pobre Ismenia, coitadita! que lá esticou a canella a semana passada, lambida por uma tisica galopante... Tenho-a visto ahi, nos ensaios, vestida muito pobremente, com uma manta de malha pela cabeça e um chalesito preto já ruço... Alguma desgraçada que caíu ahi para não morrer de fome. *Pobresita!* — exclamou, hespanholando a pronuncia, — está aqui está prompta...

E n'estas suas ultimas palavras passou um clarão de piedade e dó. Tinha visto assim muita miseria, muita perdição, muita desgraça — n'essa terrivel promiscuidade dos palcos. Uma sua filha saíra-lhe d'alli gravida aos dezeseis annos, para rolar depois até a um casebre miseravel de viella, levada no turbilhão do infortunio. Contou o caso sem reservas nem pudor. Um momento ennevoou-se-lhe a vista, a voz tremeu-lhe, duas lagrimas bailaram-lhe entre as palpebras. Parecia que a consciencia da propria abjecção lhe dava á alma um fremito de remorso purificador. Depois caíu na resignação fatalista — que é o refugio de todos aquelles a quem a sorte tem sido adversa.

— Coisas da vida!... — murmurou, melancolico e amargo.

Mas bruscamente, mudando de tom, interrogou:

— E sabe o meu caro visconde o que é vida? sabe?...

Afastou-se um passo, teve uma pausa, encarou-nos com seriedade como quem nos ia revelar uma verdade tremenda — e porfim disse o que no seu entender julgava ser esse eterno problema.

— É isto, meu nobre amigo, — concluiu — é isto mesmo: ora ahi está!

— Ó Praxedes! é vossê agora... — avisou-o de improviso o contraregra, chegando esbaforido. — « El-rei vem sombrio » — é a deixa.

— Lá vou, lá vou, — respondeu o actor. — Até já, meus senhores! — accrescentou voltando-se para nós.

E, compondo o manto, vimol-o entrar na claridade da scena com a fronte vergada ao peso da corôa de latão, os braços caídos, a purpura rastejante. A côrte curvou-se na sua passagem e ao cabo d'alguns segundos ouvimol-o bradar com voz tremula:

— Pesado fardo é este da governação d'um Estado! Nem tempo nos dá de catar as pulgas...

Da plateia partiu uma gargalhada. Era um dos grandes ditos da peça.

N'isto, vi aproximar-se de nós um sujeito, que tocou familiarmente no hombro do visconde. Este voltou-se, exclamando quasi simultaneamente:

— Olá, seu Valle!

Era o Valle, o grande Valle, o famoso emprezario, o implantador da opereta nos nossos theatros! O visconde apresentou-m'o logo. Devia ter os seus cincoenta annos. Baixo, ventrudo, offegava n'uma gordura doentia de cardiaco. O bigode grisalho, ralo e curto, deixava-lhe á mostra a dentuça podre, negra do tabaco. Extremamente myope, contraíra um habito que se transformára n'uma especie de *tic* nervoso: estava sempre a ageitar as grossas lentes de crystal sobre o nariz. Tinha uma physionomia intelligente, mas que inspirava repulsão: percebia-se através d'ella o trampolineiro d'officio, o bohemio que se arrastára, esfomeado e cynico, pelos misteres mais dubios e suspeitos. Em toda a sua pessoa, no modo de relancear a vista

por cima das lunetas, no gesto theatral de *cabotin*, na constante declamação pretenciosa, no desleixo e decadencia d'um janotismo mirabolante — sobrecasaca clara, collete de um largo xadrez, gravata espalhafatosa, o collarinho muito decotado — suspeitava-se logo o intrujão, o batoteiro, o litterato de botequim, o foliculario assalariado dos papeis de *chantage*, o emprezario fallido a cada empreza. Com effeito passára por tudo isso. Ainda agora redigia o *Chicote*, um papelucho onde se abocanhavam todos os que podessem comprar caro o silencio dos insultadores: e passava por ser o auctor d'uns celebres contos obscenos, que a policia apprehendera, dias antes, nos kiosques.

Com modos preoccupados, o nosso homem pediu logo ao visconde duas palavras em particular. Afastaram-se um pouco e vimol-os um momento gesticulando e dialogando baixo, absorvidos n'uma conferencia animada. Um dos amigos do visconde piscou-me o olho murmurando:

— Entalão no caso! Tem a quinzena á porta e naturalmente está a apitar...

Mas, instantes depois, os dois voltavam. Vinham rindo, muito intimos, braços enlaçados.

O visconde ao aproximar-se annunciou-nos logo:

— Plenamente informado sobre a dama dos nossos pensamentos! Difficil, meus amigos, muito difficil!... — accrescentou cynicamente. — É uma honesta mãe de familia...

— Uma honesta mãe de familia, aquella linda rapariga! — exclamou o freguez das coristas.

— Oh! é todo um drama! — pronunciou em voz lenta, com gesto largo e cerrando os olhos, o amigo Valle. — Todo um drama, meus caros senhores!

— Homem! conte-nos isso — instou um dos outros.

Então o emprezario convidou-nos a entrarmos no seu gabinete. Estava-se lá mais á vontade para se cavaquear.

Seguimol-o. O gabinete ficava á direita, ao lado do guarda-roupa. Subia-se para elle por uma meia duzia de degraus. Era um cubiculo, onde mal cabiamos os seis. Das paredes o papel, desgrudado pela humidade, pendia lamentavelmente

em farrapos. Dois velhos reposteiros de reps verde, muito desbotados, velavam as portas e uma pequena janella que abria sobre um becco. Pelos muros espalhavam-se algumas photographias apagadas de actores e actrizes em costumes, velhas paginas de jornaes de caricaturas com allusões theatraes, um regulamento do theatro encaixilhado e um kalendario de esfolhar. A um canto arrumava-se uma pequena estante com rimas de partituras e librettos manuscriptos: no outro uma banca ordinaria de cerdeira, atulhada de papeis empoeirados e grossos tomos de escripturação. Junto da banca um bico de gaz ardia, sibilando.

Foi ahi que o Valle, agitando-se no meio do quarto, gesticulando em permanencia, nos detalhou com um entono pathetico esta simples historia, que elle pomposamente appellidava de *drama.*

III

Chamava-se Carolina e fôra em tempo costureira de modista. Tinha perdido pae e mãe muito cedo e ficára de pequena vivendo com a avó — uma mulher d'armas activa, videira, que tinha uma lojita de adela. Creou-se entre os farrapos, manejando desde os oito annos a agulha — de fórma que aos quinze era já uma mestrasinha de costura. A avó metteu-a então em casa d'uma senhora D. Mathilde, que trabalhava para fóra. Com o tempo, aperfeiçoando-se, passaria *d'atelier* d'uma modista franceza.

A snr.ª D. Mathilde tinha apenas comsigo uma meia duzia de rapariguitas, que não lhe saíam debaixo dos olhos. E como a casa era a alguns passos apenas da loja da adela, a Carolina continuou resguardada, livre dos perigos que cercam uma rapariga entregue a si propria e aos maus exemplos e maus conselhos de companheiras já pervertidas. Mas quando, dois annos depois, foi recebida em casa de madame Sélys — começaram as relações perigosas com as outras, os cancans d'*atelier,* as correrias pe-

las ruas da cidade, a chalaça jogada pelos perseguidores gulosos de carne fresca, a abordagem sinistra das alcoviteiras — toda essa rêde de tentações corruptoras estendida á inexperiencia da vida e ao impulso obscuro dos instinctos.

A Carolina era bonita — um delicioso palminho de cara d'uma frescura de flôr orvalhada. E a sua belleza era mais um risco, que trazia em contínuo sobresalto a pobre da avó, cuja vida de moura, uma vida de labutação sem treguas, lhe não permittia andar sempre no encalço da neta. O seu receio d'um desastre, d'uma queda irreparavel, tornára-a desconfiada, impertinente, sempre cheia de ameaças. Se via entrar a rapariga triste e pouco expansiva, berrava-lhe logo, mostrando o punho cerrado:

— Põe-te a pensar em tolices, põe, que te faço os ossos n'um feixe!

Se ao contrario ella lhe apparecia alegre, afogueada, a rir d'alguma historieta que ouvira no caminho, a ameaça variava de fórma sem variar de sentido:

— Anda! arreganha por ahi a taxa a esses malandros, e depois, se te acontecer alguma, canta o *ai! ai!*

Mas apesar de tudo isto, apesar mesmo do seu genio alegre, a Carolina não se compromettia nem «dava que fallar de si.» E quando a avó lhe descobriu o namorico com o Daniel, o official de alfaiate que morava defronte, viu logo com prazer que a rapariga se sabia pôr no seu lugar, obrigando o rapaz a tomar muito a sério aquellas relações.

O namoro durou alguns mezes — sempre sob o olho vigilante da farrapeira. Esta havia-se informado. O alfaiate dava garantias. Era trabalhador, mettido comsigo, arranjado e economico. «Fraca figura! — dizia a velha, que tivera por companheiro um alentado soldadão da municipal — fraca figura! mas bom moço!» — Com effeito o Daniel era um encolhido, um magro, dobrado pelo trabalho — apenas com a belleza maricas da sua pelle transparente, do seu ondeado cabello castanho, do seu dôce e avelludado olhar negro, onde a bondade da sua alma se denunciava abertamente. Não lhe conheciam um vicio:

não fundia a féria na taberna, não arranchava ás patuscadas habituaes dos companheiros, não jogava, não fumava, nunca lhe tinham descoberto outra inclinação. Com isto — sério, levando a semana toda curvado sobre a obra, pontual, exacto, intelligente, muito estimado dos mestres. Era um partido — não havia a menor duvida.

Mas a abelha-mestra da avó, pratica da vida, comquanto o negocio lhe quadrasse, exigiu um bello dia que lhe pozessem a coisa em pratos limpos. O Daniel, honestamente, fallou-lhe liso e claro. E assim o casamento tratou-se e realisou-se logo.

O primeiro tempo foi como uma maré cheia de felicidades. O Daniel a custo dava vencimento á obra, ajudado pela mulher, que deixára a modista. A velha continuava com o seu negocio, cada vez mais activa e mais avára. Saude no corpo, paz na alma — e entre essa trindade de trabalhadores a harmonia dos que se sentem unidos por uma mesma vontade e um esforço commum. Em cada anno, com uma precisão igual á das forças genesiacas da terra, creava-se um fructo humano, um filho, cujo apparecimento apenas vinha aggravar aquella vertigem de trabalho. E apesar das gestações, dos partos, das amamentações successivas, a Carolina não perdia da sua belleza, da sua frescura, d'esse não sei que de puro e de intacto que, ao atravessar a rua, apressada, d'olhar baixo, composta e cingida no seu chale, lhe dava um ar de virgem, tranquilla na inconsciencia da natureza adormecida.

Um dia, porém, a avó teve um ataque de paralysia que a deixou hemiplegica. Todas as suas economias se foram em medicos, em banhos de caldas e banhos de mar. Mas, coisa d'um anno depois, o ataque repetiu-se e aquella rude trabalhadora deu por fim descanso nos sete palmos da sua cova á pobre e desconjunctada carcassa, que tão duramente se aguentára na valorosa conquista do pão nosso de cada dia.

Sós, os dois continuaram na brecha. Tiveram de mudar de casa e foram para os baixos d'um predio novo, que se alugava aos andares. Foi ahi que o Valle os conheceu. Elle morava no terceiro. O Daniel, nas horas vagas da obra encommendada pe-

los grandes estabelecimentos, voltava-lhe casacos ou ajustava-lhe fundilhos em alguns velhos pares de calças, rejuvenescidos com um banho de benzina e uma passagem de ferro. Era um *ménage* estimado na visinhança: tudo n'aquelle canto respirava ordem, harmonia e esse ar de arranjo, que é o conforto dos pobres. Ella, então, viva, expedita, trabalhadeira, levava a sua tarefa com uma alegria d'ave — cantando sempre. De manhã á noite, a mourejar em casa, ajudando o homem sentada á machina, lavando no tanquesito do pequeno quintal as roupitas das creanças — a sua voz forte, sã e afinada, subia d'esse *rez de chaussée* entoando a canção popular do dia, retalhos de opereta a que estropeava os versos, reminiscencias de *pots pourris* tocados pelas bandas, aos domingos, nos passeios. Muitas vezes, encantado com aquella esplendida voz, o Valle havia-lhe proposto, rindo, que entrasse para o theatro. Promettia-lhe um futuro unico, perspectivas de luxo e riquezas, um crescendo de successos, com aquella magnifica garganta e aquella deliciosa carinha que Deus lhe dera.

Ha tempos, porém, notára que a rapariga cantava menos. Não lançava já a voz com o *entrain*, a alegria, a vivacidade, que faziam d'aquelle canto como que a emanação d'uma alma absolutamente feliz. Apenas trauteava a *mezza-voce* cantigas melancolicas, arrastadas como um suspiro, dolentes como queixumes. Depois começaram longos periodos de silencio. Agora havia seis mezes que aquelle constante gorgear d'ave cessára de todo.

O Valle informou-se. As coisas em baixo iam mal. O homem adoecera. Appareceu um dia a deitar sangue pela bocca. Venceu a primeira crise, retomou o trabalho. Mas seguiram-se outras, exigindo despezas de medico e de botica, que foram lambendo a pequena reserva do *pé de meia*. Com a falta de trabalho vieram as primeiras privações, os primeiros desequilibrios economicos. Recorreu-se ao principio a alguns pequenos emprestimos por uns dias, por umas semanas, emprestimos contraídos com visinhos tão pobres como elles. Depois passou-se ao *prego:* e lá foram caír o pouco oiro da rapariga, o relogio e a corrente de prata do official.

Ella, entretanto, resoluta e heroica, duplicava os seus esforços. Matava-se a trabalhar, de dia, de noite, debruçada sobre a machina, repartindo-se entre as voltas da casa, os cuidados dos filhos e o tratamento do pobre doente. Conseguiu assim, evitando tudo quanto era superfluo, sacrificando tudo quanto era inutil — ter sempre a panella ao lume e os remedios á cabeceira do enfermo. Todo o trabalho lhe servia, nenhuma tarefa a assustava. Assim, uma mulher sua conhecida, ajustada para ir servir fóra da terra, propoz deixar-lhe um filhito mediante uma pensão de uns tristes dezoito tostões por mez. Apesar de ter uma ninhada propria de quatro creanças, aceitou o negocio e trouxe para casa o pequeno.

Foi n'estas circumstancias que o Valle se encontrou um dia com ella ao entrar para casa. Fallaram. Ella contou-lhe ingenuamente as suas miserias, os seus trabalhos. E elle, presentindo que toda essa desgraça podia muito bem levar-lhe de reforço aos seus pobres córos decadentes o auxilio d'aquella bonita rapariga com a sua deliciosa voz — relembrou-lhe as antigas propostas. Sorriu-se: — Credo! entrar para o theatro! Deus a livrasse de tal! E nem o seu homem consentia.

O emprezario, porém, adivinhando que a necessidade viria mais tarde ou mais cedo a vencer aquella repugnancia, lançou astutamente uma cifra.

— Pois, menina, sempre lhe dava desde já uns seis tostões por noite — quando mais não fosse, para a ajudar. Seis tostões: — repetiu — e são só quatro pequenas horas de prisão, entre as oito e a meia noite...

Passou tempo. O homem peiorava. O mais insignificante esforço para trabalhar prostrava-o para uns poucos de dias: a obra não lhe saía das mãos: os mestres já não lhe queriam dar que fazer. A situação d'esse pobre *ménage* começou a tornar-se afflictiva. Na tenda, no padeiro, no talho — haviam esgotado o seu limitado credito. Nem mais uma codea fiada! — E agora, perseguidos implacavelmente pelos credores, tinham a roer-lhes os mingoados recursos mais uma bocca avida, voraz, insaciavel — a divida!

Um dia, tinha o Valle acabado de almoçar quando a creada lhe veio dizer que a mulher do alfaiate lá de baixo o procurava. Mandou-a entrar, com um palpite de triumpho:

— Então sempre se resolveu, menina? — perguntou-lhe mal a viu.

Ella fitou-o com estranheza — como quem não percebia a phrase. Depois, recordando-se, exclamou com um sorriso:

— Ah!... não, senhor! não é por isso que cá venho.

Não era, com effeito. O que ella queria era vêr se o Valle lhe arranjava um beneficio. Estavam na ultima, deviam muito, contava com os olhos marejados de lagrimas. Um beneficio salvava-os: podiam pagar o que deviam e para um tempo «até vêr no que as coisas davam», era o pão seguro e o medico certo. E pedia, supplicava, quasi de mãos postas, com um clarão de esperança no seu bello olhar claro. Era uma esmola, uma caridade! Matava-se a trabalhar, mas as despezas eram muitas, as dividas accumulavam-se: em poucos dias entrar-lhes-ia a fome em casa.

O Valle, condoído, começou por dizer-lhe que sim, que não havia duvida, mas ponderou-lhe logo que ia jogar uma carta arriscada. Estava-se no fim da época, o publico abandonava os theatros, quasi todas as noites tinham a casa ás moscas. Passar um beneficio, n'estas alturas, era difficil. Tinha ella protecções para isso? Bem via: o caso era sério. E se em vez de lucro a recita nem désse para a diaria? Sabia que tinha de pagar o theatro, os actores, a orchestra, o guarda-roupa, a illuminação, os cartazes, os empregados, etc., etc.? Ah! pois ahi estava!... Isso de beneficios era uma santa historia! Quando se não tinha meia duzia de protectores, que se encarregassem de passar a casa, eram mais aquelles em que se perdia do que aquelles em que se ganhava...

E, paternalmente, aconselhou-a a que tirasse d'ahi a ideia. O que devia fazer era aceitar a sua antiga proposta. Deixasse-se de tolices! Podia acreditar que havia lá pelos palcos muita gente honesta e boa. Era um officio como outro qualquer. E quem tinha dedo para a coisa abria caminho, fazia carreira...

Mas a rapariga, desconcertada, vendo fugir-lhe, desfazer-se como um sonho rosa e oiro esse plano salvador, longamente acariciado no meio das mais vivas esperanças — ficára muda, abatida sob o golpe d'essa desillusão. O Valle, julgando-a apenas hesitante, instou, lançou de novo a sua cifra tentadora. Ella, porém, franzindo o sobr'olho n'uma contracção de energia resoluta, disse-lhe simplesmente:

— Muito obrigada, meu senhor. Mas lá isso — não!

E saíu.

Comtudo, ao cabo de duas semanas, á mesma hora, a creada tornou a annunciar ao Valle que a mulher do alfaiate lá de baixo o procurava.

— Temol-a outra vez ahi com o beneficio! — pensou comsigo. — Mande-a entrar.

A rapariga entrou.

Estava mais magra, mais pallida, sem essa irradiação de alegria tranquilla, de paz interior, que fazia o encanto particular da sua belleza. Lia-se-lhe na face o desapparecimento de toda a esperança — ligado a essa terrivel pertinacia d'um esforço, determinado apenas pelo instinctivo sentimento do dever.

— Então que ha? — inquiriu o Valle ainda abancado á meza, esgaravatando os dentes.

Ella, de olhos baixos, ruborisada, torcendo nervosamente entre os dedos a ponta do chale, teve um movimento de hesitação. Porfim respondeu:

— É que... sempre me decidi. O meu homem está por tudo... Vinha saber se o senhor ainda me queria...

E rompeu n'um chôro convulsivo, a soluçar, a arquejar, com grossas lagrimas que lhe inundavam as faces afogueadas de vergonha.

O Valle enterneceu-se. Vieram-lhe tambem as lagrimas aos olhos — jurou-nos! Não se imaginava nada de mais simples e de mais dramatico, accrescentou. Aquillo n'um palco, dito assim como ella o dissera, era de levantar uma plateia em peso!

Procurou consolal-a, animal-a. Tornou a fazer-lhe a apolo-

gia da gente do theatro. Más cabeças talvez, não dizia que não — mas bons, excellentes corações! Era um preconceito, uma ideia falsa — essa que em geral o povo fazia dos que desdenhosamente chamava *comicos*. Ella veria! Uns pobres diabos! Depois traçou-lhe um quadro risonho da sua situação desde que entrasse para o theatro: sempre aquelle dinheirinho certo, a vida mais desafogada, menos afflicções para saber como havia de pagar aqui e acolá, satisfazer os juros dos penhores, mandar aviar as receitas e fazer as compras... Ia entrar no céo. Veria — tornou — veria...

E o ajuste concluiu-se rapidamente — ainda entre as lagrimas e os soluços da pobre Carolina, que não despregava os olhos do chão.

Logo ao outro dia foi ao primeiro ensaio. Provaram-lhe a voz ao piano. Excellente! soberba! Um verdadeiro successo! Fazia-se a *reprise* d'uma opereta velha — *O Talisman*. Havia uma vaga no côro dos pagens. Encaixaram-n'a lá, sem mais rodeios, sob uma ordem terminante e sêcca do *maestro* e do ensaiador.

Quando, no proprio dia do seu debute, uma costureira lhe foi acertar o costume com que, horas depois, devia apparecer em scena — a pobre rapariga teve uma revolta de pudor offendido. O que? metter-se n'uma roupa de homem? apparecer assim diante de Deus e de todo o mundo com as pernas á mostra, quasi despida? Não! nunca! — bradava ella — Nunca! Isso nunca!

Houve uma scena. O fiscal interveio rude e brutalmente. Fallou-lhe em multa, em tabella, ameaçando-a, tratando-a logo por *tu*. Ella tentou reagir, mas o fiscal, furioso, redobrou de ameaças e de brutalidades. Quebrada de todo, cedeu, tremendo. Via decerto, agora, o doloroso alcance do seu compromisso. Lembrava-se da quinzena, que, sob um pretexto de caridade, o Valle lhe adiantára para a segurar — a quinzena que voára logo dispersa em mil pequenos gastos ou sugada pela ganancia dos crédores! Sentia-se presa, enleada, amarrada áquelle velho casarão do theatro, cujos cantos obscuros, cujos nichos myste-

riosos, lhe faziam correr na espinha um calafrio de terror. Alugára-se, vendera-se, perdera a sua liberdade! Agora era ir para diante, obedecer cegamente, arrostar com o trato grosseiro de todo esse mundo dubio em que se via envolvida, com a curiosidade viciosa dos freguezes do palco, com a despotica soberania do publico: — soffrer, emfim, de cara alegre e calar-se resignadamente. Estava lançada a sua sorte: não podia já voltar atraz. D'um lado algemava-a o dinheiro, recebido e gasto: do outro impellia-a a miseria. E, humildemente curvada a essa fatalidade superior, que a trouxera até alli, buscando n'ella uma razão que a escusasse aos seus proprios olhos d'esse estado aviltante a que se via reduzida, esperou a noite como as martyres esperavam a hora do sacrificio, entre o rugir das feras e o vozear do amphitheatro em delirio. Tambem alli lhe iam dilacerar, em publico, o pudico recato de esposa e de mãe!

IV

E era a esse sacrificio que nós vinhamos de assistir, aggravando-o com a nossa insolencia, as nossas audacias libertinas, as brutalidades do nosso vicio irreverente e cynico! Era a essa especulação sacrilega com a miseria, a essa profanação dos mais puros sentimentos femininos, que nós tinhamos prestado um torpissimo concurso, auxiliando com as nossas devassas perseguições o martyrio d'essa pobre mulher!

O Valle terminára a sua longa narração. Então o visconde, que até alli se conservára enterrado, espapaçado na cadeira em frente da banca, distendeu os braços, espreguiçou-se — e n'um tom indifferente, bocejando, exclamou:

— Coitadita!...

Saímos. Já havia caído o panno sobre o ultimo acto. Tudo debandava. Os machinistas desfaziam a scena. Apenas a meia luz das gambiarras allumiava a caixa quasi deserta. Vultos de

homens e de mulheres desappareciam na obscuridade, atraz dos repregos, lançando uma saudação de despedida: boa noite, ó este! adeus, ó aquelle! Percebia-se pelos corredores e pelas escadas o tropear da multidão que evacuava o theatro. E na orchestra um velhote, silencioso e lento, recolhia as partituras e abafava carinhosamente os contrabassos nas suas bactas desbotadas.

Largo tempo decorreu sem que eu voltasse ao theatro. Havia quasi esquecido a pobre corista e a sua triste e desgraçada historia. Não tornára a vêr nem o viseonde, nem esses interessantes jovens que lhe formavam continuamente o estado maior nas suas campanhas galantes. Esse episodio do palco tornára-se no meu espirito uma simples recordação vaga e banal.

Mas uma noite, uma noite desoccupada em que depois de jantar seguia ao acaso flanando pelas ruas, encontrei-me, sem muito bem saber como, á porta do theatro. O cartaz affixado no atrio annunciava em grandes letras vermelhas *O Talisman*, em beneficio do actor Praxedes. O actor Praxedes! Este nome despertou em mim a recordação apagada d'essa noite de palco. Regateei um bilhete com o primeiro contractador que me abordou, um gaiatão de chapéo flamenco, gaforina caíndo-lhe em topete sobre os olhos e calça apolainada — e entrei.

Afóra o aspecto da casa cheia, umas bandeirolas e uns festões d'hera nas columnas dos camarotes — tudo alli era tão exactamente o mesmo que eu tive a estranha sensação de que uma hora da minha vida se repetia immutavel e inalteravel.

O mesmo scenario, a mesma desafinação, a mesma semsaboria, a mesma falta de vida — as mesmas macaquices grotescas do Praxedes, os mesmos olhares estupidamente lascivos da Rosalia! Assaltado d'um tedio igual ao que me tomára, mezes antes, perante aquella somnolenta pantomima, ia a erguer-me para saír, quando o côro dos pagens entrou, entoando a sua marcha. Procurei logo na fila essa pobre Carolina, a infeliz protogonista do famoso drama do Valle. Lá estava, lá estava como da outra vez ao lado da sebacea Epiphania das pernas gordas...

Ah! mas quão differente! Parecia que só ella mudára alli! Encarava já com desplante as primeiras filas da plateia. A cabeça alta, as mãos nas ilhargas, lançava toda a voz que destacava, sonora e afinada, entre os grunhidos das companheiras. Perdera àquella timidez, aquelle recato, que davam a essa mãe a pureza e a virgindade d'uma Madona. O seu bello olhar claro em vez de se abaixar, n'um embaraço pudico, corria a sala, firme e altivo, com uma scintillação dura, um reflexo metallico, denunciador d'uma profunda metamorphose psychologica. Da Madona casta saíra a Aphrodite soberana e dominadora, a deusa dos dissolutos amores...

Que fôra? que houvera? que se passára n'esse anno em que eu não voltára ao theatro? que epilogo teria tido o drama, o celebre e decantado drama do Valle?

Não o indaguei, não o quiz mesmo saber. Só com espanto e magua reparei que o seu costume era novo, que o seu *maillot* era agora de sêda — e que nos lobulos rosados das suas orelhas dois grandes solitarios ardiam, cambiando os seus fogos irisados...

Luiz de Magalhães.

OS FILHOS DE D. JOÃO I [1]

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *Lus.* IV, 50.

V

O LEAL CONSELHEIRO

Livido, o cadaver de D. João I jazia sobre o seu leito mortuario. Em volta, os filhos — salvo D. Pedro que vinha a galope de Coimbra, e o conde de Barcellos afastado pelo norte em suas terras — de pé, n'um silencio de estatuas, guardavam o defunto. Eram todos homens feitos, quando o velho rei morreu, em 1433. O bastardo contava cincoenta e seis annos, D. Pedro quarenta e um; e dos presentes, D. Fernando, o mais novo, estava nos trinta, D. João tinha trinta e tres, D. Henrique trinta e nove, e D. Duarte que recebia a corôa da cabeça inanimada alli cahida, fazia n'esse anno quarenta e dois. De todos os irmãos, D. Duarte era o que mais succumbira: dir-se-hia ter acabado tambem, abraçado á alma do pai, levado nas azas negras da morte.

Fr. Gil Lobo, seu confessor, chegou-se a elle respeitosamente e bateu-lhe ao de leve no hombro. D. Duarte fitou-o com o olhar pasmado.

— Acorde, senhor, para o officio de rei!

[1] Continuado da pag. 573, numero do 1.º de novembro.

O rei, desoladamente, levou as palmas á face e aguentando a cabeça chorava como uma creança...

Amortalharam o defunto, metteram-no no caixão, cobrindo-o com um panno de velludo negro, e á noute foi levado em andas pelos proprios filhos, com os condes e grandeza do reino, n'uma lugubre procissão de tochas, n'um côro de espantoso pranto, desde o paço até á Sé, que ficava proxima. D. João I morrera em Lisboa [1].

Havia um certo tempo que se contava com o desenlace para breve. El-rei dia a dia definhava. Pesado, não eram tanto os annos que o carregavam, pois não tinha mais de setenta e sete: eram os accessos que sempre se repetiam com frequencia maior. Um mez antes fôra para Alcochete, queixando-se, adivinhando o seu fim proximo; e como lá peiorasse, declarou aos filhos que não lhe convinha acabar em aldeias e desertos: levassem-no á sua principal cidade, a Lisboa, e ao seu paço da Alcaçova, para ahi morrer.

Antes d'isso porém quiz despedir-se dos santos da sua guarda, encommendando-se para a fatal viagem que se avisinhava. Tiveram de o levar á Sé, e ahi, em todo o seu estado, ouviu a missa solemne dita no altar de S. Vicente, de toda a sua devoção, e seu patrono para o dia terrivel e proximo em que appareceria diante de Deus. Pelo cerebro ennevoado passavam-lhe remorsos velhos, farrapos de nuvens batidas pelo vento da memoria. A capella que mandára levantar a S. Vicente não estava acabada ainda, e, para pagar essa divida, limpando a consciencia de sombras, quando se chegou ao Offertorio na missa, offereceu elle tambem um sacco de ouro amoedado, o necessario para a conclusão da obra.

D'alli quiz ir dizer adeus a Nossa Senhora da Escada, junto a S. Domingos, e, voltando á Alcaçova, bem disposto, em paz comsigo, confiado na protecção dos seus santos, entregou-se aos religiosos para o prepararem a bem morrer. Mas antes, passando a mão pela cara e sentindo a barba crescida,

[1] Pina, *Chron. D. Duarte*, I; nos *Ined.* I, 75.

disse que lh'a fizessem, para que depois de morto um rei não ficasse espantoso e disforme [1]. Tudo levava a crêr que a morte se consummaria segundo o ritual, com todos os sacramentos da Egreja. De repente, porém, o juizo toldou-se-lhe, perdeu a razão e o sentido, de fórma que á magoa da morte juntou-se a desgraça de o verem morrer sem disposição de perfeitamente descarregar sua consciencia [2].

Eram quinze de agosto quando expirou, aos quarenta e oito annos certos do dia famoso de Aljubarrota, aos dezoito exactos d'esse outro dia igualmente fatidico em que largára de Lisboa para a jornada de Ceuta. O sol tambem se eclipsou, apparecendo eris como no dia triste da morte de D. Philippa [3]. Fr. Gil Lobo batia no hombro de D. Duarte:

— Acorde, senhor, para o officio de rei!

Mas o crepusculo d'esse dia entrava na alma atribulada do rei, onde nenhum relampago de vaidade ou ambição conseguia rasgar com luz a sua melancolia dolente. Eclipsára-se tambem o sol de Aljubarrota, cujos raios eram de fé audaciosa. Passivo, desfeito, quebrado, o rei não acordava. Parecia somnambulo. Um vago medo invadia a todos. Andava o ar saturado de maleficios. A nuvem da superstição, filha do susto, crescia progressivamente, abafadora. Confessado e commungado, prompto para a coroação, estava o rei, quando mestre Guedelha, o judeu que na côrte exercia o cargo de physico e astrologo, veiu arrastando-se de joelhos diante de D. Duarte, supplicar-lhe que dilatasse até depois do meio-dia. Era perigosa aquella manhã; constellações funestas! Jupiter estava retrogrado, o sol em decaímento, e no céo palpitavam signaes assás infelizes... O rei, pousando-lhe amigamente a mão sobre o hombro, com o parecer melancolico e um olhar fatidico em que se descortinava a crença vaga nas predicções, respondeu-lhe devagar:

— Bem sei, mestre Guedelha, que me amas... Não duvido

[1] Pina, *Chron. D. Duarte*, I, 71-3.
[2] *Ibid.*, IV, 80.
[3] *Ibid.*, I, 73.

que a Astronomia seja boa, e uma das sciencias entre todas permittidas e approvadas; porém creio em Deus sobretudo. Com sua mão e ordenança são todas as coisas. Este cargo seu é...

Cahindo-lhe a cabeça sobre o peito, passavam-lhe na idéa as visões de um fado adverso; mas resignava-se a cumprir, como holocausto, os designios de Deus. O christianismo creára com effeito nas imaginações, acima da idéa antiga, naturalista, do fado, uma segunda *moïra*, mais absoluta ainda por ser voluntaria e consciente. Astrologos e kabalistas, toda a especie de advinhadores do futuro pelos caracteres enygmaticos escriptos nas folhas sybillinas do livro da natureza, rematavam os seus prognosticos pela phrase consagrada *Deus super omnia.*

Submissamente, com o desespero na fronte enrugada, o physico murmurou:

— Seja assim... O que eu pedia não era grande coisa; accrescentou com uma esperança.

— Não; não o farei, pois o não devo; por não parecer que mingúa em mim a fé e a esperança em Deus.

— Poucos annos reinareis, observou propheticamente o astrologo, inspirado pelo orgulho da sciencia. Poucos, e esses cheios de grandes fadigas e trabalhos...

D. Duarte ficou pensando na morte.

Emquanto na praça, fóra do paço, o povo como uma creança, prompto sempre á alegria cheia de esperanças, aeclamava o novo rei já coroado, elle que tinha ao lado o bispo de Evora disse-lhe somnambulamente:

— Bispo, queria que no cabo d'este auto, aqui, diante de mim se queimassem umas poucas de estopas por lembrança e comparação que esta gloria e pompa do mundo assim dura pouco e passa mui brevemente...

A melaneolia do seu espirito reelamava symbolos bem nitidos que a traduzissem. Sentia-se fadado para o sacrificio. Martyr quasi voluntario, martyr em todo o caso predestinado, curvava a cabeça ao cutello que via no ar, suspenso da mão de Deus. O bispo, com auctoridade, retorquiu:

— Senhor, a memoria e conhecimento que d'isso tendes, escusa por agora outra ceremonia [1].

O rei calou-se, abafando um suspiro.

Principiava a agonia de cinco annos que foi o seu reinado.

Era um homem excellente, mas sem vontade, em quem o caracter se manifestava apenas pelo escrupulo. Escravo da sua palavra, foi d'elle que veiu o proloquio, aliás tão pouco exacto, da « palavra de rei que não volta atraz » porque, pelo contrario, são os principes que mais vezes se vêem forçados a desdizer-se. Esse escrupulo, ou firmeza quasi supersticiosa, estava-lhe expresso na face apagada e sem côr. Rosto redondo, imberbe, avelhantado já pelas rugas prematuras, com um olhar incerto, ou antes perdido e vago, com os cabellos castanhos corredios empastados sobre as fontes, D. Duarte não deixava de possuir um certo encanto; mas a seducção que exercia, dolentemente effeminada, vinha da graça, da affabilidade com que recebia a todos, parecendo pedir-lhes perdão do alto cargo que occupava e para o qual reconhecia em si proprio a insufficiencia.

Chamavam-lhe *eloquente*, não porque tivesse o dom de persuadir com a sua palavra captivante ou enthusiastica, mas por prezar as letras como « grammatico e algum tanto logico » [2]. Foi o litterato coroado, com os vicios e qualidades d'esta classe de homens, e acima de todos, com essa paralysia da vontade que provém da inclinação fatal de communicar ao proximo, escrevendo, aquillo que se pensa e por isso se imagina querer. A litteratura tem este defeito inherente: toma a nuvem por Juno, confundindo as obras com as palavras. E o litterato mediocre apresenta esta aggravante: dar valor de ensino ás banalidades que lhe passam pelo cerebro, como passam pela idéa de qualquer outro que todavia não pratíca o vicio de as communicar ao proximo.

A Renascença, que é d'onde data a idade da reflexão nos tempos modernos, inicia a éra do predominio dos *eloquentes*,

[1] Pina, *Chron. D. Duarte*, II, 76-7.

[2] *Ibid.*, III, 79.

já porque os homens sahem de todo do periodo de espontaneidade activa e semi-barbara; já porque a reflexão dos modernos teve por muito tempo o caracter de uma imitação mais ou menos servil das idéas dos antigos restauradas.

Com os vicios e qualidades do litterato, D. Duarte, sem ser um mediocre, não se podia dizer um espirito superior. N'outras condições talvez o fosse; mas o facto de tèr nascido principe, n'um momento historico em que a energia nacional pulsava com violencia, impellindo-o tambem o proprio exemplo dos irmãos, e levando-o a saturar-se de um saber acaso demasiado para a capacidade limitada do seu espirito, exageraram a tensão d'este ultimo, forçaram-lhe as cordas a ponto que, principiando por fazer d'elle um valetudinario, acabaram pelo matar, quando uma tragedia cruel, que não teve força para impedir, fez transbordar o calix amargo da sua triste vida.

Assustava-o a violencia tragicamente sombria do infante D. Henrique, a vastidão dos seus planos, o arrojo dos seus designios; achegava-se á protecção de D. Pedro, cuja segurança de animo affectuosamente grave quadrava mais á sua timidez de litterato; porque outro defeito d'esta especie de homens é a hesitação proveniente de terem dispendido toda a audacia em phrases. E a timidez crescia-lhe agora, n'este momento grave da acclamação, vendo-se coroado, e não vendo junto de si o infante D. Pedro.

Quando em Coimbra o infante soube o pai agonisante, largou para Lisboa n'um galope. Em Leiria, porém, recebeu a noticia da morte do rei. Parou; vestiu-se de luto, aproveitando a pausa para escrever ao successor uma longa carta politica e moral. Muitos e gravissimos problemas se agitavam; mas acima de todos havia dois da maxima importancia. Um, de politica interna, era a situação do reino explorado desapiedadamente pela cobiça dos fidalgos com quem D. João I tivera de o repartir em paga do serviço de o levantarem no throno. Outro, de politica externa, mais grave talvez ainda e directamente ligado com a economia do reino, era a conquista do imperio

de Fez e o plano de descobertas que enlouquecia o infante D. Henrique. O saber, a prudencia, a philosophia de D. Pedro, dictavam-lhe os conselhos ao irmão, cuja debilidade de animo não desconhecia. Devagar, a passo, ruminando as suas idéas, foi seguindo até Bellas, onde encontrou D. Duarte e lhe fez a sua reverencia e homenagem. Ahi se jurou logo o herdeiro presumptivo, D. Affonso, nascido no anno anterior, e o primeiro *principe* que houve em Portugal, confiando-o o rei á tutella dos dois tios [1].

Talvez n'este momento D. Duarte meditasse algum dos numerosos tratados em que se vingava, escrevendo, da passividade do seu genio. Não nascera para reinar, nascera para aconselhar. Tudo lhe servia de thema para composições mais ou menos interessantes. Sem energia decisiva, satisfazia-se registrando no papel submisso, que obedece a tudo, as congeminações nebulosas do seu espirito. Presentia atribuladamente a tempestade que pairava no ar com o choque do genio dos irmãos: o despeito cubiçoso do conde de Barcellos, chefe natural da fidalguia ávida que pretendia rematar a partilha do reino, iniciada na guerra da successão; as ambições ardentes de D. Henrique, accendendo o enthusiasmo dos irmãos mais novos, impacientes por darem pasto á força da idade; a influencia que em D. João devia ter o sogro desde que casára com a sobrinha, filha do conde de Barcellos; a inquietação de espirito de D. Fernando, a quem tivera já uma vez de dar conselhos n'uma pendencia com o pai... Escrevera esse papel, como escrevia tudo, pontualmente, methodicamente. Vinha-lhe isso da mãi, ingleza.

Escrevia tudo, porque o seu espirito, sem energia nem profundidade, tinha todavia a extensão propria da gente indeterminada. Os seus tratados são um compendio das cogitações do tempo, e podem considerar-se o diario da sua vida. Um dia redigia as regras de governar, recopilando o que lêra no *De regimine principum* que era o evangelho politico do seculo;

[1] Pina, *Chron. D. Duarte*, IV-V; 80-5.

outro dia dissertava sobre as regras de bem cavalgar, reeditando o que o pai escrevera no seu tratado de monteria. Depois, a economia domestica: do que se deve aos creados; depois, a economia politica: das valias do pão conforme as valias do trigo; depois, sermões e glossas mysticas; depois, observações mineralogicas, astronomicas, biologicas, nas quaes se descortina a nuvem de mysticismo naturalista em que a sciencia vinha despontando; depois, dissertações moraes; depois, notas de estado, papeis politicos sobre as questões accesas; depois, regras de demonologia, velho terror que se não dissipára ainda e nos tempos novos ia tomar um caracter transcendente e tragico, entrando no direito pela porta da religião, á maneira que a Egreja se encarnava no Estado com a definição do poder absoluto de principes profundamente christãos [1].

[1] As obras de D. Duarte, conforme o catalogo formulado pelo visconde de Santarem na edição do *Leal Conselheiro* (Paris, 1842) feita pelo P. Roquette, são as seguintes:

a) Papel que escreveu quando seus irmãos foram a Tanger.

b) Conselho que deu ao infante D. Henrique quando foi com uma armada sobre Tanger.

c) Motivos que teve para fazer a guerra.

d) Lembrança que escreveu do nascimento de seus filhos.

e) Observação da lua.

f) Cousas que foi requerido nas primeiras côrtes que fez em Santarem.

g) Cousas que pertencem ao bom capitão.

h) Observações sobre as côres de pedras de mina de metal.

i) Lembrança dos premios devidos a certas classes de servidores.

Todos estes tratados estavam trasladados n'um livro da Cartuxa d'Evora, d'onde os mandou copiar o conde da Ericeira, e foram publicados por Sousa, *Hist. Geneal. Provas*, I, 529 e segg. Ficaram ineditos os seguintes:

j) Tratado do bom governo, da justiça e dos officiaes d'ella (em latim).

k) Da Misericordia.

l) Summario que, sendo infante, deu a M.e Francisco para prégar do Condestavel.

m) Memorial para Fr. Fernando ordenar a prégação das exequias d'el-rei D. João I.

n) Regimento para aprender a jogar as armas.

o) Resposta, sendo principe, ao infante D. Fernando sobre algumas queixas que elle tinha de seu pai.

Quando se lêem as obras de D. Duarte, se da falta de originalidade do pensamento vem um traço para a comprehensão do seu caracter, cotejando-as com o catalogo da sua livraria, observa-se que o rei possuia completamente a sciencia do seu tempo, e que, sem innovar, sabia comprehender. Meticuloso, como letrado que era, não lhe bastava lêr: carecia de reproduzir por escripto as proprias leituras, coando-as pelo seu espirito bastante incolor [1].

*
* *

É esta a impressão resultante do exame do *Leal Conselheiro* que, se tivesse datas, seria um diario completo da sympathica e melancolica existencia de D. Duarte, esse rei cheio

p) Padre nosso glossado.

q) Como se tira o demonio.

r) O que se toma dos parentes: patria, leite.

s) Que cousa seja a detracção.

t) Ordenação sobre as cousas domesticas e a ordem que tinha no governo e despacho.

u) Um tratado sobre as valias do pão, conforme as valias do trigo.

v) Livro da ensinança de bem cavalgar toda a sella. — Publicado em 1842, em Paris, pelo P. Roquette como appendice á edição do seguinte.

x) *Leal Conselheiro,* vasta compilação em que estão compendiados na sua maior parte os tratados de D. Duarte.

[1] Os livros de uso de D. Duarte constam do catalogo impresso a primeira vez por Sousa, na sua *Hist. geneal. Provas,* I, 544, onde se registram, entre os antigos, as obras de Cesar, de Cicero, na traducção do infante D. Pedro, a *Dialectica* de Aristoteles, Seneca e Valerio Maximo. Da litteratura cavalleiresca e romanica vêem-se os livros de Tristão, de Galaaz, o Conde Lucanor, as *Trovas* de D. Diniz e D. Affonso, e a *Monteria,* de D. João I. A historia moderna entra com as chronicas de Hespanha e Portugal; o direito com as Ordenações de Bartholo e o *De regimine principum;* as sciencias, a geographia contribuem com as obras de Avicenna, o livro das viagens de Marco Polo, trazido de Veneza por D. Pedro, e o da *Quinta Essencia.* Finalmente, a moral e a religião apparecem na bibliotheca de D. Duarte, leitor constante do *Ecclesiastes* e das *Collações* de S. João Cassiano, com a *Virtuosa bemfeitoria* do infante D. Pedro, as *Meditações* e as *Confissões* de Santo Agostinho, e um numero consideravel de livros sagrados e mysticos.

de virtudes, mas destituido de qualidades, capaz de comprehender a ordem e o valor das coisas, incapaz porém de mandar por debilidade constitucional da vontade e da intelligencia. Os homens como foi D. Duarte ficariam perfeitos se a sorte e por vezes tambem o estimulo da vaidade e a consciencia da propria rectidão, lhes não impozessem fardos que imaginam superiores ás suas forças. Opprimidos, sentindo a fatalidade com que são esmagados, conhecendo a impotencia dos seus desejos nebulosamente bellos, sem força para reagir, nem coragem para protestar, refugiam-se assustados no intimo recondito da sua alma, vingando-se da sorte adversa com a penitencia dos peccados apparentes que commettem. Não fogem, nem recuam, nem se demittem, porque para tanto seria necessario decisão maior; embora seja maior ainda a coragem indispensavel para as situações equivocas, determinadas por uma escrupulosa comprehensão do dever. Debatidos entre os desejos vãos da sua alma piedosa, e a crueldade cega do mundo, a historia deu sempre a homens d'estes, quando os colloca sobre thronos, a palma de um martyrio ao mesmo tempo sympathico e inutil.

Ditosos porém são esses reis infelizes, quando, como D. Duarte, nascem com a mania de escrever; porque sabidamente as confidencias desafogam a alma, e entre os confidentes não ha melhor, nem mais fiel, do que a pagina em branco por intermedio da qual imaginamos pôr-nos em communhão com a alma vaga do mundo. Nos primeiros tempos, os christãos confessavam-se ás muralhas frias dos templos: D. Duarte confessava-se ás folhas mudas dos livros. Isso desafogava-lhe a alma afflicta; e se era sem valor para o mundo que continuava a despedaçar-lh'a, era todavia de uma infinita consolação para elle. Fazendo do *Leal Conselheiro* um formulario de receitas contra o *humor merencorio* de que se achava inquinado, imaginava, ao prégar a virtude e a acção voluntaria, ser bastante affirmal-as no papel para que se traduzissem nos factos. Esta illusão consoladora mitigava-lhe as afflicções, sem lhe corrigir a falta de qualidades soberanas.

A tristeza [1] abrira-lhe as portas do palacio da philosophia, ennevoado de sombras, rendado de teias subtis suspensas, nas quaes os pensamentos lhe ficavam presos e se mirravam, como insectos captivos. E de todos os remedios contra a tristeza, o melhor e mais efficaz achava-o no matrimonio [2]. Por isso dedicava o *Leal Conselheiro* á rainha sua esposa. Era um «abc de lealdade.» Redigira-o todo com a sua propria mão, sem secretario. Revia-se n'elle com uma certa vaidade de escriptor. Recommendava aos leitores que o lessem «passo e pouco de cada vez, bem apontado, estando em razoado tempo bem despostos os que lerem e ouvirem.» Sentia bellezas e flôres nas paginas que escrevia: «prazia-me que os ledores d'este tratado tivessem a maneira da abelha que passando por ramos e folhas, nas flôres mais costuma pousar e d'alli filha parte do seu mantimento.» Vê-se pois que não escrevia unicamente para si, como tantos poetas. A contemplação não o extasiava. Pensando, tinha presente o proximo, como todo o escriptor de raça. E como era rei, naturalmente imaginava que a elevação do cargo havia de reflectir-se no pensamento, dando-lhe idéas e estylo superiores. Esta illusão da influencia do grau social sobre o valor dos productos mentaes, é commum, e de fórma alguma peculiar dos reis. Todos os personagens crêem ingenuamente na superioridade das suas idéas. D. Duarte era porém modesto, d'aquella modestia enleada todavia em vaidade, tão frequente nos escriptores. Duvidava do valor das suas obras? Não duvidava, porque dizia o contrario, revendo-se ao mesmo tempo nos fructos do seu pensamento. «Basta-me que Nosso Senhor sabe minha tenção e que seja feita a nosso prazer.» Quando um escriptor sem vaidade duvída, destroe; e quando publíca, sente um orgulho affirmativo. A falsa modestia denuncía o litterato n'esse rei que confundia a arte de governar homens com as pretenções de peda-

[1] *Leal Cons.*, XIX.

[2] «E sinto por graça de Nosso Senhor que boa, sages, bem parecente e graciosa mulher, com que homem seja casado, e se muito amem, é grande remedio contra a tristeza e enfadamento.» *Leal Cons.*, XXIII.

gogo e a pontualidade de burocrata. O seu merecimento eminente está no valor que dava á intelligencia, « porque o entendimento é nossa virtude mui principal; » mas no seu tempo, em que a sciencia e o estudo eram ainda aristocraticos, o rei acertava tambem observando que os seus tratados « principalmente devem pertencer para homens de côrte que desejem viver virtuosamente, porque aos outros bem penso que não muito lhes praza de os ler, nem de os ouvir [1]. »

Com effeito, o commum do povo prazia-se nos romances de cavallaria e nas rimas dos trovadores. A gaya sciencia da imaginação espontanea era o que convinha a gente ingenuamente forte. As congeminações dos moralistas e philosophos, começando a emancipar-se do latim ecclesiastico e do imperio da theologia, constituiam porém ainda o apanagio exclusivo d'uma especie de confraria de iniciados, sacerdotes seculares do pensamento. O *Leal Conselheiro*, sendo um dos diplomas iniciaes para a historia da lingua portugueza, é ao mesmo tempo um monumento consideravel para a historia parallela da secularisação do pensamento, iniciada no seculo XV. Do mesmo modo que a *linguagem*, como se dizia do fallar vernaculo, ia servindo para mais do que os usos familiares, invadindo a esphera da sciencia e das letras: do mesmo modo, esses productos superiores do pensamento iam deixando de ser o apanagio exclusivo da cleresia, que tinha no latim uma das causas das suas regalias sociaes.

Que é o *Leal Conselheiro?*

É uma compilação confusa de todas as idéas moraes e philosophicas do tempo. Nunca um livro denominou melhor o seu auctor. O Leal Conselheiro é D. Duarte, com o seu espirito fundamentalmente bom, feito de virtude e lealdade; com a sua intelligencia confusamente pratica, necessitando da escripta para se affirmar, e de aconselhar para illudir a sua indecisão de homem de governo. Pensou que reinar consistia em dissertar. O grande desastre de Tanger, que lhe custou a vida, proveiu d'este

[1] *Leal Cons.*, Prol. á Raynha.

erro. Sem decisão, nem vontade propria, fartou-se de dar conselhos, aliás excellentes, mas que não foram seguidos.

O *Leal Conselheiro* começa por uma dissertação psychologica. O homem moral divide-se em dois: entendimento e vontade. O entendimento consta de quatro ramos: o agente, o possivel, o especulativo e o pratico. Estas distincções escholasticas, ou formaes e exteriores, prodromo das analyses mais ou menos subtis da psychologia moderna, estendem-se ás *partes do entender* que são sete: *a)* apprehensiva, pela qual percebemos o que nos dizem ou nos é demonstrado; *b)* retentiva, pela qual conservamos a memoria do que apprehendemos; *c)* judicativa; *d)* inventiva, com a qual « nos feitos consideramos novos caminhos »; *e)* declarativa, « pela qual declaramos e ensinamos »; *f)* executiva, que nos faz dar cumprimento; *g)* perseverante, que consiste na firmeza e constancia das decisões. O entendimento é servido pela memoria que tambem se divide em duas: uma pertencente á alma, outra aos sentidos; a primeira retem aquillo que não experimentamos e as dôres que não sentimos [1].

É menos infantilmente confusa a analyse da vontade. O stoicismo e depois a philosophia christã tinham brocado mais fundo no terreno da intelligencia activa, cujo valor menos abstracto, era mais real para a vida, e para a salvação. D. Duarte conhecia Seneca: toda a Edade-Média o estudára; conhecia e citava os santos padres e doutores da Egreja; sabia a escholastica, seguia a doutrina de S. Gregorio das tres almas que ha em nós: a vegetativa, a sensitiva e a racional.

A vontade divide-se em quatro ramos: *a)* carnal; *b)* espiritual; *c)* tiba (tibia) prazenteira; *d)* perfeita e virtuosa. A carnal deseja viço, folgança do corpo e cuidado, arredando-se de todo o perigo e despeza de trabalho. A carnal e a espiritual continuamente se contrariam dentro em nós, e do conflicto nasce a terceira, prazenteira e tibia a um tempo, a qual por querer ambas satisfazer, sem nenhum aggravamento, põe aquelle que se lhe entrega em tal estado que nunca póde viver bem nem

[1] *Leal Cons.*, I-II, V. em Sousa, *H. G. Provas*, I, 543, a primeira edição.

virtuosamente. Vontade perfeita e virtuosa, a quarta, é a que não segue o que as precedentes querem, e segue muita vez o que não lhes praz, subordinando-se aos mandados do entendimento. « O quebrantamento da vontade é muito grande virtude ». De tudo isto resulta o proverbio: seguimento de vontade, cumprimento de maldade [1]. É ainda a philosophia mystica do sacrificio; e porém já o dominio do entendimento, ou da razão, segundo o thomismo.

De que modo conseguirá o homem virtuoso seguir a quarta vontade? Em primeiro lugar, pelo temor das penas do inferno e dos castigos estabelecidos nas leis; em segundo lugar, pelo desejo de galardão n'esta e na outra vida; em terceiro lugar, finalmente, pelo amor de Deus e affeição das virtudes. A gamma dos motivos determinantes da vida exemplar está completa. Tem como semente o medo, como efflorescencia a esperança do premio, como fructo e sancção o amor piedoso. A evolução da moral religiosa é com effeito esta; e D. Duarte dil-o claramente quando define as tres categorias moraes: « Entre ellas ha grande differença, porque as duas primeiras pertencem aos que começam e proseguem de vir ao mais perfeito estado, e a terceira aos que, deixando de ser servos, que servem com medo das feridas, passam á condição de servidores em que já esperam por seu bom serviço galardão, e d'alli veem ao estado de bom e leal filho que todas as cousas de seu pae ha por suas [2]. » O pai é Deus; o mundo inteiro, real e transcendente, apparece como uma familia a esse homem educado no amor dos pais e nos laços de uma fraternidade extreme.

Rectificando com as idéas proprias a analyse da vontade, conforme os auctores que o educaram, D. Duarte dá denominações suas aos quatro momentos definidos: *a)* vegetativa, *b)* sensitiva, *c)* racional, e *d)* livre ou de livre-arbitrio. Accentua-se, como se vê, a influencia da razão philosophica e do espirito secular; aclára-se mais a doutrina. O primeiro momento é simi-

1 *Leal Cons.*, III.
2 *Ibid.*, V.

lhante á vontade que têm as arvores: demanda saude, mantimento de comer, beber, dormir. O segundo é como a dos brutos e manifesta-se por doze paixões: o amor, o desejo, a deleitação, o odio, o aborrecimento, a tristeza, a mansidão, a esperança, o atrevimento, a sanha, a desesperação, o medo. A vontade sensitiva tem dois poderes: o desejador e o iraseivel; ao primeiro pertencem as primeiras seis paixões, ao segundo as segundas. O terceiro momento que os homens partilham com os anjos, porque no homem reproduz-se o Universo inteiro, é aquelle em que a vontade aconselha e manda principalmente o que pertence á guarda das virtudes. No quarto momento, por fim, a vontade « como senhora entre todas manda comnosco o que se faça em todalas cousas que por nosso entendimento fazemos. » O auctor exemplifica. A vontade de ir a monte ou caça (segundo momento) está v. g. em conflicto com o desejo de dormir ou comer (primeiro momento); intervem o conselho (terceiro momento) ordenando que se não satisfaça a nenhuma das duas vontades, mas que, erguendo-me do leito e « leixando o monte e a caça vá desembargar alguns feitos necessarios. » Até aqui apparece a preoccupação do principe burocrata! Os tres momentos em conflicto resolvem-se no quarto que é o livre arbitrio. No consentimento d'elle está o peecado e a virtude [1].

A vontade e o entendimento, ou por outra, o caracter e a intelligencia, formam portanto o homem moral governado por um arbitrio livre que nasce da conjuncção dos dois elementos. Do grau absoluto e relativo de ambos resulta, pois, a natureza dos homens que são geralmente de quatro *maneiras*. Primeiro, os homens de pequeno entender e saber, de más e revezadas vontades: esses taes são todos mal, sem nenhum bem fóra o serem creaturas de Deus. A intelligencia é indispensavel á virtude e vice-versa. Depois vêm os homens que têm grande entender e saber, com maliciosas vontades, fóra de justiça direita. São mais de culpar que os outros, porque a intelligencia, esclarecendo o arbitrio, determina a vontade; e « ainda que

[1] *Leal Cons.*, VI.

por algum tempo acabem grandes feitos, não escaparão de suas emendas» ou castigos. Apparecem em seguida os homens de curto entender e saber, mas de vontades justas e direitas: são as creaturas boas e simples que Deus muitas vezes provê com a sua mercê mais largamente e melhor que elles sabem demandar, nem pensar. Finalmente vêm os homens completamente sãos de intelligencia e vontade [1].

Este racionalismo em que a simples modificação de rubricas (todavia gravissima, quando se trata de coisas em que tudo está na percepção substancial) satisfaria os actuaes representantes da escóla, era porém uma abobada, tendo por fecho a vontade soberana e a intelligencia absoluta de Deus. O ideal, mais tarde concebido como supremo architecto do Universo, é o que já se define no pensamento de S. Thomaz de Aquino, embora Deus inspirasse á philosophia uma paixão mystica, ardente e viva. D. Duarte meticulosamente inclue nos seus tratados as regras do canto e do serviço da capella, e a duração dos officios divinos [2] como inherentes ao systema do governo dos estados. Observando estes traços e reparando na secularisação da philosophia, commum a toda a Europa no XV seculo, antevê-se o futuro que espera as monarchias da Hespanha. Tendem a sahir da theocracia romana para um regimen que só com effeito, entre nós se definiu cabalmente no seculo XVI: o do imperialismo catholico, em que os reis se consideram patriarchas do seu povo, e por isso rivaes do papado, mais papistas do que elle, frequentemente hostis a Roma, embora não neguem a auctoridade do chefe da Egreja e muito menos, como a gente germanica, se insurjam, protestando contra a tradição d'essa mesma Egreja.

Mas como, no tempo de D. Duarte, as questões theologicas, origem de tanto sangue derramado, não tinham surgido ainda, e por isso não havia protestantes, ainda tambem o catholicismo não tinha aquelle caracter hirto e absoluto que depois adquiriu

[1] *Leal Cons.*, VIII.
[2] *Ibid.*, XCV e VI.

por necessidade, ou em resultado da lucta. A exegese não é ainda um peccado: pelo contrario, os Evangelhos devem lêr-se como se lêem os outros livros, pausadamente, para perceber bem. «A uma hora não leaes muito, mas boa parte menos do que poderdes: assim é que, se podeis aturar em lêr doze folhas, não leiaes mais do que tres.» Lendo com vagar e meditando «quando alguma cousa não poderdes entender, não vos detenhaes muito, porque não ha mente em theologia que todo perfeitamente entenda.» E «d'estas cousas que assim não entenderdes não vos embargueis de muito perguntar, porque sabei certamente que taes hy ha que poucos as sabem.» A confissão da ignorancia commum nas materias theologicas é ratificada pelo conselho de uma imparcialidade fria da intelligencia: «Não tenhaes algumas tenções assim firmadas na vontade que tudo quanto lêrdes queiraes torcer para concordar com ellas»; e se houver duvidas, passe-se adiante: «Quando fôr a determinação do que lêrdes duvidosa, praza-vos de a deixardes em duvida [1].»

Este preceito de prudencia foi depois transformado em canon escolar, quando os jesuitas estabeleceram a maxima *Questiones de Deo pretereantur*, mandando os discipulos menos atilados para os cursos de theologia. Sentia-se a duvida logo no proprio momento em que a curiosidade scientifica despertava; e para destruir esse perigo, depois da grave crise da scisão da Egreja pelo protestantismo, a reserva abstencionista que D. Duarte aconselhava por piedade, tornou-se na proscripção tacita da leitura dos textos biblicos. A confiança na discrição do juizo humano diminuia, e com o absolutismo catholico desappareceu tambem aquelle optimismo dos primeiros tempos da Renascença, em que o mundo e o homem se consideravam intrinsecamente bons, chegando-se a crêr immanente no Universo um principio de justiça sobranceiro á propria religião. As religiões variavam, mas a justiça era por toda a parte a mesma: «Na fé que pertence ás cousas celestiaes ha grandes mu-

[1] *Leal Cons.*, XCIII.

danças e desvario em geral e os mais de todos d'aquella lei, seita ou heresia concordam em uma maneira de crêr; e na determinação das virtudes e peccados, christãos, mouros, gentios e judeus, em todos os seus livros, ácerca em todo concordam [1].»

Este principio de ordem universal immanente, superior portanto á propria religião, é que dicta os preceitos da moral pratica dando-nos o horror ao peccado: á luxuria, á gula, á inveja, á cubiça [2], a todos os erros antigos da Edade-Média affogada na carnalidade natural, e agora dissipados pela aragem sã da philosophia virtuosa, enthronisada em Portugal com a dynastia de Aviz. Dá-nos o horror ao peccado, e ensina-nos a praticar essa caridade que D. Duarte encontra no Evangelho expressa em maximas eruditamente paraphraseadas [3]. Virtuoso, o homem tem em si o arbitrio livre para desprezar as vaidades do mundo e seguir os conselhos salomonicos do rei eloquente: «E deve-se abater esta van gloria pensando no dito de Salomão que todas as cousas da vida são vaidades, dizendo, quando virmos cousas por nós feitas de que nos queremos mais que é razão, ou como não devemos, alegrar [4].»

Não nos deixemos pois librar nas azas do orgulho, levados pela curiosidade indagadora. O mundo é um mar coalhado de recifes, onde o barco da nossa vida póde naufragar a cada instante: é uma noite cheia de mysterios e segredos impenetraveis. Não duvidemos do que se nos mandar crêr: a fé, e tambem o livre-arbitrio, são os dois pharoes que podem guiar-nos. «Parece-me grande simplez filhar duvida no que pela Santa Egreja é determinado que se creia, por se não poder entender; pois de nossa natureza, como obra tão discretamente, quem o entende?» Tudo é sombra, tudo é mysterio. «E o poder da memoria, vêr, ouvir, cheirar, gostar e mais especial sentir, qual perfeitamente pela razão o poderá demonstrar?»

[1] *Leal Cons.*, XXXIV.
[2] *Ibid.*, XV, XXX, XXXI, XXXII.
[3] *Ibid.*, XIII, XIV.
[4] *Ibid.*, XII.

Portanto, se nem o que *havemos em nós* podemos explicar satisfatoriamente, como queremos entender e julgar todos os phenomenos do mundo? [1] Por isso convém estudal-o sim, como D. Duarte estudava a meteorologia [2], a mineralogia [3], mas de modo algum convém suppôr que os mysterios do mundo encerram vontades ou providencias diversas d'aquellas em que a Egreja nos manda crêr, nem que ha no mundo phenomenos incomportaveis para a liberdade do nosso juizo. A esphera do milagre encerra-se nos limites da orthodoxia; o mundo não é uma phantasmagoria total; a razão reina por toda a parte em que a fé nos deixa campo á nossa liberdade. Alvoreciam as questões arduas do determinismo com o apparecimento da curiosidade scientifica!

*

* *

[1] *Leal Cons.*, XXXIX.

[2] *Observação da lua:* «Quando apparecer a lua nova toda vermelha significa muitos ventos. Se a ponta mais alta fôr escura significa chuva. Se resplandecer como agua que levantam os remos significa que será cedo tormenta no mar. Se fôr escura no meio significa que fará bom tempo quando fôr cheia.»

Papeis de D. Duarte, em Souza, *Hist. geneal. Provas*, I, 540.

[3] «As pedras do ouro que são achadas nos vieiros são de tres maneiras: amarellas, vermelhas e pretas. A que fôr amarella de fóra, será vermelha de dentro e luzente com olhos luzentes. A vermelha de fóra será amarella de dentro e luzente com pouca vermelhidão. A que fôr de prata de fóra será vermelha, e dentro tirante a amarello com veias brancas. Estas pedras devem ser fendidas e encerradas de ossos com sabão e com chumbo, continuando fogo por cinco ou seis horas.

«As pedras que são achadas nos vieiros e das quaes sae prata são de cinco maneiras. A primeira é branca, a segunda preta, a terceira verde; a quarta é branca mesclada com amarello, etc.

«A pedra de cobre é vermelha e tira a verde, e ha saber como fezes de vinagre.

«A pedra de chumbo é como polvorenta e mui pesada. De dentro é côr de cinza e outras tiram a côr de amarello e outras tiram a côr de negro.»

Ibid., I, 556.

A astrologia, nucleo historico de todas as superstições, ficou sendo por largos seculos o refugio da imaginação sensivel, quando já os astros, semente dos mythos remotos, ponto de partida para o tecido maravilhoso das idéas transcendentes, haviam perdido o seu primitivo caracter divino. A astrologia era ainda no seculo XV religião sem theologia, culto sem deuses, terror sem piedade, residuo sêcco e duro de velhas adorações abandonadas pelo sentimento alado que fôra fecundar mythos mais bellos. Era a ultima expressão symbolica d'essa fatalidade obscura, já idealisada pelo espirito humano desde que lhe chamára Providencia.

O auctor do *Leal Conselheiro* ainda crê na influencia dos astros. O christianismo, chamando a fé para o campo exclusivo do homem espiritual, nunca formulou uma philosophia da natureza. E agora, quando a Renascença começa, isto é, quando se acorda do sonho phantastico da Edade-Média, os homens estonteados olham em volta de si, perguntam, indagam os *segredos da natura*, sem que a orthodoxia possa dar-lhes outro conselho além dos que D. Duarte dava para a decifração dos enygmas da Escriptura sagrada. E as sciencias que a intolerancia medieval obrigára a ficar occultas, a astrologia, a alchymia, a kabala, desabrochavam propondo as suas explicações extravagantes. O robustecimento da razão abstracta, effectuado pela scholastica, e parallelamente a energia da fé, eram porém um obstaculo insuperavel á efflorescencia da extravagancia, sem serem todavia razão impeditiva para que a sciencia, assimilando os factos experimentaes, tirasse d'ahi os elementos para a sua prodigiosa expansão nos tempos modernos.

« E sobre esta força dos planetas, observa D. Duarte, dizem alguns que, pois navios, cavallos, armas, aves, cães, são bem ditosos, como semelhante nos homens não farão os planetas? [1] Aos quaes eu respondo que não contradigo que aquella

[1] Difficil interpretação. Dir-se-hia que D. Duarte reputa incontestavel a acção dos planetas sobre os sêres extra-humanos. Talvez esteja incorrecta a lição do texto.

cousas não tenham alguma influencia em nascença, fazimento ou tempo em que se ha d'ellas senhorio, que (embora) manifestamente se não veja como d'isto ham grande parte; — mas eu tenho que por os homens serem mais excellentes creaturas que a sua constellação, em os feitos principaes corrige todas as outras; e se é o homem sabedor se assenhorea dos planetas pela força do livre alvedrio, quanto mais farão aquelles que amarem o Senhor Deos, dos quaes é escripto que todas as cousas se lhe tornarão em bem? [1] »

A fé, portanto, a fé e tambem a razão livre, eis ahi o que fortalecerá o homem a ponto de vencer por completo as influencias nefastas — influencias, espiritos, demonios de que a imaginação povoava ainda a esphera mysteriosa da natureza. « Que os planetas nos outorguem grande parte das condições, pergunte-se aos astrologos, os quaes não sómente parte d'estas, mas todas querem affirmar que nos são dadas, o que a experiencia das cousas não outorga, e menos a catholica determinação que declara o homem sabedor se assenhorear das estrellas; e se fosse o contrario não haveriamos livre alvedrio, nem o juizo pareceria direito que mal viesse a quem as cousas fizesse por necessidade [2]. »

O problema do determinismo está claramente expresso, e é sobremaneira instructivo observar a perspicacia da intelligencia, assistindo assim ao germinar das sementes cuja vegetação pujante nos ensombra hoje em dia. A providencia e a liberdade, sustentadas por uma fé, só diversa no facto de que para a primeira era sentimental e para a segunda intellectual apenas, mantinham erecto e mais ou menos equilibrado o edificio das idéas moraes dos homens do seculo XV, da mesma fórma que aguentavam o corpo social, abalado todavia pela invasão dos novos pensamentos e das instituições restauradas da Antiguidade.

O *Leal Conselheiro* não é um jurista. A sua sociedade não se

[1] *Leal Cons*, XXXIX.
[2] *Ibid.*, XXXIX.

baseia na idéa individualista do direito; mas sim, á moda semita, assimilada pelo christianismo, no fim transcendente da vida collectiva. N'esta concepção da sociedade está outra vez em embryão o typo que se tornará definido e perfeito no tempo de D. João III: um povo existindo para realisar uma missão religiosa. O corpo social, para D. Duarte, assenta sobre os lavradores e pescadores que são como pés em que toda a coisa publica se mantem e repousa. Parallelamente estão os instrumentos, de um lado os officiaes, juizes, regedores, conselheiros, vedores, escrivães; do outro os que usam as artes approvadas e mesteres: fisicos e cirurgiões, mareantes, musicos, armeiros, ourives, etc. Sobre este povo pairam os que o defendem com as armas, e sobre todos, acima de tudo, como cabeça ou corôa, os que são interpretes da sua alma mystica, os *oradores* que rezam ou oram a Deus Nosso Senhor por todos os outros estados, ensinando pela palavra e pelo exemplo, e ministrando os sacramentos [1]. O clero é a chave da abobada social; e a nação consiste na reunião dos seus estados, congregados, não para o fim utililitario da existencia economica e juridica, mas para o fim ideal da salvação eterna. Será gloria immorredoura dos povos peninsulares terem assim concebido o Estado, terem-no assim tentado realisar, morrendo *por ello;* como foi indubitavelmente esta energia idealista a causa primaria do exemplo unico de heroismo que deram á historia.

Tal é o mundo concebido pelo *Leal Conselheiro.* No virtuoso espirito de D. Duarte germinava a monarchia theocratica das antigas tradições wisigodas, como idéa que ia formar o alimento portuguez durante seculo e meio; assim como no espirito de D. Henrique germinava tambem porventura a semente remotissima do instincto maritimo do phenicio, do instincto naturalista do celta. Embriagado por taes bebidas capitosas, o povo portuguez arruinou em seculo e meio a força e o brio conquistados nos dias severos do batalhar pela independencia, força e brio encarnados no sabio pensamento do infante D. Pedro.

[1] *Leal Cons.*, IV.

Mas se D. Henrique punha na realisação dos seus designios a audacia temeraria dos heroes dominados por uma idéa, D. Duarte, pelo contrario, limitava-se a aconselhar, escrevendo meticulosa e pedagogicamente os seus pensamentos com a minucia timida dos plumitivos. Sabia muito bem, dizia-o até em latim, excellentemente, o que convém e pertence a um bom capitão [1]; sabia que leaes e fortes corações havia em Portugal e como nos inglezes (inglez era pela mãe) abundavam valentes homens de armas [2]; sabia todas as coisas, mas não passava de um letrado! Toda a sua energia vacillante, consumia-a dissertando. Transformava o confessor em secretario para redigir as invenções do seu espirito [3], em que á falta de virilidade, sobravam as exigencias de litterato coroado.

Como escrevia sempre, escrevia até as regras a seguir nas traducções do latim [4], occupação naturalmente absorvente n'uma época em que se recebia com avidez tudo quanto vinha da Antiguidade. Conheça-se bem a sentença do que se ha de tomar; não se ponham palavras latinadas nem d'outra linguagem, mas tudo seja portuguez escripto o mais achegadamente ao chão e sempre geral costume do nosso fallar, que se poder fazer; ponham-se palavras que sejam de direita linguagem respondentes ao latim; não se ponham palavras que segundo o nosso costume de fallar sejam havidas por deshonestas; introduza-se ordem e elegancia no estylo.

Por este amor minucioso das letras chamaram-lhe o eloquente: não porque a sua palavra ardente e convicta, o seu enthusiasmo decidido e energico, arrebatasse a alma nacional. O bom rei D. Duarte não tinha no peito essa *freima* em que

[1] «Cousas que pertencem a um bom capitão: — Labor in negotiis, fortitudo in periculis, industria in agendo, celeritas in conficiendo, consilium in providendo.» Sousa, *H. G. Provas*, I, 555.

[2] *Leal Cons.*, XXXIX.

[3] *Ibid.*, XC. Fr. Gil Lobo, confessor do rei, foi quem escreveu o apologo das duas barcas que está no cap. XC por ordem do mesmo rei que o inventára.

[4] «Maneyra para bem tornar alguma leitura em nossa lingoagem,» em Sousa, *H. G. Provas*, I, 542.

D. Henrique ardia, nem a profunda comprehensão da sabedoria distincta em D. Pedro. Nascera leal e conselheiro: virtuoso, trabalhador, pontual, mas sem aquillo que faz os homens — a vontade. Era uma d'estas creaturas indecisas que, todavia, se matam revolvendo-se; desoladas pela inefficacia do que fazem, conhecendo o que deviam praticar, mas sem força decisiva, afflictos por bondade, enleados em escrupulos, esmagados com o remorso impotente, e refugiando-se no interior de uma consciencia virtuosa, mas passivamente incapaz de impôr a sabedoria á acção.

*

* *

Um ramo, porém, havia em que o pensamento de D. Duarte podia traduzir-se em actos: era a legislação. Essa especie de acção, por ser abstracta, quadrava mais á sua indole. E depois de tantos reis guerreiros, lavradores, negociantes, soava a hora dos monarchas legisladores, agora que o Estado principiava a desenhar-se com o caracter de uma obra d'arte, edificio ideal cuja cupula era o governo, tendo por chave ou pinaculo a Corôa.

Ao lado do rei, João das Regras, o chanceller subtil, mestre nos textos do direito novo que vinha de Italia, folheando a Instituta glossada por Bartholo, inquiria o modo pratico de evitar a delapidação dos bens d'essa Corôa que era para elle, não como as corôas fidalgas, nem a primeira d'entre ellas, mas sim o proprio symbolo da unidade magestosa da nação. Forçado pelas circumstancias exigentes de uma fundação de dynastia, D. João I multiplicára as doações a ponto que o governo luctava com uma penuria cruel; e esses embaraços de cada instante eram pelo chanceller considerados, e com razão, como o impedimento mais forte para a constituição do poder soberano da Corôa.

Á força de cogitações, descobriu uma lei cujo nome quadrava á consciencia escrupulosa do rei: a Lei Mental, da idéa ou mente com que as doações tinham sido, ou deviam ter sido

feitas. Opportuna, sagaz e pratica, essa lei que durou no corpo do direito portuguez até ás reformas liberaes dos nossos dias [1], conseguiu os fins desejados, pedindo a cooperação do tempo, sem ferir nenhum interesse na pessoa dos donatarios actuaes. Consistia em não admittir á successão dos bens da Corôa senão os filhos primogenitos e legitimos, com exclusão das femeas, dos ascendentes e collateraes, salvo concessão especial do rei — que, porém, logo a estabeleceu a beneficio do proprio João das Regras, pai de uma filha apenas! Por esta fórma conseguiu-se a frequente reversão dos bens, quando a lei se executava; e se se não executava, mantinha-se a nobreza n'uma dependencia constante da Corôa. A Lei Mental publicou-se logo no anno seguinte á morte de D. João I [2].

Não parou aqui a reforma de D. Duarte. Unificar a legislação civil, codificando-a, á maneira do que Affonso *o sabio* fizera em Castella, era um pensamento maduro e reclamado pelos proprios povos em côrtes a D. João I. Era, todavia, concluir a Edade-Média e o seu systema federativo de classes e privilegios, de excepções e particularismo; era submetter a sociedade inteira ao regimen de um codigo geral que substituia as innumeras cartas, foraes e outros diplomas accumulados durante seculos.

Tinha D. João I encarregado a João Mendes a reforma e compilação das leis do reino; encarregou D. Duarte de continuar essa tarefa o doutor Ruy Fernandes, do seu conselho; mas os breves annos que reinou não lhe consentiram vêr o seu nome ligado ás Ordenações do Reino que só appareceram em 1446 em tempo de seu filho, Affonso V, do qual se ficaram chamando *affonsinas*, apesar de terem sido outorgadas na regencia do infante D. Pedro [3]. Se porventura o não fossem n'esse periodo, é facil que a reacção aristocratica vencedora em Alfarrobeira não tivesse permittido a publicação d'esse codigo cujo prologo tem

[1] Foi revogada pelo decreto de 13 de agosto de 1832.

[2] V. Coelho da Rocha, *Ensaio*, §. 144.

[3] V. Figueiredo, *Synopsis Chron.*, I, 32-92.

expressões tão categoricas como esta: «Bem aventurada é a terra onde ha rei sabedor, porque a sabedoria o ensina como subjugue os appetites mentaes e carnaes desejos a jugo da razão para direitamente reger seu reino e senhorio e manter seu povo em direito e justiça.» N'outro ponto lê-se: «Se o rei justo estiver sentado em seu alto throno para fazer justiça, não lhe poderá empecer nenhuma cousa contraria [1].»

Eis ahi o rei do *Leal Conselheiro*, como o concebia já o pensamento do seculo; mas esse juiz e esse sabio ha de ser um politico habil, como foi D. João II, uma vez que passou o tempo dos reis cavalleiros como D. João I foi, e como será anachronicamente D. Affonso V. Nem guerreiro, nem politico, D. Duarte, o bom, o justo, o sabio, vai expiar a sua fraqueza acabando victima da mais cruel das tragedias.

Oliveira Martins.

[1] Figueiredo, *Synopsis Chron.*, 35. Prol. das Orden.

AS MINAS DE SALOMÃO [1]

(Romance de RIDER HAGGARD, traduzido do Inglez)

CAPITULO V

A NOSSA ENTRADA NO DESERTO

N'aquella aspera, arida immensidade não parecia, com effeito, haver possibilidade, nem sequer verosimilhança d'agua... E quanto tempo de resto poderia durar alli uma « poça salobra », como a que encontrára o velho fidalgo, sem ser chupada pelo sol ardente ou atulhada pelas areias movediças?

No emtanto Venvogel, o Hottentote, continuava a farejar, com as ventas erguidas e abertas:

— Eu sinto o *cheiro* d'agua, patrão. Sinto-a no ar!

— No ar não duvido. Ha agua que farte nas nuvens! Tambem não duvido que venha a cahir. Mas ha de ser para nos lavar os esqueletos!

O barão no emtanto cofiava a barba pensativamente:

— E todavia, murmurava elle, por aqui a encontrou o velho portuguez! O sitio é este. Foi aqui, em volta. A meio ca-

[1] Continuado da pag. 624, numero do 1.º de novembro.

minho exacto, na linha direita de norte a sul, da aringa de Sitanda ás Serras. É aqui. Aqui esteve agua!

Sim, mas ha trezentos annos! Em tres seculos muita agua brota e sécea! Quem nos afiançava de resto a exactidão do portuguez, esvaído de fome, meio delirado, no começo da sua agonia? Já não era pequena estranheza que elle a tivesse encontrado, n'esta deserta immensidade, justamente quando d'ella lhe dependia a vida!... A não ser que para ella fosse attrahido insensivelmente e naturalmente por algum accidente de terreno, muito saliente e muito visivel de longe — como um bosque, uma collina... Uma collina!

E quando eu assim pensava, eis que o barão grita, como echoando o meu pensamento:

— No alto da collina! Talvez a agua esteja no alto da collina!

— Tolice! acudiu o Capitão encolhendo os hombros. Agua no topo d'uma collina! Onde se viu isso?

— Procuremos! disse eu, com um bater de coração que era todo de esperança.

Trepámos anciosamente pelo outeiro. Umbopa corria adiante. De repente estaca, com os braços no ar:

— *Nanzie manzie!* (agua aqui!)

Pulámos para junto d'elle: — e com effeito, mesmo no topo da collina, n'uma cova redonda como uma taça, lá estava agua, agua escura, agua lôbrega — mas agua! Agua! agua! Gritavamos de puro gozo. E n'um momento, estirados de barriga no chão, com as faces na poça, sorviamos deliciosamente a grandes e rapidos sorvos aquelle liquido desappetitoso, que tão bem imitava agua. Céos! O que bebemos! E mal findámos de beber, arraneámos o fato, saltámos para o charco, e, sentados n'elle, ficámos horas a embeber-nos de frescura através da pelle — da nossa pobre pelle mais dura e mais sêcca que um pergaminho secular.

Quando nos erguemos, refrigerados e saciados, cahimos sobre a carne sêcca. Comemos a fartar. Uma longa cachimbada por cima completou aquella hora de consolação. E o

somno que nos tomou até ao meio dia, deitados junto da poça e da sua humidade, foi profundo e bemdito!

Todo aquelle dia tardámos junto da agua, bebendo d'ella, mergulhando n'ella, olhando para ella — e dando louvores sem conta ao velho fidalgo que tão exactamente a marcára no mappa. Por fim, tendo enchido d'agua os estomagos e os cantis, continuámos a marcha, mais animados e ageis, ao erguer da lua cheia. Fizemos vinte e cinco milhas n'essa noite. Não tornámos a encontrar agua. Mas seguiamos confiados, com a certeza de a achar, abundante e fresca, nas faldas das serras. Quando o sol se ergueu e desfez as nevoas, avistámos de novo a cordilheira e os dois «Seios de Sabá» (agora afastados de nós apenas vinte milhas) tomando o céo com a sua magestade sublime. Essas vinte milhas cobrimol-as durante a noite. E ao outro alvorecer pisámos emfim as primeiras ladeiras do seio esquerdo de Sabá!

Com amargo espanto não encontrámos agua, e a nossa já ia findando! Não havia agora esperança de topar nascentes antes de chegarmos á linha de neve, que branquejava lá longe, no alto da serra: e já a sêde nos começava outra vez a torturar. Desconsoladamente fomos arrastando os passos por sobre o torrido chão de lava que formava a base do monte. Caminhada atroz! Pelas onze horas da manhã, apesar de curtos repousos, estavamos exhaustos — por causa sobretudo dos ladrilhos de lava asperos e rugosos que nos magoavam horrivelmente os pés. De sorte que, descobrindo a umas trezentas jardas acima grossos pedregulhos de lava, decidimos descançar umas fartas horas á sua sombra providencial. Para lá nos empurrámos, por lá nos abrigámos. E não foi pequena surpreza (se ainda nos restava a faculdade de experimentar surprezas!) avistar a pequena distancia, n'um planalto formando terraço sobre um barranco, uma extensa e fresca tira de verduras. Evidentemente a lava decompondo-se formára alli um chão de terra, onde as sementes trazidas por passaros tinham alastrado e verdejado... Démos, porém, pouca attenção a essas hervagens, porque não havia lá nem fructo nem agua — e

de relva só Nabuchodonosor se conseguiu alimentar. Alli ficámos pois, estirados á sombra dos pedregulhos, sem força no corpo e sem esperança n'alma, pensando que nunca homens de senso se tinham arriscado a mais esteril, mais absurda aventura! Umbopa no emtanto, depois de considerar algum tempo em silencio a leira de verduras, caminhára para lá lentamente. E qual não é o meu assombro ao vêr aquelle individuo, ordinariamente tão composto e grave, romper em pulos phreneticos, brandindo na mão o quer que fosse de verde! Arremettemos para elle, na esperança anciosa de agua descoberta.

—É agua, Umbopa? gritava eu pulando por sobre a lava.

—Agua e sustento, Macumazan! exclamava elle agitando no ar a coisa verde, com effusivo triumpho.

Percebi emfim o que era. Era um melão! Tinhamos dado n'um meloal, um enorme meloal bravo, com milhares de melões, a cahir de maduros!

—Melões! uivei eu para os companheiros que corriam atraz.

—Melões! melões! foi o berro victorioso que resoou nas quebradas.

N'um momento, cada um de nós tinha os dentes cravados n'um melão, sôfregamente. Comemos alli, entre todos, uns trinta melões; e apesar de mediocres creio que nunca nada na vida me soube tão deliciosamente. Mas o melão não alimenta — e refrescada a sêde não tardou a fome, mais intensa e aguda. Conservavamos ainda o *biltong*, a carne sêcca; mas já nos enjoava atrozmente: e além d'isso deviamos poupal-a com avaro cuidado, pela incerteza de encontrar outras provisões na longa ascensão da serra.

N'esse dia, porém, estavamos «em sorte decididamente», como disse John. Lançando os olhos para o deserto, emquanto conversavamos sobre esta terrivel evidencia, *a fome* — vi de repente uns oito ou dez grandes passaros voando em direcção a nós, lentamente.

— Atire, patrão, atire! exclamou baixo o nosso servo hottentote, acaçapando-se immediatamente no chão.

Os outros agacharam-se tambem, para que, confundidos com a côr da lava, não fossemos avistados pelos passaros. Era um bando de enormes betardas, que no seu vôo direito e alto deviam passar a umas cincoentas jardas por cima das nossas cabeças. Tomei uma cabarina Winchester, e esperei acocorado. Quando o bando vinha perto, ergui-me, com um grito e um salto. Assustados, os passaros juntaram-se todos precipitadamente em montão; e atirando á massa escura, pude facilmente abater um soberbo bicho, que pesava pelo menos vinte arrateis. Dentro de meia hora ardia uma fogueira de talos sêccos de melão: e o bicho aloirava em cima. Foi um banquete! Comemos aquella betarda toda, fóra carcassa e bico!

N'essa noite continuámos a ascensão do monte, á luz da lua, carregados de melões para a sêde. Á maneira que subiamos, o ar esfriava consoladoramente. Ao clarear do dia estavamos a umas doze milhas da linha de neve. Encontrámos mais melões: e a agua emfim, louvado Deus, já não nos inquietava, porque bem cedo penetrariamos nas regiões do gelo. No emtanto era immenso o nosso pasmo de não encontrar nascentes, quedas d'agua, um riacho corrente; porque decerto no verão as neves, derretendo, deviam encher d'agua aquellas encostas. Por onde corria a agua pois, para onde se sumia a agua? Só mais tarde descobrimos que (por uma causa ainda hoje para mim incomprehensivel) toda a agua, em riacho ou em queda, descia pela vertente norte da serra.

A subida cada vez se tornava mais aspera e custosa. Apenas faziamos uma milha por hora. A carne sêcca acabára. Melões, nenhuns mais encontrámos. O frio augmentava quasi a cada passada — o que nos permittia certamente caminhar de dia, mas nos regelava de noite terrivelmente! Havia agora muitas horas que não comiamos. A serra subia, subia diante de nós, cada vez mais desolada, mais núa de verdura ou vida. Os nossos momentos de repouso passavam n'um silencio sombrio e cheio de desesperança. Eu por mim ia já tão debilitado e con-

fuso, que, d'esses tres dias que nos levou a ascensão da serra, não me recordo com bastante nitidez — e só poderia reconstruil-os pelos apontamentos do meu *Diario*. Na nota com data de 22 de maio encontro isto: — «Partimos ao nascer do sol. «Vamos meio desmaiados de fraqueza. Só quatro milhas anda-«das. Comemos os pedaços de neve que começámos a encon-«trar. Frio intenso. Cada um de nós bebe uma gotta de co-«gnac. Para dormir amontoamo-nos uns sobre os outros: nem «assim conservamos calor. Estamos verdadeiramente *soffrendo* «*de fome*. Julguei que Venvogel, o nosso Hottentote, ia mor-«rer esta noite.» — Tudo isto é já terrivel. Mas o seguinte apontamento, datado de 23 de maio, recorda soffrimentos mais vivos: — «Estamos n'uma situação medonha. A não ser que «encontremos que comer hoje, o nosso fim está proximo. O co-«gnac acabou. Venvogel, que como todos os Hottentotes não «póde aguentar frio, parece perdido. As ancias agudas da «fome passaram. O que eu sinto (e os outros dizem que sen-«tem o mesmo) é uma especie de adormecimento, de torpor no «estomago. Estamos ao nivel da grande escarpa, que eu cha-«mo a *porta*, o colossal muro de terra, lava e rocha, que liga «os dois seios de Sabá. Para traz de nós estende-se o deserto «que atravessamos... Para que o atravessamos nós?» Logo abaixo d'estas linhas ha outra, escripta decerto n'um dos momentos em que paravamos: — «Deus se amerceie de nós, que «chegou o nosso fim!»

Esta linha não tem data, mas sem duvida foi traçada no dia 24. Depois os apontamentos falham; mas eu muito bem me recordo dos successos n'esse estranho dia. Iamos então caminhando através da neve, com paragens incessantes, impostas pela incomparavel fadiga. Tudo em redor era radiantemente, indescriptivelmente branco. E esta absoluta brancura, sob o absoluto silencio, tornava-se tanto mais desoladora, quanto evidenciava a ausencia de vida — e a impossibilidade de achar que comer, fosse animal ou planta. Quasi ao pôr do sol chegámos junto da «ponta do seio», d'essa enorme collina de neve dura, que, pousada no topo da monta-

nha (da montanha que reproduzia a fórma perfeita d'um seio), parecia ella propria o bico d'esse peito descommunal. Apesar de exhaustos, prendemo-nos um instante na admiração d'aquelle esplendido cume de monte — mais esplendido ainda pela luz vermelha e côr de rosa em que os raios do sol poente o envolviam, dando-lhe um tom de carne, d'uma carne sobrenatural que de si irradiasse luz. Mas a admiração não podia durar em homens collocados como nós, a tão extrema visinhança da morte. O nosso mal era sobretudo o frio. Bem comidos, estimulados por um vinho generoso, ainda poderiamos aguentar a pavorosa temperatura d'aquellas neves eternas. Mas assim, moribundos de fome, — como resistir á noite que vinha cahindo? Quando o sol nos faltasse, como viveriamos, a menos de encontrar um abrigo? Abrigo!... Onde estava elle, n'essa branca e lisa vastidão de neve?

— A cova de que falla o portuguez, no papel, deve ser por aqui, murmurou o Capitão John.

Pobre John! Tinha os olhos (como os outros, como eu decerto) encovados, esgazeados, rebrilhantes de febre, sobre a lividez da face hirsuta. Considerei um momento o pobre amigo encolhendo os hombros:

— Cova! Se tal cova existe... Na cova estamos nós, ou á beira d'ella.

O barão, porém, agora acreditava firmemente na escrupulosa exactidão do velho D. José da Silveira. «Se elle a achou «(argumentava o barão, e com razão) é que essa cova está situada de tal sorte, tão saliente e tão visivel, que não póde «deixar de attrahir os olhos, e logo os passos, de quem fôr trepando a serra.»

— Ainda a encontramos, e antes de sol posto! affirmou elle com um grande gesto de esperança.

— Se a não encontramos (foi a minha consoladora replica), e a noite vier sobre nós, assim desabrigados, é o fim da nossa aventura. Em todo o caso, real ou metaphoricamente, *é a cova!*

Durante dez ou doze minutos arrastámos os passos n'um

silencio mortal. Umbopa ia adiante, com os hombros abafados na manta curta, e um cinto de couro muito apertado, arrochado em volta da cinta «para encolher a fome». Eu seguia atraz, quasi vergado em dois. De repente tropecei n'elle que parára, e que me agarrou pelo braço:

— Macumazan, acolá! exclamou surdamente, apontando com o cajado.

O que elle apontava era a linha abrupta onde começava, subindo, a primeira encosta do «bico do peito». E ahi na brancura da neve destacava uma mancha preta.

— É a caverna! exclamou Umbopa.

Talvez fosse! Parecia, com effeito, a abertura negra d'um buraco. Para lá endireitámos os passos. E na realidade encontrámos uma gruta, de entrada baixa e lôbrega, que bem podia ser a que o velho D. José da Silveira marcára no seu roteiro. Em todo o caso alli estava um abrigo. E bemdito era o seu encontro — porque (como succede n'estas latitudes) o sol sumiu-se subitamente, e logo atraz d'elle, de golpe, sem crepusculo, sem gradação, a noite cahiu, gelada e negra. Enfiámos bem depressa para dentro da caverna, como animaes acossados. Aconchegámo-nos uns contra os outros, sentados no chão, costas com costas. E alli ficámos na treva, mudos, tiritando, e procurando esquecer no somno a nossa extrema miseria. Mas o frio, intenso de mais, não nos consentia dormir. Estou convencido que n'aquella altura o thermometro marcaria regularmente quatorze ou quinze graus abaixo de zero! E era esta temperatura que tinhamos de affrontar, de todo alquebrados de fadiga, meio inanimados de fome!

Pois alli estivemos em montão, encolhidos uns nos outros, durante a infindavel noite, sentindo a cada instante, através do corpo, começos de congelação ora n'um pé, ora nos dedos, ora na orelha. Debalde nos apertavamos! Para quê! Nenhum tinha em si calor bastante para communicar á carcassa alheia. Ás vezes um conseguia dormitar durante momentos, mas para acordar logo em sobresalto, recomeçar a tremer. De resto, n'aquellas condições, o somno que se prolongasse — decerto se

tornaria eterno. Foi uma noite angustiosa! Eu por mim creio que me conservei vivo por um violentissimo e teimosissimo esforço da vontade.

Um pouco antes da madrugada, Venvogel, o nosso pobre Hottentote, cujos dentes toda a noite tinham batido como castanholas, chamou baixo por mim, deu um pequeno suspiro, e ficou profundamente socegado, como se tivesse adormecido. As costas d'elle pousavam contra as minhas costas. Pareceu-me que as sentia pouco a pouco arrefecer. Por fim tornaram-se positivamente como uma grande pedra de gelo que me regelava. Duas vezes as repelli. Duas vezes a *pedra* se abateu sobre mim, mais fria. O ar no emtanto clareava. Á entrada da cova foi apparecendo como uma nevoa luminosa, feita da refracção do sol sobre a neve. Uma luz mais viva e fixa estendeu para dentro a sua brancura — e olhando então para traz descobri que o pobre Hottentote estava *morto!* Decerto morrera quando o ouvi suspirar. Pobre Vengovel! Não admirava que lhe tivesse sentido as costas cada vez mais frias, mais frias... A sua miseria findára. Alli estava agora, na mesma postura, com as mãos apertadas em torno dos joelhos, a cabeça cahida para baixo, *gelado.* Todos nos erguemos de salto, com horror. Já a esse tempo o dia penetrára na caverna, n'uma luz mortiça e vaga. De repente, ao meu lado, resoou um grito. Volto a cabeça, vivamente. E vejo — vejo ao fundo da gruta, que não tinha mais de quatro metros, uma fórma, uma figura humana, sentada n'uma pedra, com a cabeça toda descahida sobre o peito, os braços hirtos e pendentes para o chão! Aproximei-me mais, aterrado. E percebi que era tambem um *morto.* Peor ainda, percebi que era um *branco!*

Os nossos nervos, desorganisados já, não puderam com esta nova e brusca emoção. Tropeçando uns nos outros, largámos desesperadamente a fugir para fóra da caverna.

Mas depois, fóra, na plena luz, olhámos uns para os outros — envergonhado s.

— Vou vêr outra vez, exclamou o barão terrivelmente pallido. Talvez a figura que vimos seja a de meu irmão.

Era possivel. E um por um, n'um silencio apavorado, atraz do barão, tornámos a penetrar na gruta. Ao principio, deslumbrados pela grande luz exterior e pela alvura da neve, nada distinguiamos na penumbra concava. Por fim a estranha, horrivel figura destacou, surgiu na sombra. Avançámos para ella. O barão ajoelhou, espreitou a face morta, teve um suspiro de allivio:

— Não, graças a Deus, não é elle!

Fui tambem olhar. Não, nem remotamente se parecia com esse sujeito chamado Neville, que eu encontrára em Bamanguato. O cadaver era o d'um homem alto, de meia idade, com feições aquilinas, cabello já grisalho, e longos bigodes negros. A pelle, perfeitamente amarella, estava toda esticada sobre os ossos. Não tinha fato, a não ser uns restos de meias altas, de lã, até aos joelhos. Do pescoço, preso por uma correntesinha, pendia-lhe um crucifixo de marfim. Todos os membros hirtos se lhe tinham petrificado.

— Quem poderá ser? murmurei, assombrado.

O Capitão John contemplava a figura pensativamente.

— Tenho uma idéa... Não póde ser senão elle! É o velho fidalgo! É D. José da Silveira!

Eu e o barão soltámos o mesmo grito de incredulidade:

— Impossivel! Ha trezentos annos!

Mas o Capitão tinha as suas razões, e decisivas. N'uma temperatura como a da cova, que é a d'uma geleira, um corpo morto póde perfeitamente conservar-se trezentos annos — e mesmo tres mil... Essa temperatura de quinze a dezesete graus abaixo de zero nunca alli mudava; nenhum raio de sol entrára jámais n'aquella cova voltada para noroeste: não havia animaes que alli penetrassem e que destruissem o corpo. Que importavam tres seculos? A carne de açougue que vem da Nova-Zelandia para Londres dentro das geleiras artificiaes está fresca ao fim de trinta dias; e conservada em iguaes con-

dições não se deterioraria ao fim de trinta seculos. Naturalmente o escravo (de quem elle falla no papel) quando o encontrou morto, tirou-lhe o fato, não se deu ao trabalho de o enterrar, e abalou...

— E olhai! accrescentou o Capitão apanhando uma especie de osso da fórma d'um lapis, e aguçado, que jazia no chão, ao lado. Aqui está com que elle desenhou o mappa! Tirou sangue do braço, escreveu com esta ponta de osso!

Passámos o osso de mão em mão, em silencio, esquecendo as nossas proprias miserias no espanto d'aquelle encontro. Já não podia haver duvida. Alli estava elle pois, sentado n'uma pedra, frio e duro como ella, o homem cujo derradeiro escripto, traçado havia mais de trezentos annos, nos trouxera ao lugar mesmo onde elle o escrevera — para o encontrar a elle proprio, na mesma attitude em que com seu sangue riscava o roteiro que d'além-tumulo nos guiava! Incomparavel maravilha! Alli tinha eu na mão a rude penna com que elle traçára essas linhas! E parecia que ante mim pouco a pouco resurgiam visiveis, redivivos, os momentos passados ha tres seculos: — o heroico fidalgo, morto de frio e de fome, procurando revelar ao seu Rei o segredo immenso que descobrira; a camisa rasgada, a veia aberta; as linhas tremulas anciosamente lançadas; a penna informe escorregando-lhe da mão; a treva da noite enchendo a cova; o derradeiro beijo pousado no crucifixo; um pensamento dado ainda aos seus, á terra d'onde partira n'um galeão, ao Rei que servia com indomada fé; por fim a morte, o lento e sereno resvalar para a morte, n'aquelle immenso silencio e na immensa solidão!

Por vezes mesmo, olhando para elle, parecia-me reconhecer as aquilinas e energicas feições do seu descendente, o pobre Silveira, que me morrera nos braços. Talvez imaginação. Em todo o caso *elle* alli estava, o primeiro, o antepassado, esse de quem o seu remoto neto me fallára, estendendo os olhos já embaciados para os distantes seios de Sabá. Alli estava; e provavelmente lá está ainda, lá estará, através dos seculos que hão de vir, para espantar outros aventurosos homens como

nós, se jámais houver outros que cheguem a penetrar na sua espantosa e solitaria tumba!

— Vamos embora! exclamou o barão, muito pallido.

Mas parou. E apontando para o corpo de Venvogel, que ficára na mesma postura, com os joelhos á bôca, os braços apertados em volta dos joelhos:

— Dêmos uma companhia ao pobre morto, para dormir n'este esquecimento.

Erguemos, então o cadaver de Venvogel e collocámol-o sentado na pedra, junto do do velho fidalgo portuguez. Depois o barão quebrou a corrente que pendia do pescoço de D. José da Silveira, e guardou o crucifixo no seio. Eu proprio tomei o osso em fórma de lapis. Aqui o tenho ao meu lado, emquanto estas linhas escrevo. Ás vezes assigno com elle o meu nome.

Finalmente tendo-os deixado lado a lado, o altivo fidalgo d'outras eras e o pobre servo hottentote, a passar a sua eterna vigilia entre essas eternas neves, sahimos da caverna para a luz esplendida — e retomámos em fila o nosso triste caminho, pensando que bem cedo estariamos como elles, gelados e hirtos, n'um barranco da serra.

Andada uma milha, que nos levou muito tempo, chegámos emfim á extremidade do planalto do monte sobre o qual assentava o « bico do peito ». E foi uma grande emoção. Por baixo de nós, adiante de nós, estava (devia estar) emfim essa região mysteriosa para além das serras, que nós vinhamos demandando: — mas toda ella se occultava sob um denso nevoeiro. Alli ficámos pois repousando, esperando. Pouco a pouco, as camadas mais altas da nevoa foram-se desfazendo. Avistámos então um pendor da serra, muito dôce e todo coberto de neve. Depois outras camadas de nevoeiro mais abaixo clarearam; e appareceu aos nossos olhos famintos uma campina d'herva verde, um regato correndo através, e á beira d'agua, deitados ou pastando, uns dez ou doze animaes que nos pareceram antilopes.

A nossa alegria — foi como a d'uma resurreição. Caça!

Alli estava caça para comer, e deliciosa! Era a salvação, era a vida! A difficuldade era caçar — essa caça!... Lembro-me que no nosso immenso alvoroço tivemos uma rapida e ataranda discussão, em voz baixa e tremula — se deviamos aproximar-nos da caça ou fazer fogo d'alli, se deviamos usar as carabinas Winchester ou a « Express ! » Indecisão terrivel — porque de acertar ou falhar dependiam as nossas vidas. Fui eu por fim que me decidi. Se tentassemos atravessar o pendor de neve, podiamos espantar o rebanho. E a carabina « Express », apesar d'um alcance inferior, era preferivel — porque as balas explosivas mais facilmente apanhariam *algum* dos antilopes.

Emfim, fizemos fogo, todos a um tempo, com um estampido que rolou tremendamente nas quebradas dos montes. O fumo clareou. E eis que, alegria sem par! — vemos um dos animaes por terra esperneando furiosamente. Berrámos de puro gozo. Estavamos salvos! salvos! De fome já não morriamos! Corremos aos trambulhões pela neve abaixo: — e em poucos momentos tinhamos nas mãos os figados e o coração do animal, quentes e fumegando!

Mas surgia uma difficuldade. Sem lenha, sem lume, como assar a caça?

— Gente faminta não tem exigencias! gritou excitadamente o Capitão John. A ella, e crúa!

Não restava outra solução — e não nos pareceu repugnante. Arrefecemos as visceras na neve, lavámol-as na agua corrente — e devorámol-as com voracidade! Parece horrivel: — mas confesso que aquella carne crúa me soube divinamente! D'ahi a um quarto d'hora, que mudança! Voltára-nos a vida, o vigor! O pulso batia outra vez, forte e regular. Eu por mim *sentia* positivamente o sangue degelar-se, correr-me dentro das veias!

O barão apertou as mãos, e disse simplesmente:

— Louvado seja Deus por isto!

Ficámos olhando uns para os outros, muito tempo, sem falla, n'um sorriso mudo. E não havia em nós outra sensação — senão a de estarmos salvos, de estarmos vivos! Por fim ador-

mecemos, envoltos dôcemente no sol, que subia macio e tepido. Quando acordámos, e esfregámos os olhos, o nevoeiro desapparecera. Toda a vasta região em baixo nos appareceu n'um relance. Demos um grande *ah*, lento e maravilhado! Nunca eu vira (nem outra vez verei!) terra mais deslumbrante! Mudo ainda, tonto da fadiga e da fome passada, parecia-me que morrera, que chegára ao Paraiso, e que o Senhor nos ia apparecer!

(Continúa).

UM ECONOMISTA PORTUGUEZ [1]

(ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA)

Uma proposta de Herculano. — Mallogrado plano de estudos estatisticos. — Godwin e Malthus. — As instituições sociaes e o casamento. — As progressões malthusianas e a sua consequencia. — O banquete da natureza e as obras da morte. — Influencia benefica da condensação das povoações. — O futuro, a producção industrial e a faculdade prolifica do homem. — A previdencia individual e as garantias sociaes. — Opiniões de Herculano e José Estevão. — Qualidades litterarias e caracter de Oliveira Marreca.

I

Concluiremos hoje o nosso estudo ácerca de Oliveira Marreca examinando principalmente o que elle escreveu ácerca da população n'uma Memoria sobre estadistica; foi origem d'esse trabalho uma proposta de Alexandre Herculano, apresentada na Academia Real das Sciencias de Lisboa; a proposta, aliás de cançativa leitura, dizia assim:

«Proponho que a secção de sciencias economicas e admi-

[1] Continuado da pag. 466, numero do 1.º de outubro.

nistrativas redija as instrucções necessarias e uma série de quesitos estatisticos, em harmonia com o estado actual da sciencia, os quaes a Academia faça subir ao conhecimento do governo, procurando obter d'elle que ordene aos funccionarios, tanto civis como ecclesiasticos e militares, e bem assim aos magistrados judiciaes e ás auctoridades electivas de qualquer ordem, e denominação que sejam, respondam dentro da orbita da sua respectiva acção, aos sobreditos quesitos, sendo estas respostas transmittidas á Academia, de modo que, habilitada por este meio, pelas suas investigações directas e pelas informações dos seus correspondentes, possa publicar em periodos regulares, senão uma estatistica do paiz completa, é em tudo semelhante ao que n'esta materia possuem outros paizes mais adiantados, ao menos um trabalho sufficiente para servir á solução dos problemas economicos, e de esclarecimento aos legisladores na feitura das leis que dependem mais ou menos dos resultados geraes da estatistica.»

Oliveira Marreca apresentou na sessão de 14 de abril de 1853 o *Parecer e Memoria sobre um projecto de estadistica.* Propunha vastos trabalhos em todo o reino; uns a cargo de auctoridades e corporações officiaes; outros, de delegados da Academia; queria estudos variadissimos que, a realisarem-se, dariam completa idéa do paiz, desde a constituição geologica até ás instituições sociaes, desde a composição chimica do sólo até aos elementos mais intimos da vida economico-politica, desde as correntes do ar que se respira aqui, até aos factos registrados nos manuscriptos que a negligencia ou a ignorancia deixam enterrados no pó dos nossos archivos. Ao plano de organismo investigador seguiam-se os quesitos e o indice das comparações; enchem paginas grandes; são copiosos e detalhados; mas nunca serviram ao fim a que se destinavam; as commissões não se constituiram, e os poderes publicos não ouviram decerto as palavras da *Memoria*: não é sequer admissivel que Oliveira Marreca, embora de inexcedivel sinceridade, fosse tão ingenuo que esperasse exito bom e completo para a sua proposta; comtudo o cuidado, que pôz em desempenhar-se da incumbencia

academica, mostrava contar que os trabalhos d'elle não tardariam muito a produzir utilidade pratica.

E não se contentou de cumprir a tarefa marcada na proposta de Alexandre Herculano; deu logo principio a outra, escrevendo ácerca da parte do questionario, relativa á população; denotava assim efficaz desejo de ir elle proprio reunindo dados estatisticos, e, ainda além d'isto, fazer a analyse economico-politica das principaes materias. Esta *Memoria* é outro documento do amor de Oliveira Marreca á sciencia, do affecto que votava á patria, e do desinteresse com que a servia; deixa vêr que tinha tal prazer em estudar questões sociaes, que se lhe tornava difficil o deter-se á superficie d'ellas, ou perder o ensejo de excursões e desenvolvimentos. Assim, escrevendo no *Panorama* ácerca do *Curso* de Michel Chevalier, deteve-se longo tempo no exame de condições fundamentaes da nossa economia e na applicação de doutrinas reformadoras. Succedeu-lhe igualmente quando traçou o *Relatorio* que já analysámos: em vez de prologar em breves paginas os pareceres dos diversos jurys da exposição industrial, — contemplou de elevado ponto certos factos agricolo-fabris e apresentou doutrinas que, no seu maduro pensar, deviam dirigir convenientemente os estadistas. Comtudo era quasi pobre de dinheiro o escriptor que assim buscava influir com dadivas do seu talento no espirito publico.

II

Findava o seculo passado quando Godwin e Malthus escreveram obras de grande sensação; eram delicados os assumptos de que se occupavam; e cada um dos auctores os encarava de modo diametralmente opposto.

Godwin professava que o homem sahira bom do seio da natureza, mas que na sociedade se tornou mau; as leis estor-

varam-lhe o desenvolvimento harmonico, a fructificação perfeita dos seus bellos dotes; os governos destruiram com irracionaes severidades a innata belleza da creatura, e provocaram a multiplicação do peccado pela multiplicação das prohibições; deixem a liberdade ao homem depois de lhe ensinarem a distinguir entre o bem e o mal, que bem depressa os crimes diminuirão de intensidade e em numero, marchando a soeiedade com passo progressivamente rapido para as regiões ideaes da virtude prospera. Destrua-se o pesado apparelho das leis, e substitua-se por simples instituições edueativas. O illimitado exercicio da razão terá em si proprio a força de prosperar a existencia humana. Ao egoismo, ao amor proprio, seguir-se-ha a mutualidade affectuosa, a benevolencia reciproca. Extinga-se a propriedade individual: «Os fructos das leis concernentes a ella, escrevia Godwin, são o espirito da fraude, da servidão, da oppressão; d'aqui procedem a inveja, a malicia e a vingança. Vivessem todos os homens na abundancia, compartissem todos irmãmente os beneficios da natureza, que logo se extinguiriam esses depravados sentimentos. Desappareceria o estreito principio do egoismo. Como ninguem teria de cuidadosamente guardar a sua porçãosinha de riqueza, ou de provêr anciosamente ás suas necessidades, cada qual só trataria do bem commum. Afastada a causa de disputas, em breve trecho o amor dos homens readquiriria o imperio que a razão lhe assigna. Desembaraçado dos cuidados do corpo, o espirito livremente se entregaria a mais elevados pensamentos. Cada qual se empenharia em auxiliar o proximo nas suas investigações.»

Por suas doutrinas, e pelo enthusiasmo arrebatador com que as expoz e defendeu, — Godwin póde ser considerado como filho espiritual de Rousseau e predecessor de Kropotkine. Mas entre o enthusiasmo que enleva, e a razão que demonstra, havia no caso presente uma distancia que o publicista inglez não logrou salvar. A bondade natural do homem não passou jámais de um poetico postulado, que muitos espiritos cuidaram ser um theorema solidamente estabelecido. Se a creatura humana fosse originariamente boa, como e quem a tornou má? Esses

governos, essas leis, esses organismos sociaes, que uma errada philosophia pretendeu converter em bode expiatorio de todos os erros, — vieram d'esse mesmo bondoso ser; foi elle, foi o conjunto dos homens, quem creou tudo sem interferencia de nenhuma potestade satanica, sem escravisação a algum Anti-Deus. Como podia o puro bem gerar o mal?

Mas a corrente das idéas dominadoras no tempo de Godwin levava facilmente a toda a parte as suas *Investigações sobre a justiça social;* o publico recebeu o livro com applausos fervorosos; a sociedade, a cujos fundamentos elle queria substituir outros muito diversos, acolheu-o como se fôra uma garantia de paz e de progresso. Tambem Godwin não era um apostolo da revolução armada; pelo contrario, confiando na efficacia do seu evangelho, e crente nas tendencias naturaes da razão, — esperava que o mundo não tardaria a conformar-se com os principios ordenados por elle.

Um d'esses principios, já o dissemos, era o communismo, conduzindo á anarchia quanto mais depressa melhor. O outro era a liberdade do amor, ou, n'uma formula negativa, a abolição do casamento, o qual Godwin condemnava por aviltar (dizia elle muito erradamente) o amavel trato dos dois sexos até brutal sensualidade e sordido trafico monetario. Se a convicção do auctor era forte, o sentimento não se subordinou a ella, antes a submetteu, visto que o evangelista do não-casamento duas vezes casou. Peor do que Pedro, negou-se a si proprio.

O programma do viver social, estabelecido sobre essas bases arrojadas, era deslumbrante: a fraternidade alliançando os homens; o egoismo e o ciume banidos; as paixões da grandeza, do ouro e da carne, anniquiladas para sempre; as lagrimas do terreno valle evaporando-se, para se converterem logo em prodigioso orvalho, que faz brotar flôres eternas na mansão do homem feliz.

Mas ainda quando não fosse impossivel organisar o communismo em condições estaveis; e ainda que a realisação do pensar de Godwin ácerca da familia não rebaixasse o homem, — não haveria na rapida multiplicação dos sêres humanos um

invencivel obstaculo á prosperidade que elle sonhára? Godwin respondia negativamente; e, para tranquillisar os temerosos de mau futuro, apontava-lhes para tres quartos do globo ainda incultos, e para o resto ainda mal aproveitado; crescesse a população por myriades de seculos, que nem por isso a terra cessaria de dar subsistencia a seus habitantes.

Contra parte d'estas idéas, expostas por Godwin em duas obras, sahiu o economista Malthus com a sua *Tentativa sobre o principio da população;* o pensamento fundamental d'ella é que na raça humana tende a multiplicar-se mais rapidamente do que se multiplicam as subsistencias; muitas creaturas nascem que, por evidente falta de recursos, vivem breves dias, ou compõem quadros mais ou menos amplos de miseria, de crime, de pauperismo, de abatimento physico e moral; essa natureza, que, segundo Godwin, era opulenta e generosa, não dá alimentos abundantes a todos os sêres humanos, não garante a prosperidade a quantos nascem. Obstaculos fataes, *positivos*, por toda a parte e em todos os tempos se ergueram ao desenvolvimento da população; as epidemias, as fomes, ou a escassez, os proprios vicios que ora depauperam o organismo, ora absorvem riquezas que deveriam alimentar forças proficuas, — tudo isto dizima as fileiras. Não havendo, pois, recursos illimitados; sabido que não basta nascer para adquirir seguro direito a subsistir confortavelmente; provado que as coisas necessarias á vida não têm sido elaboradas em quantidade proporcionada á producção humana, — mal da sociedade se n'ella não crescer a providencia, isto é, se os homens, antes de fundarem familia, antes de se multiplicarem, não tiverem grande probabilidade de poderem educar bem os filhos; tanto menor fôr este obstaculo *preventivo*, maiores serão os estragos causados pelo *repressivo;* maiores serão os soffrimentos, os vicios, a miseria.

Muitos escriptores, antes de Malthus, como elle proprio declarou, tinham attentado no desequilibrio entre as subsistencias e a população. Philosophos tão famosos como Platão e Aristoteles, já haviam escripto sobre essa materia paginas horrorosas; e as leis, bem como os costumes, de povos civilisados e de po-

vos barbaros, attestam que ao través dos seculos e por toda a parte, a misera humanidade não tem conseguido manter-se e multiplicar-se sem ao mesmo tempo manter, e ás vezes aggravar, asquerosas desordens moraes. Nenhum escriptor, porém, levou tão longe como Malthus as investigações ácerca dos diversos meios por que a população é mantida ao nivel das subsistencias; nenhum insistiu como elle na vantagem da previdencia moral; nenhum deu aspecto mathematico a algumas idéas essenciaes, como elle deu.

Mas essa traducção mathematica d'ellas foi-lhe nociva; consistiu em duas progressões, uma geometrica, outra arithmetica; a primeira representando a multiplicação humana qual seria se não encontrasse obstaculos; a segunda indicando a maxima producção de subsistencias ainda quando se empregassem os mais aperfeiçoados processos. A primeira compunha-se dos termos 1, 2, 3, 4, 5, etc.; a outra era 1, 2, 4, 8, 16, e assim por diante; de termo a termo suppunha-se mediar o espaço de 25 annos; de sorte que se a população poderia ser 16 vezes maior quando volvidos 100 annos, as subsistencias só poderiam quintuplicar durante o mesmo tempo; mas a especie humana tinha de adaptar-se aos meios de existencia; portanto, se a previdencia moral não retardasse a producção de homens, a maioria dos nascidos n'esse seculo seriam victimados á miseria ou ao vicio, ás epidemias ou ás guerras. Fallando de todo o sêr que assim deixava de existir, Malthus escreveu na primeira edição as seguintes palavras que não apparecem nas seguintes: « O homem que nascer n'um mundo já occupado não terá o menor direito a reclamar qualquer porção de alimento e será demais sobre a terra, se a familia d'elle não tem meios de o crear, e a sociedade não precisa do seu trabalho. No grande banquete da natureza não ha prato para elle. A natureza ordena-lhe que se retire, e ella propria não tarda a fazer executar esta ordem [1]. »

Assim Malthus não só indicava as tendencias da produc-

[1] Citadas em Blanqui, *Hist. de l'Ec. Polit.*, tomo II, pag. 133 da 3.ª ed., Paris, 1845.

ção de homens e subsistencias, mas tambem entrava corajosamente na questão de direito por modo tal, que dava aspecto de cruel á sua doutrina. A critica reprehendeu severamente o escriptor. Ainda hoje a palavra *malthusiano* é um pouco pejorativa. Comtudo a leitura attenta da obra fará convencer da alteza dos sentimentos de Malthus e da elevação moral de muitos de seus conceitos; se a analyse do principio da população lhe sahiu incompleta e ás vezes muito errada, não deixa, porém, de ser um dos mais importantes trabalhos economicos do seculo XVIII. Se as exagerações do individualismo o prejudicaram, as suas idéas convergiam todas para o engrandecimento da virtude, para a subordinação das paixões á rasão; queria que o espirito do homem regesse o corpo em vez de ser este o senhor perante o qual emmudecesse aquelle.

Reagindo contra as falsas noções ácerca da bondade natural da creatura humana, que attribuiam ás instituições sociaes todos os males, procurou mostrar quanto o procedimento de cada individuo influia na sua propria desgraça ou na sua ventura; quiz, portanto, despertar ou fortalecer a previdencia, evidenciando ao mesmo tempo a responsabilidade de cada molecula social. Ainda que desattendeu alguns elementos essenciaes d'esta questão, bem como da dos possiveis progressos agricolas, — foi comtudo muito util o seu trabalho; e ainda hoje é assumpto de largas discussões. Póde dizer-se que a obra d'elle *ficou*.

Um dos seus maiores erros consistiu em querer decidir das evoluções futuras da producção humana e industrial, exprimindo em fórmas mathematicas as tendencias d'ellas, quando ainda não havia elementos bastantes para decidir a questão. As suas proprias palavras foram: «Podemos dar como certo que, não sendo a população detida por obstaculo algum, vai duplicando todos os vinte e cinco annos, crescendo portanto em progressão geometrica.» E pouco depois: «Considerando o actual estado da terra, podemos assentar que os meios de subsistencia, nas mais favoraveis circumstancias do trabalho, nunca augmentarão mais rapidamente do que em progressão arithme-

tica.» Estas duas leis apparecem logo no primeiro capitulo da obra; para chegar a ellas, Malthus partiu do principio, segundo o qual todos os sêres vivos tendem a augmentar a sua especie mais do que o comporta a quantidade de alimentos ao alcance d'elles. A este theorema juntou a observação de que nos Estados-Unidos a população dobrava em periodos de vinte e cinco annos aproximadamente. Quanto á industria, restringiu-se á agricola; e ahi mesmo limitou-se a affirmações como estas: «Se admittissemos que, pela melhor administração e pelos mais poderosos estimulos aos cultivadores, o producto das terras (na Inglaterra e Escossia) duplicaria nos primeiros vinte e cinco annos, provavelmente ultrapassariamos a verosimilhança. Nos seguintes vinte e cinco annos é absolutamente impossivel esperar que o producto siga a mesma lei, quer dizer, que quadruplique; isto contradiria todas as noções adquiridas ácerca da fecundidade do sólo. Supponhamos que as addições annuaes do producto médio são por modo que de vinte e cinco em vinte e cinco annos a Gran-Bretanha lhe ajunta tanto como o que agora produz: certamente o mais arrojado especulador não pensará que se devam levar mais longe as supposições, pois que isto bastaria para em poucos seculos converter a ilha inteira em jardim.»

Tudo isto só poderia admittir-se como incontestavel se já fossem conhecidas as forças de que o homem irá dispondo nos seculos seguintes, e como as empregará; quaes os limites da cultura intensiva, e as revoluções futuras na producção de alimentos; finalmente qual a futura modificação no poder prolifico da humanidade [1].

Mas se a doutrina de Malthus pretendeu n'esse capitulo inicial, e n'outros muitos, dar á sciencia um poder prophetico superior ás suas forças em tão intrincado problema, ha na sua obra observações cheias de verdade, algumas das quaes feliz-

[1] V. *Essai sur le principe de la population*, par R. Malthus, tr. de Prévost. Bruxelles, 1841. Tome I, pag. 14 a 21.

mente contradizem as funebres conclusões d'aquellas formulas [1]. Este mixto de erros e de acertos, os differentes aspectos que toma a questão conforme se encara o passado e o presente, ou se busca devassar o futuro, — tudo isto explica o haver illustres defensores e tambem illustres adversarios de Malthus, ainda agora que passou quasi um seculo sobre a publicação da obra.

III

Oliveira Marreca assentou, antes de tudo, o principio muito simples da tendencia da adaptação da população aos meios de subsistencia; mas cumpria investigar se era por meios tão violentos que necessariamente se lhes adaptava, e se não havia razões algumas para admittir que melhorariam successivamente as condições da humanidade; cumpria saber se da propria multiplicação do genero humano resultavam circumstancias novas, que praticamente equivalessem a novas forças productoras de subsistencia.

Sobre estes pontos Oliveira Marreca reuniu factos e argumentos muito elucidativos. Notou que desde o principio do seculo XVIII se dera um crescimento de população como nunca os povos da Europa o tinham presenciado. Ao mesmo tempo a industria e a agricultura fizeram grandes progressos. «Apoderando-se dos agentes gratuitos da natureza, o genio da sociedade faz d'elles orgãos supplementares da força humana; e desde então os productos fabris não só multiplicam muito mais do que os homens, mas não conhece outros limites a sua multiplicação senão a materia elaboravel, a vontade do productor e as necessidades do mercado.» Simultaneamente com o progresso numerico dos homens veiu o augmento no consumo individual de productos immediatos da agricultura, e no de artefactos;

[1] Ácerca das contradicções de Malthus e das suas esperanças no futuro, vid. o nosso livro *Principios de economia politica*, pag. 201 e seg. Porto, 1883.

eresceu, pois, o eapital eom mais rapidez do que os homens; e é de observar que do mesmo passo diminuiram as fomes e as epidemias que n'outras éras, eahindo poderosamente sobre as povoações, levavam em eurto espaço uma parte eonsideravel d'ellas.

Estudando por outro lado a questão, Oliveira Marreea observou que o mesmo erescimento da população augmentava progressivamente as foreas industriaes; seria, portanto, erronea a affirmação de que dois homens associados a dois homens podem ser apreciados quanto á eapaeidade industrial eomo se o primeiro par trabalhasse independentemente do segundo; o erro proviria de não ter em eonta os prodigios da assoeiação. Onde os habitantes são poueos relativamente ao sólo occupado por elles, as relações estabeleeem-se eom diffieuldade; ás vezes a distaneia entre os moradores até se torna insuperavel impedimento a vantajoso trato; pelo contrario, á medida que a povoação vai adensando-se, as industrias vão eolhendo todos os proveitos proprios da divisão do trabalho; realisam-se eeonomias ereseentes no transporte; sobe eom rapidez progressiva o trafieo mereantil; a eoneurreneia das idéas, o auxilio, que mutuamente se prestam aquelles mesmos que se combatem no eampo das seieneias, aperfeiçôa constantemente a teehniea das industrias e das artes, o que tanto vale como dizer que o individuo vai sendo cada vez maior produetor dos objeetos indispensaveis á existeneia. Ha, portanto, duas séries de melhoramentos derivados da eondensação dos habitantes: uma é a dos que resultam da associação; outra reune os proeedentes do aperfeiçoamento individual; finalmente ambas se influeneiam reeiproeamente; e, reunidas, exprimem que a humanidade, ao mesmo tempo que sobe em numero de individuos, vai adquirindo não só maiores forças, mas tambem superiores faeuldades. Não quer isto dizer que seja ininterrupto este progresso; ha periodos de decadeneia; mas enearados os phenomenos soeiaes no seu eonjunto, vistos d'esta idade, á qual já é dado estudar tantos faetos ás vezes apparentemente eontraditorios, e eonjeeturar-lhes a verdadeira signifieação, — pareee que a tendeneia da humanidade

é para assegurar mais abundantes meios de subsistencia a cada vez maior numero de pessoas.

Summariando o seu pensar, Oliveira Marreca dizia: «Com o crescimento dos homens e a sua agglomeração crescem germes de riqueza, e poderes effectivos de maior efficacia, que não deixava surgir a raridade, ou a disseminação das familias, e que d'antes não residiam na natureza exterior, porque vieram ao mundo á medida que as gerações novas foram apparecendo e concentrando-se. Vieram com ellas, trazidos por ellas. D'onde posso concluir (accrescentava elle, fazendo-nos lembrar uma passagem de Godwin) que as populações que vêm entrando na scena da vida, segundo a lei natural nunca pejam os quadros da sociedade, acompanhadas como são de novas forças de producção que não existiam d'antes. Contando, para subsistirem, com a terra e o capital que já cá estavam, apresentam como titulo a um lugar no banquete commum o tributo de poder, com que augmentam o fundo anterior das faculdades de associação.» «Póde haver intervallos, póde haver paizes onde os habitantes cresçam ou tendam a crescer mais depressa que as subsistencias, ou onde as substancias fundamentaes do alimento e do commodo tendam a encarecer na proporção do augmento dos habitantes e dos seus recursos. Esta é a excepção. Mas os factos que constituem a excepção, mostra a estadistica e a historia, que com mais ou menos difficuldade, com muito ou pouco dispendio de annos tem sido superados já pelo poder do trabalho e as conquistas da intelligencia humana sobre a inercia da natureza physica, já pelo achanamento d'aquellas barreiras com que a sociedade havia embargado a carreira do seu adiantamento.»

Embora escrevesse estas firmes palavras optimistas, alguma duvida permanecia no seu espirito; assim o concluimos da pergunta que logo depois formulou: «Terá o homem mais poder para multiplicar-se do que para multiplicar os alimentos, ou será a sua faculdade productiva superior á sua faculdade prolifica?» Tendo estabelecido como regra que o crescimento das subsistencias é maior que o da povoação, deixava solvido

o problema que agora extemporaneamente formulava; a necessidade, que sentiu, de o estudar ainda, manifestava que não ficou satisfeito da sua anterior demonstração, ou antes, das suas observações; teria provado n'ellas que até agora a terra não faltára á humanidade, e que a condensação trazia superiores vantagens; mas não discutira se a precoce mortalidade era principalmente devida ao excesso da força genesica sobre as faculdades industriaes, nem se com o andar dos tempos a condensação viria a ser incommoda e perigosa.

Respondendo á pergunta, Oliveira Marreca fez notar que se a questão se estabelece sobre a base do poder *virtual* da população, ha de tambem assentar sobre o poder *virtual* da producção; tem de suppôr-se extincto qualquer impedimento ás duas especies de multiplicação; quanto ao homem, não carecia de muitos seculos para cobrir a terra, se o considerarmos só como força prolifica; mas as plantas e os animaes ainda com maior rapidez se assenhoreariam do globo, se a propagação d'elles não topasse nenhum impedimento. Sob este aspecto, as faculdades do homem não excedem as dos elementos fundamentaes do alimento d'elle; não se depára ahi, portanto, nenhuma desharmonia; mas se lançamos interrogações ácerca do futuro, quem nos assegura que a humanidade não «trasborde do globo por se não poder alimentar, nem caber já n'elle?» Por muito fecunda que seja a condensação humana, ha um limite além do qual se tornaria oppressora, da mesma sorte que se o augmento do calor é util á producção de certos fructos, além de certo grau queimaria as plantas. Marreca entendia que um lanço d'olhos sobre o mappa do mundo mostra-nos os homens faltando ás terras para as povoar e agricultar, não as terras faltando aos homens; e, nos poucos tratos utilisados, a arte de extrahir do sólo o maior proveito está reduzida a um ponto imperceptivel na vastidão do globo; isto quanto ao presente; e, quanto ao futuro, duvidava que o calculo das probabilidades indicasse risco maior de se realisar a conjectura do que o do encontro de um cometa com a terra.

Mas isto é uma evasiva, não é uma solução; evasiva eram

tambem estas palavras: «Não suppomos .que a natureza fosse imprevidente, ou quizesse dar-nos esphera pequena para despregar os nossos meios de actividade e de multiplicação.» Poderia replicar-se-lhe que já parecia imprevidencia da natureza o virem ao mundo muitos sêres que, mal arriscam os primeiros passos na carreira da vida, logo morrem; imprevidencia da natureza, o tombarem para a sepultura muitos individuos de preciosas qualidades exactamente no periodo e nas circumstancias em que mais necessaria se tornava a permanencia d'elles na sociedade. Provada esta cegueira e surdez da natureza ante os males e os lamentos do passado e do presente, como haviamos de tranquillisar-nos com a vã allegação da sua previdencia quanto ao futuro?

Longe, porém, de Oliveira Marreca o pretender tratar aquelle thema só com banalidades; fôra improprio da sua cultura e da sua honra scientifica; tencionava dedicar um capitulo especial ao exame da questão; mas não chegando a completar a *Memoria*, ficámos privados do resultado de seus estudos; na parte publicada estão só as seguintes palavras, que deixam vêr para onde lhe pendia a opinião: «A considerarmos a attenuação progressiva do numero dos nascimentos, e o decrescimento simultaneo e ainda maior da mortalidade como signaes de melhoramento no estado social, ou como tendencia da civilisação, o problema, que agora discutimos, póde formular-se em termos mais conducentes a uma solução. Mas será assumpto para outro capitulo.»

E na verdade, se os progressos hygienicos e pedagogicos têm de tornar cada vez mais longa e mais util a vida média; se as invenções technicas hão-de baratear os productos; se finalmente as revoluções no pensar e no sentir hão de subordinar a regras de progressiva equidade a distribuição das riquezas,— só a diminuição da faculdade prolifica, effectiva, do homem póde permittir o perpetuo desenvolvimento d'esses traços caracteristicos da civilisação sem que a estreiteza da terra venha um dia a ser o insuperavel obstaculo a esse mesmo desenvolvimento.

Será absurdo o suppôr que o poder prolifico do homem diminua com o tempo? Certamente não; antes pelo contrario concorda a hypothese com um facto bem conhecido: em geral, os sêres mais perfeitos costumam ter menor prole do que os inferiores; ora a accumulação de aperfeiçoamentos do homem differenciam-no cada vez mais do que foi na primitiva idade; concebe-se que novos progressos mentaes o tornem ao fim de myriades de annos muito differente do que é hoje; e uma d'essas differenças bem póde ser a diminuição do instincto genesico, talvez correlativa do engrandecimento espiritual. Será, porventura, esse o aureo tempo em que tambem o egoismo tenha deixado as suas fórmas brutaes e se combine com a sincera fraternidade? Será essa a venturosa idade em que o amor viva desembaraçado das illusões que tantas vezes o tornam attrahente introductor n'um mundo de miserias e decepções? [1]

Pelo que respeita aos progressos da industria, que prodigios se realisarão no futuro? Até onde irá a diminuição de trabalho para a producção das subsistencias? Que fecundas verdades serão descobertas pela synthese chimica? Fôra louca a pretensão de marcar desde já estreitos limites ás suas vindouras conquistas, quando o imperio d'ella, adquirido incontrastavelmente, revela enormes forças que constantemente se engrandecem [2].

[1] Já David Booth alludia á diminuição da faculdade prolifica do homem. (Vid. *Recherches sur la population,* par William Goderid, trad. de F. S. Constancio. Paris, 1821, tom. I, pag. 358). Entre os economistas foi Carey quem mais insistiu na diminuição do poder genesico á medida que o homem se aperfeiçôa. (Vid. *Principes de la Science Sociale*, trad. de Leduc e Planche, sobretudo tomo III, pag. 297 a 300). N'uma obra recente (*Das Verhältniss zwischen Geborenen und Gestorbenen in historicher Entwickelung*, Halle a. S. — 1889), J. Wernick oppõe á affirmação de Carey o facto de n'este seculo não ter diminuido, antes augmentado na Allemanha, a frequencia dos nascimentos; mas que valem os phenomenos de menos de um seculo para a questão, especialmente quando as estatisticas não vêm acompanhadas pelo exame das multiplices causas d'esses mesmos phenomenos?

[2] Já Godwin dizia: «Não ha boas razões para affirmar que a alimentação dos animaes deva necessariamente ser primeiro submettida ás leis da vida animal

IV

Mas deixemos a questão do futuro, que só nos serviu para contestar a deshumana rigidez da supposta theoria mathematica malthusiana. O que sabemos ao certo é que, fitando o presente, ahi vemos a miseria, ou a escassez de recursos, avexando numerosissimos individuos, encurtando o viver de alguns, pondo rapido termo á existencia de tantos; porém entre as causas d'estes factos ha a distinguir as que se referem á producção de riquezas e as concernentes á sua distribuição.

Sobre a mesma superficie podem viver mais ou menos homens, segundo as faculdades de que são dotados. Malthus cita um viajante que, tendo vivido nove annos entre os selvagens da Florida, contava que não conheciam especie alguma de agricultura, e se nutriam de raizes penosamente procuradas; passava-se isto ha seculos; agora a mesma terra, segundo o recenseamento de 1880, conta 269.493 habitantes; e as suas 23.438 propriedades rusticas valem mais de quatro milhões sterlinos. Se, pelo contrario, lançamos um olhar para a Africa boreal, ahi se nos deparam ruinas de estados outr'ora florescentes e muito povoados; igualmente nos succederia em varios lugares da Asia; bem perto de nós, o confronto da Irlanda com a Inglaterra ensinar-nos-ia quanto sobre o progresso do homem, sobre a sua producção economica, podem numerosos elementos estranhos ao sólo e ao clima; se fosse necessario maior numero de exemplos, ahi teriamos outro superiormente instructivo nos monumentos da cultura hollandeza erectos sobre um sólo ingratissimo, ao passo que em regiões do continente negro faltam aos selvagens as forças da industria para regerem a opulenta

ou vegetal. Por toda a parte onde houver terra, agua e os outros alimentos chimicos, é possivel que a arte um dia forme compostos alimenticios. » (*Ob. cit.*, tom. II, pag. 286).

natureza externa. Se as riquezas encerradas no meio da terra, e as que se manifestam na luxuriante vegetação tivessem espirito e voz para estudarem e discutirem o problema da população, queixar-se-iam de que os homens faltam para as aproveitar, para as engrandecer em categoria economica, tornando-as elementos da civilisação; porventura algum genio das florestas, receioso do futuro, formularia ácerca das plantas, em suas relações com os homens, doutrina analoga á de Malthus ácerca dos homens em suas relações com as plantas. Nem aquelle, nem este, acertariam. A verdade é que, embora superabundando a terra, ainda nem todo o humano habitante d'ella a sabe cultivar; considerada no seu conjunto, a sociedade vai produzindo cada vez mais e melhor; as riquezas multiplicam-se prodigiosamente; mas se os carros dos triumphadores levam cada vez maior numero de pessoas, se a victoria é ganha por quantidade crescente de operarios, sempre aos hymnos gloriosos se unem as plangentes vozes de muitos infelizes. Assim como na Florida os selvagens outr'ora penosamente procuravam raizes onde hoje se colhem abundosos fructos, — assim em cada momento, que a sociedade vai vivendo, se dão simultaneamente factos que bem representam aquelle vegetar opprimido e esta desaffrontada existencia; ainda mais afastados e contrastantes são os extremos da realidade, pois que n'um ponto se observam ás vezes os mais abjectos desperdicios e no outro a mais honrosa penuria.

N'estas clamorosas desharmonias influe de certo a imprevidencia; a Malthus sobravam razões para a combater, e desenganar os homens de que os males do individuo não tinham por unica origem a observancia das leis escriptas, ou os erros dos governos; mas quem póde adquirir previdencia bastante que affiance á familia o conforto, ou ao menos a satisfação das necessidades imperiosas? Quem terá o braço bem forte para combater o cego acaso? Quem terá a faculdade de prevêr todos os accidentes que hão de ir estorvando o progresso individual? Ninguem possue a certeza do que succederá ámanhã. Teria de condemnar-se á inacção, que seria o suicidio, quem

não quizesse praticar acto algum de que não soubesse préviamente todas as consequencias.

Se, porém, o homem não póde dominar todos os acontecimentos, não é isto rasoavel motivo para que deixe de esforçar-se por afastar perigos. Mal do mundo se todos os homens seguirem á letra aquelles conselhos do sermão da montanha: «Não andeis cuidadosos do que comereis, nem do que vestireis. Não é mais a alma que a comida, e o corpo mais que o vestido? Olhai para as aves do céo que não semeam, nem segam, nem fazem provimentos nos celleiros: e comtudo vosso pai celestial as sustenta; porventura não sois vós muito mais do que ellas? E porque andais vós solicitos pelo vestido? Considerai como crescem os lyrios do campo; elles não trabalham, nem fiam.» Sublime intenção a d'estas exhortações, se era a de collocar os interesses moraes superiormente aos materiaes; mas ai de quem tranquillo aguardasse que os vestidos viessem cobrir-lhe o corpo, e o alimento viesse manter-lhe as forças sem que empregasse esforços alguns. Os proprios lyrios do campo tambem trabalham; por especiaes processos elles transformam os elementos nutricios que a terra e a atmosphera lhes ministram. E nem todos os lyrios chegam a florescer e fructear: quantos d'elles, apenas brotados, perdem logo essa fórma da vida e se tornam pó! O Velho Testamento contentou-se de imaginar que Adão e Eva estiveram a principio no Eden, onde ouviram aquella voz de Jehovah: crescei e multiplicai; ahi tendes vegetaes e animaes em abundancia; lavrareis alegremente o sólo, e vivereis felizes. Porém ainda não era nado o primeiro filho, e já no dizer biblico descia do céo outra voz de Jehovah amaldiçoando a terra e condemnando o homem a obter o pão á custa do penoso trabalho, até que volvesse ao pó d'onde surgíra.

Sob o aspecto economico, tão nociva seria a cega imprevidencia, como o extremo temor de constituir familia. «Os economistas que escrevem debaixo da impressão do receio (dizia Oliveira Marreca), ouvindo os lamentos da fome, e os gritos das multidões superabundantes, deslisam-se facilmente do rigor e

serenidade do raciocinio ás apprehensões do pessimo, ás hypotheses imaginarias, á effusão das exhortações contra os matrimonios imprudentes; e os seus livros, tomando a tinta do temor que os allucina, e as emanações da atmosphera que os cerca, — se fossem abraçados por quantos não têm a fortuna propria tão bem ancorada no presente, que a não possam vêr quebrada no futuro, entrando os grandes grupos da população a eximir-se dos encargos da paternidade, — seriam vastos desertos ou sociedades fracas — pobres e disseminadas — nações poderosas e opulentas hoje. A incerteza de uma continuação não interrompida de recursos para costear uma familia abrange as immensas maiorias do globo habitado; e é a essas, as mais incapazes de as aceitar, que se endereçam as cathequezis da escóla de Malthus. A adopção absoluta d'esta doutrina conduziria ao celibato quasi universal. Amorteceriam então essas faculdades de actividade e trabalho que se multiplicam no chefe da familia á proporção do numero dos membros que a compõem. Pararia na morte do homem a perspectiva do pai, que se alonga ao futuro da sua posteridade. A mão amiga e incansavel, que prepára a infancia para os grandes destinos da sociedade, e ajunta para outrem os bens materiaes, de que não ha de gozar, descahiria no ocio. A familia impõe despezas; mas o principio da associação e communidade, em que se funda, proporciona economias impossiveis na isolação do celibato. Exautorada a familia, pereceria o maior estimulo da educação, do aperfeiçoamento da especie, da accumulação do capital; desappareceria uma das condições da longevidade, porque o solipso vive menos; e nem por isso vedaria a corrente dos nascimentos.»

V

Perante as forças externas que umas vezes lhe são beneficas, mas outras lhe são adversas, o individuo corre o perigo de ficarem inutilisados seus melhores e maiores cuidados; esforçou-

se em prevenir a realisação de certas hypotheses; mas deram-se outras em que nem sequer pensára. Os diversos graus e especies de associação permittem impedir muitos males que fariam succumbir o homem isolado. Concordam n'isto as mais oppostas escólas; porém desharmonisam-se quando apreciam qual deva ser o auxilio do estado ou das corporações locaes ao individuo perseguido pela desgraça, ou quaes as garantias sociaes de existencia ou progresso individual. Na doutrina de Godwin, todo o bem se alcançaria quasi sem leis, e até o aperfeiçoamento humano permittiria que viessem a não ser precisas. Na de Malthus, o dever principal do estado seria a instrucção; repugnava-lhe, por muito nociva, a beneficencia official, a taxa dos pobres, tão mal empregada na Inglaterra. Oliveira Marreca não se occupou especialmente d'este ponto, que, para ser bem discutido, não obrigaria a menos que apreciar todas as doutrinas socialistas; e, no estado actual das sciencias sociaes, por grande que fosse o genio entregue a esse trabalho, não se achariam elementos bastantes á completa solução do problema.

O nosso compatriota não póde, porém, ser classificado entre aquelles que se oppunham a toda a acção do estado a favor das classes inferiores, sob a fórma de beneficencia. Se condemnava todo o systema de caridade official que cegamente distribue soccorros, logo accrescentava: «Refiro-me á indigencia valida. A invalida por idade, molestia, ou enfermidade, todo o subsidio, que lhe é prestado, avalia-se pela regra do dever moral, que está acima da theoria economica.» Já vimos tambem que no *Relatorio* poz uma phrase, em que parecia attribuir ao governo a funcção de dotar operarios com certos instrumentos productivos; mas referia-se especialmente aos agricultores. Acaso quereria que não só lhe distribuisse certas terras, mas tambem que fizesse leis promotoras da divisão da propriedade rural, que facilitasse recursos pecuniarios aos pequenos lavradores, que buscasse na combinação da industria com a lavoura um remedio das crises e do proletariado? Não sabemos que deixasse escriptas suas opiniões sobre a questão operaria; comtudo n'aquelle *Relatorio* ha as seguintes passagens:

« O que mais nos convém é o systema da divisão, a cultura parcellar, o predominio da propriedade pequena e média, a distribuição dos nossos terrenos incultos por familias laboriosas, a desaccumulação d'aquella parte dos nossos predios ruraes, que póde justamente desaccumular-se. D'este quadro não ficaria excluida a grande propriedade, ou, para melhor dizer, a grande cultura. A grande cultura seria a excepção, seria o modelo, seria o theatro experimental, onde se ensaiassem as descobertas e aperfeiçoamentos da sciencia agronomica, que exigem uma vasta superficie de terreno, uma habilidade superior, um poderoso concurso de capitaes. Ao estado pertenceriam os trabalhos mais dispendiosos de irrigação, esgotamento, canalisação e estradas... A vastidão dos tratos bravios que se estendem por alguma das nossas provincias, não póde desbravar-se senão pelo trabalho da pequena familia proprietaria... Depois das terras incultas estão as propriedades já cultivadas a que o estado tem direito. Com ambas se poderia praticar, até onde fosse praticavel, a divisão em porções adequadas á subsistencia de uma familia. Aos novos adquirentes se devêra impôr por unico onus e condição do dominio um canon annual perpetuo, mas muito modico; e, por alguns annos ao menos, privilegial-os, como aos senhores da meia-idade, com a isenção de todo o imposto. Da mesma sorte que a industria transformou mendigos em operarios, esta medida elevaria trabalhadores á classe de proprietarios. O progresso, na sua phase economica, não tem sido outra coisa senão esta promoção contínua ou do individuo ou dos differentes grupos sociaes. »

Estas palavras, não desagradariam ao radicalismo de Chamberlain, e exprimem idéas organisadoras que não destoam talvez das que inspiraram algumas das mais importantes reformas de Mousinho da Silveira. Junto d'esse trecho ácerca da propriedade fundiaria, convém copiar da *Memoria* o que escreveu sobre a classe obreira: « Propensa a industria pelos lucros que offerece, e por outras muitas causas, a generalisar-se entre as nações mais depressa do que a divisão da propriedade agricola, — as suas perturbações por estagnação de productos e sobe-

jidão de braços não podem, ou não poderão no futuro, ser precavidas por um só povo mesmo dentro da área do mercado proprio, senão por accordo collectivo de todos os povos fabris, accordo que colloque os obreiros na mesma linha dos pequenos proprietarios, ou deslinde de outro modo a questão suprema do trabalho.»

No tempo em que se publicavam estas linhas eram conhecidos muitos systemas com pretensão a resolverem a questão social; o nosso distincto economista não seguiu nenhum d'elles, apesar da popularidade de alguns; limitou-se a indicações acompanhadas de palavras proprias de quem sabia as difficuldades da materia e conhecia a insufficiencia dos meios propostos por outros. É, porém, de notar que o seu pensar ácerca da propriedade territorial e do accordo industrial das nações fabris é analogo ao que tem sido materia de porfiados debates nos ultimos annos.

Os mais illustres compatriotas de Oliveira Marreca não concorreram com melhor tributo do que elle para esclarecimento da questão social; questão suprema, lhe chamava Alexandre Herculano; porém não via outro meio de resolvel-a senão «o restaurar, em harmonia com a illustração do seculo, as instituições municipaes, aperfeiçoadas sim, mas accordes na sua indole, nos seus elementos, com as da idade média.» Restava saber o que significava essa harmonia; Herculano não o disse; acaso a interpretaria bem o seu admirador Henriques Nogueira quando traçou o vasto quadro das instituições municipaes? [1] José Estevão, na sua cadeira de economia politica, julgava necessario repartir e dividir a população conforme a extensão do sólo e a sua prosperidade; esperava que algum dia as nações estabeleceriam um accordo para repartirem o excesso dos braços pelos lugares inhabitados que apresentassem futuro de producção; tinha confiança no porvir; elle, que fôra dos mais corajosos como soldado e orador, exclamava, leccionando na Escóla

[1] A. Herculano, *Historia de Portugal,* tomo III, pag. 226 da 3.ª ed. — J. Felix Nogueira, *O Municipio* no seculo XIX. Lisboa, 1856, pag. 144 e seg.

Polytechnica: «A Providencia velará por nós. Deixemo-nos ir embalados por esta embarcação que marcha veloz para um mundo desconhecido. Aproemos ao Oriente, havemos de chegar a algum porto. E tenhamos presente sempre o alcance das quatro palavras que, como quatro columnas, encerram a questão que nos tem occupado (era a da população e emigração): *moralisar, desaccumular, repartir, produzir*. São os remedios palliativos, porque o remedio heroico pertence á natureza [1].»

VI

Temos considerado os principaes trabalhos economicos do nosso illustre compatriota; em cada um d'elles indicamos e analysamos o que havia de fundamental. Não encerram proposições que ampliassem o dominio da sciencia; mas em numerosos pontos são o estudo cuidadoso e proficuo de questões importantes; esses trabalhos mostram que Oliveira Marreca ia acompanhando o progresso das idéas economicas no estrangeiro, e que foi entre nós um representante da escóla de List e de Carey, sem cumtudo aceitar todas as doutrinas alli professadas, antes provando possuir espirito com independencia e alcance bastantes para poder caminhar seguramente sem alheio auxilio. Foi contra Malthus, sem cahir nos extremos a que chegou William Godwin. Confiou na liberdade, comprehendendo-a, porém, muito melhor do que Bastiat quando tratou da missão do estado. Certamente contribuiram muito para esta orientação economica os seus vastos conhecimentos historicos.

Das qualidades litterarias de Oliveira Marreca escreveu Lopes de Mendonça:

«Examinando os escriptos do economista, fica-se deveras attonito do modo por que elle reune e consubstancia no seu es-

[1] *Discursos parlamentares* de José Estevão colleccionados por Joaquim Simões Franco, Aveiro, 1878, pag. XIII e seg. Ahi vem o trecho d'uma lição de José Estevão conforme as notas do snr. José Horta, quando foi seu alumno.

tylo attributos que pareciam dever repellir-se. A extrema elegancia e concisão da sua phrase combina-se com a profusão da linguagem e a abundancia pittoresca de epithetos com que traduz as suas elevadas concepções, que seriam obscuras de outro modo. Como mestre da lingua, o snr. Marreca é devéras creador; e pondo de novo em circulação os thesouros do nosso fallar classico, imprime-lhes uma physionomia diversa, adoptando-os para revelarem as combinações de uma sciencia, que, joven nas outras nações, póde dizer-se que entre nós nasceu ha dois annos [1]. »

Das qualidades do homem disse Alexandre Herculano, prefaciando as *Lendas* e *Narrativas:*

« Caracter grave e austero, digno dos tempos antigos, e que a Providencia collocou, em meio de uma sociedade gasta e definhada por muitos generos de corrupções, como condemnação muda; homem, sobretudo, de sciencia e consciencia... »

Passou longos annos entre as agitações politicas; tomou notavel parte em muitas d'ellas; e sempre o seu procedimento foi tam nobre, que os proprios adversarios o respeitavam como superior a toda a má suspeita [2]. Era ao mesmo tempo coração

[1] *Memorias de Litteratura Contemporanea.* Lisboa, 1855, pag. 369.

[2] No *Diccionario biographo-politico,* Lisboa, 1843, lê-se o seguinte: « Quando aconteceu a revolução de setembro, era Oliveira Marreca administrador da Imprensa Nacional; desapprovando esse successo, offereceu logo depois do dia 10 de setembro a sua demissão, apesar da sua intima amisade com o ministro Passos. Como cartista puritano, trabalhou constantemente para o triumpho da sua convicção e do partido a que se ligára. Eleito deputado em 1838, tomou assento na direita... Durante as sessões de 1840 a 1841, a carreira parlamentar de Oliveira Marreca, sempre nobre, foi muito brilhante. Desenvolveu então uma grande tenacidade, e muita energia propria do seu bello caracter e instrucção. Na sua qualidade de deputado assignou o protesto contra o movimento de 27 de janeiro de 1842... Oliveira Marreca é um cavalheiro virtuoso, homem da mais severa independencia, de muita probidade, caracter austero, profundamente liberal, talento digno de ser honrado, sabedor das bellezas da nossa lingua, muito illustrado nas sciencias economicas-politicas. »

Marreca foi um dos fundadores do partido republicano em Portugal, collaborando no programma d'elle.

*

opulento de bondade, e animo inquebrantavel; severo principalmente para comsigo proprio, não hesitou em soffrer até a fome para manter a honra. Vicente Ferrer dizia uma vez a Alexandre Herculano, em conversação intima: « O Marreca vale mais do que nós. » E comtudo Vicente Ferrer foi um dos nossos mais austeros politicos, e consagrava a Herculano amisade e admiração; mas sabia que privações passára Oliveira Marreca para conservar a pureza das suas crenças; tinha conhecimento perfeito não só da vida publica d'este cidadão, mas tambem das penosas circumstancias da sua casa. Soffria-as elle resignadamente, como quem, ao tomar deliberações heroicas, não deixára de prevêr as provaveis dôres que d'ahi lhe resultariam. Assim, havendo sido um dos mais cultos espiritos do seu tempo, foi tambem um dos mais venerandos exemplos de grandeza moral.

Rodrigues de Freitas.

CARTAS DE FRADIQUE MENDES [1]

FRADIQUE MENDES

(MEMORIAS E NOTAS)

V

A ultima vez que Fradique visitou Lisboa foi essa em que o encontrei no Rato, lamentando os saraus beatos e secios do seculo XVIII. O antigo poeta das LAPIDARIAS tinha então cincoenta annos; e cada dia se prendia mais á doçura dos seus habitos de Paris. Elles offereciam essa uniformidade solitaria e cheia que, pela elevação e delicadeza das occupações, serenamente deslisando e fielmente regressando, envolve uma existencia, mesmo entre o rumor de colmeias humanas como Paris ou Londres, n'um pacifico e austero encanto de mosteiro erudito.

Fradique habitava, na rua de Varennes, desde 1875, uma ala do antigo palacio dos Duques de Trevernne que elle mobilára com um luxo sobrio e grave — tendo sempre detestado esse atulhamento de alfaias e estofos onde inextricavelmente se embaralham e se contradizem as Artes e os Seculos, e que, sob o barbaro e justo nome de *bric-à-brac*, tanto seduz os financeiros e as *cocottes*. Nobres e ricas tapeçarias de Paizagem e de Historia; amplos divans d'Aubusson; alguns moveis d'arte da Renascença Franceza; porcelanas raras de Deft e da China; espaço,

[1] Continuado da pag. 543, numero do 1.º de novembro.

claridade, uma harmonia de tons castos — eis o que se encontrava nas cinco salas que constituiam o « covil » de Fradique. Todas as varandas, de ferro rendilhado, datando de Luiz XIV, abriam sobre um d'esses jardins de arvores antigas, que, n'aquelle bairro fidalgo e ecclesiastico, formam retiros de silencio e paz silvana, onde por vezes nas noites de maio se arrisca a cantar um rouxinol.

A vida de Fradique era medida por um relogio secular, que precedia o toque lento e quasi austero das horas com uma toada argentina de antiga dança de côrte: e era mantida n'uma immutavel regularidade pelo seu creado Smith, velho escossez da *clan* dos Macduffs, já todo branco de pêlo e ainda todo rosado de pelle, que havia trinta annos o acompanhava, com severo zêlo, através da vida e do mundo.

De manhã, ás nove horas, mal se espalhavam no ar os compassos gentis e melancolicos d'aquelle esquecido minuete de Cimarosa ou de Hayden, Smith rompia pelo quarto de Fradique, abria todas as janellas á luz, gritava: — *Morning, Sir!* Immediatamente Fradique, dando d'entre a roupa um salto brusco que considerava « de hygiene transcendente », corria ao immenso lavoratorio de marmore, a esponjar a face e a cabeça, em agua fria, com um resfolgar de Trytão ditoso. Depois, enfiando uma das cabaias de sêda que tanto me maravilhavam, abandonava-se estirado n'uma poltrona aos cuidados de Smith que, como barbeiro (affirmava Fradique) batia Figaro e toda a escóla illustre de Sevilha. E emquanto o ensaboava e escanhoava, Smith ia dando a Fradique um resumo nitido, sêcco, todo em factos, dos telegrammas politicos do *Times*, do *Standard* e da *Gazeta de Colonia!*

Era para mim uma surpreza sempre renovada e altamente saborosa vêr Smith, com uma alta gravata branca á Palmerston, rabona curta, calças de xadrez verde e preto (côres da sua *clan*) e sapatos de verniz decotados, passando o pincel na barba do amo, e murmurando em perfeita sciencia e perfeita consciencia: — « Não se realisa a conferencia do principe « de Bismarck com o conde Kalnocky... Os conservadores per-

« deram a eleição supplementar de York. Fallava-se hontem em « Vienna d'um novo emprestimo russo... » Os amigos, em Lisboa, riam d'esta « caturreira »; mas Fradique sustentava que havia aqui um proveitoso regresso á tradicção classica, que em todo o mundo latino, desde Scipião, o Africano, instituira os barbeiros « informadores universaes da coisa publica ». Estes curtos resumos de Smith, em todo o caso, formavam a carcassa das suas noções politicas: e Fradique nunca dizia — « Li no *Ti-* « *mes* » — mas « Li no Smith ».

Bem barbeado, bem informado, Fradique mergulhava n'um banho ligeiramente tepido, d'onde voltava para as mãos vigorosas de Smith, que, com um jogo de luvas de lã, de flanella, d'estopa, de clina e de pelle de martha, o friccionava até que o corpo todo se lhe tornasse, como o de Apollo, « roseo e reluzente ». Tomava então o seu chocolate; e recolhia á bibliotheca, sala séria e nobre, onde uma imagem da Verdade, radiosamente branca na sua nudez de marmore, pousava o dedo subtil sobre os labios puros, symbolisando, em frente á vasta meza de ébano, um trabalho intimo á busca de verdades que não são para o mundo.

Á uma hora almoçava, com a sobriedade d'um grego, ovos e legumes: — e depois, estendido sobre um divan de Abusson, tomando goles lentos de chá russo, percorria nos jornaes, nos semanarios, nas Revistas — as chronicas d'arte, de litteratura, de theatro ou de sociedade, que não eram da competencia politica e economica de Smith. Lia então tambem com cuidado os jornaes portuguezes (que chama algures « phenomenos picarescos de decomposição social »), sempre caracteristicos, mas superiormente interessantes para quem como elle se comprazia em analysar « a obra genuina e sincera da mediocridade », e considerava Calino tão digno d'estudo como Voltaire. O resto do dia dava-o aos amigos, ás visitas, aos *ateliers*, ás salas d'armas, ás exposições, aos livreiros, aos clubs — aos interesses diversos que se cria um homem d'alto gosto vivendo n'uma cidade d'alta civilisação.

De tarde subia ao *Bois*, conduzindo o seu phaeton, ou

montando a *Sabá*, uma maravilhosa egoa das caudelarias de Aïn-Weibah que lhe cedera o Emir de Mozul. E a sua noite (quando não tinha cadeira na Opera ou na *Comédie*) era passada n'algum salão — precisando sempre findar o seu dia entre «o ephemero feminino». (Assim dizia Fradique).

A influencia d'este «feminino» foi suprema na sua existencia. Fradique amou mulheres — mas fóra d'essas, e sobre todas as coisas, amava a Mulher.

A sua conducta para com as mulheres era governada conjuntamente por devoções de espiritualista, por curiosidades de critico, e por exigencias de sanguineo. Á maneira dos sentimentalistas da Restauração, Fradique considerava-as como «organismos» superiores, divinamente complicados, differentes e mais proprios de adoração do que tudo o que offerece a Natureza: ao mesmo tempo através d'este culto ia dissecando e estudando esses «organismos divinos», fibra a fibra, sem respeito, por paixão de analysta; e frequentemente o critico e o enthusiasta desappareciam para só restar n'elle um homem amando a mulher, na simples e boa lei natural, como os Faunos amavam as Nymphas.

As mulheres, além d'isso, estavam para elle (pelo menos nas suas theorias de conversação) classificadas em especies. Havia a «mulher d'exterior», flôr de luxo é de mundanismo culto: e havia a «mulher d'interior», a que guarda o lar, diante da qual, qualquer que fosse o seu brilho, Fradique conservava um tom penetrado de respeito, excluindo toda a investigação experimental, «Estou em presença d'estas (escreve elle a madame de Jouarre), «como em face d'uma carta alheia fechada com sinete e lacre.» Na presença, porém, d'aquellas que se «exteriorisam» e vivem todas no ruido e na phantasia, Fradique achava-se tão livre e tão irresponsavel como perante um volume impresso. «Folhear «o livro (diz elle ainda a madame de Jouarre), annotal-o nas «margens assetinadas, critical-o em voz alta com independencia «e veia, leval-o no coupé para lêr á noite em casa, aconselhal-o a «um amigo, atiral-o para um canto percorridas as melhores pagi- «nas — é bem permittido, creio eu, segundo a Cartilha e o Codigo.»

Eram estas subtilezas (como dizia um cruel amigo nosso) as d'um homem que theorisa e idealisa o seu temperamento de carrejão para o tornar litterariamente interessante? Não sei. O commentario mais instructivo das suas theorias dava-o elle, visto n'uma sala, entre «o ephemero feminino». Certas mulheres muito voluptuosas, quando escutam um homem que as perturba, abrem insensivelmente os labios. Em Fradique eram os olhos que se alargavam. Tinha-os pequenos e côr de tabaco: mas junto d'uma d'essas mulheres de exterior, «estrellas de munda-«nismo», tornavam-se-lhe immensos, cheios de luz negra, avelludados, quasi humidos. A velha lady Mongrave comparava-os «ás guelas abertas de duas serpentes.» Havia alli talvez com effeito um acto de alliciação e de absorpção — mas havia sobretudo a evidencia da perturbação e do encanto que o inundavam. N'essa attenção de beato diante da Virgem, no murmurio quente da voz mais amollecedora que um ar de estufa, no humedecimento enleado dos seus olhos finos — as mulheres viam apenas adoração, e a influencia omnipotente da sua graça. Ora nenhum homem mais perigoso do que aquelle que dá sempre ás mulheres a impressão clara e tangivel — de que ellas são irresistiveis, e subjugam o coração mais forte só com mover os hombros ou murmurar «que lindo dia!» Quem se mostra seduzido facilmente — facilmente se torna seductor. É a lenda india, tão sagaz e real, do espelho encantado em que a velha Maharina se via radiosamente bella. Para obter e reter esse espelho, em que com tanto esplendor se reflecte a sua pelle engilhada — que peccados e que traições não commetterá a Maharina?...

Creio, pois, em resumo, que Fradique foi profundamente amado, e que largamente o mereceu. As mulheres encontravam n'elle esse sêr, raro entre os homens — um Homem. E para ellas Fradique possuia esta superioridade inestimavel, e quasi unica na nossa geração — uma alma extremamente delicada servida por um corpo extremamente forte.

De maior duração e intensidade que os seus amores — foram as amisades que Fradique a si attrahiu pela sua excellencia moral. Quando eu conheci Fradique em Lisboa, no remoto anno de 1867, julguei sentir na sua natureza (como no seu verso) uma impassibilidade fria, brilhante e metallica: e através da admiração que me deixára a sua arte, a sua personalidade, o seu viço, a sua cabaia de sêda — confessei um dia a J. Teixeira d'Azevedo que não encontrára no poeta das LAPIDARIAS aquelle *tepido leite da bondade humana,* sem o qual o velho Shakspeare (nem eu, depois d'elle) comprehendia que um homem fosse digno da humanidade. A sua mesma polidez, tão risonha e perfeita, me parecera mais composta por um systema do que genuinamente nativa.

Em 1880, porém, quando a nossa intimidade uma noite se fixou, a uma meza do Bignon, Fradique tinha cincoenta annos: e, ou porque eu então o observasse n'uma assiduidade mais penetrante, ou porque n'elle se tivesse já operado com a idade esse phenomeno que Fustan de Carmanges chamou depois *le degel de Fradique,* bem cedo senti, através da impassibilidade marmorea do cinzelador das LAPIDARIAS, brotar, tepida e generosamente, o *leite da bondade humana.*

A forte expressão de virtude que n'elle logo me impressionou foi a sua incondicional, irrestricta indulgencia. Ou por uma conclusão da sua philosophia, ou por um impulso da sua natureza — Fradique, perante o peccado e o delicto, tendia áquella velha misericordia evangelica que, consciente da universal fragilidade, pergunta d'onde se erguerá a mão bastante pura para arremessar a primeira pedra ao erro. Em toda a culpa Fradique via (talvez contra a razão, mas em obediencia áquella *voz* que fallava baixo a S. Francisco d'Assis e que ainda se não calou) a irremediavel fraqueza humana: e o seu perdão descia logo como manifestação da Piedade innata que n'elle tão esplendidamente abundava por tudo quanto é fraco e fragil.

Decerto esta virtude não foi n'elle manifesta durante es-

ses annos moços em que, por uma apparente contradição, a intelligencia anda cheia de idéas generosas e o coração de sentimentos egoistas — nos annos em que todas as aspirações da Humanidade não bastam para encher e occupar a razão, emquanto no coração só ha lugar para o sorrir e brilhar de certos olhos. Alguem com effeito me mostrou uma carta de Fradique onde, com a leviana altivez da mocidade, elle lança este duro programma de conducta: «os homens nasceram para trabalhar, «as mulheres para chorar, e nós os fortes para passar friamente «através...» Talvez, na realidade, Fradique, como outros aos vinte annos, não attendesse nem sentisse as dôres innumeras que chorariam baixo, emquanto elle passava vibrando no fulgor da acção ou enlevado nos encantos o sonho. Mas quando a sua formidavel actividade calmou, e os seus olhos se pousaram no mundo, com demora e seriedade — não houve homem mais promptamente sensivel a toda a desgraça, desde a amargura limitada e tangivel que passa na rua, até á vasta e esparsa miseria que com a força d'um elemento abrange classes e raças. Foi então certamente que elle escreveu (n'uma carta a G. F.) estas nobres palavras: — «Todos nós que vivemos n'este globo «formamos uma immensa caravana que marcha confusamente «para o Nada. Cerca-nos uma Natureza inconsciente, impassi-«vel, mortal como nós, que não nos entende, nem sequer nos «vê, e d'onde não podemos esperar nem soccorro nem consola-«ção. Só nos resta pois, na rajada que nos leva, esse secular «preceito, summa divina de toda a experiencia humana — «aju-«dai-vos uns aos outros!» Que, na tumultuosa caminhada, por-«tanto, onde passos sem conta se misturam, — cada um ceda «metade do seu pão áquelle que tem fome; estenda metade do «seu manto áquelle que tem frio; acuda com o braço áquelle «que vai tropeçar; poupe o corpo d'aquelle que já tombou; e se «algum mais bem-provido e seguro para o caminho necessitar «apenas sympathia d'almas, que as almas se abram para elle «transbordando d'essa sympathia... Só assim conseguiremos «dar alguma belleza e alguma dignidade a esta escura deban-«dada para a Morte.»

E o que elle assim aconselhava, intensamente o praticou, nas restrictas possibilidades (como elle confessa com humorismo) «d'um velho *dilletante* de idéas geraes, que, por «habito, atravessa a vida enclausurado n'um coupé.»

Fradique não era com effeito um santo militante, rebuscando pelas viellas miserias a resgatar: mas nunca houve miseria, por elle conhecida, que d'elle não recebesse allivio. Sempre que lia por acaso, n'um jornal, uma catastrophe ou uma indigencia, marcava a noticia com um traço a lapis, lançando ao lado um algarismo — que indicava ao velho Smith o numero de libras que devia remetter, sem publicidade, singelamente, pudicamente. E a sua maxima para com os pobres (a quem certa Economia Social affirma que se não deve Caridade mas Justiça) — era «que mais vale um pataco na mão que duas «Philosophias a voar.»

As crianças, sobretudo quando necessitadas, inspiravam-lhe um enternecimento infinito; e era d'estes, extremamente raros, que encontrando, n'um agreste dia de inverno, um pequenito que pede, tranzido de frio — param sob a chuva e sob o vento, desapertam pacientemente o paletot, descalçam pacientemente a luva, para vasculhar no fundo da algibeira, á procura da moeda de prata que vai ser o calor e o pão d'um dia.

Esta caridade estendia-se budhistamente a tudo o que vive. Não conheci nunca homem mais respeitador do animal *e dos seus direitos.* Uma occasião, em Paris, correndo ambos a uma estação de *fiacres,* para nos salvarmos d'um chuveiro que desabava, e seguir na pressa que nos levava a uma venda de tapeçarias (onde Fradique cubiçava umas *Nove Musas dançando entre loureiraes*), encontrámos apenas um *coupé,* cuja pileca, com o saco pendente do focinho, comia melancolicamente a sua ração. Fradique teimou em esperar que o cavallo almoçasse com tranquillidade — e perdeu as *Nove Musas.*

Á vida vegetativa votava a mesma affeição: — e constantemente verificava que as palmeiras e arbustos das salas se achassem bem fartas de luz, de calor e d'agua, não com re-

ceio que decrescessem em belleza decorativa, mas com receio que soffressem na sua sensibilidade rudimentar e muda.

Nos ultimos tempos, a miseria das classes preoccupava-o com anciosa e melancolica sympathia. A fraternidade, pensava elle, ia desapparecendo, sobretudo n'estas vastas colmeias de cal e pedra onde os homens teimam em se amontoar e luctar; e através do constante deperecimento da vida e dos costumes e das simplicidades ruraes, o mundo ia rolando a um egoismo feroz. A primeira evidencia d'esse egoismo era, segundo elle, o desenvolvimento ruidoso da philantropia. Desde que a caridade se organisa e se consolida em instituição, com regulamentos, relatorios, comités, sessões, um presidente e uma campainha, e de sentimento natural passa a funcção official — é porque o homem, não contando já com os impulsos do seu coração, necessita obrigar-se publicamente ao bem pelas prescripções d'um estatuto.

Era sobretudo nos começos de inverno, dos soturnos invernos do Norte, tão longos e duros ao pobre, que estes pensamentos vinham, lhe deitavam n'alma a sua sombra. Frequentes vezes, diante de mim, nos crepusculos de novembro, na sua bibliotheca apenas allumiada pela chamma incerta e dôce da lenha no fogão, Fradique emergiu d'um silencio em que os olhares se perdiam ao longe, como afundados em horisontes de tristeza — para lamentar, com enternecida elevação, todas as miserias humanas... E voltava então a intensa e amarga constatação da crescente aspereza dos homens, forçados pela violencia do conflicto e da concorrencia a um egoismo rude, em que cada um se torna cada vez mais o lobo do seu semelhante.

— Era necessario que viesse outro Christo, murmurei eu um dia sorrindo, para o acompanhar n'uma idéa de esperança.

Fradique encolheu os hombros:

— Ha de vir; ha de ter a sua igreja e a sua liturgia; e depois ha de ser negado; e depois ha de ser esquecido... Não ha nada a fazer. O que resta a cada um é juntar uma reserva forte no Banco de Inglaterra, preparar um rewolver, fechar

a sua janella ao vento, e relêr a vida de S. Francisco de Paula.

Assim, cheios de idéas e de delicadas occupações, calmos e faceis, decorreram os derradeiros annos de Fradique Mendes em Paris, até que no inverno de 1888 a morte o colheu sob aquella fórma que elle, como Cesar, sempre appetecera — *inopinatam atque repentinam.*

Uma nóite, sahindo d'uma festa da condessa de La Ferté (velha amiga de Fradique, com quem fizera n'um *yacht* uma viagem á Islandia) achou no *vestiario* a sua pelissa russa trocada por outra, muito confortavel e rica tambem, que tinha no bolso uma carteira com o monogramma e os bilhetes do general Terran-d'Azy. Fradique, que soffria de repugnancias singulares, não se quiz cobrir com o agasalho d'esse rabugento e catharroso official, e atravessou a praça da Concordia a pé, de casaca, até ao club da *Union.* A noite estava sêcca e clara, mas cortada por uma d'essas brisas subtis, mais tenues que um halito, que, durante leguas, se afiam sobre as planicies nevadas do norte, e já eram comparadas pelo velho André Vasali a «um punhal traiçoeiro.» Ao outro dia acordou constipado, com uma tosse leve. Indifferente porém aos resguardos, seguro d'uma robustez que affrontára tantos ares inclementes, foi a Fontainebleau com amigos no alto d'um *mail-coach.* Logo n'essa noite ao recolher teve um longo e intenso arrepio; e trinta horas depois, quasi sem soffrimento, tão serenamente que durante algum tempo Smith o julgou adormecido, Fradique, como diziam os antigos, «tinha vivido.» Não acaba mais dôcemente um bello dia de verão.

O dr. Labert declarou que fôra uma fórma extremamente rara de pleuriz. E acrescentou, com boa razão e boa philosophia: — «*Toujours de la chance, ce Fradique!*»

Acompanharam a sua derradeira passagem pelas ruas de Paris alguns dos mais illustres homens de França. Lindos rostos, já pisados pelo tempo, o choraram, na saudade das emoções

passadas. E, em pobres moradas, em torno a lares sem lume, foi decerto tambem lamentado este sceptico, de finas letras, que commentava os males humanos envolto em cabaias de sêda.

Jaz no *Père-Lachaise*, não longe da sepultura de Balzac, onde no dia dos mortos elle mandava sempre collocar um ramo d'essas violetas de Parma, que tanto amára em vida o creador da *Comedia Humana*. Mãos fieis, por seu turno, conservam sempre perfumado de rosas frescas o marmore simples que o cobre na terra.

Eça de Queiroz.

OS ACONTECIMENTOS DO BRAZIL

Ha dez dias que o cabo submarino tem transmittido da America do Sul para a Europa, na concisão do estylo telegraphico, noticias surprehendentes, que chamaram para aquella parte do mundo a attenção de todos, mesmo dos que, em tempo ordinario, jámais pensam no que vai pelo Occidente, ao sul do Equador.

A queda de uma monarchia e a consequente e classica proclamação de uma republica não são espectaculo novo para este seculo; embora estes ultimos annos tenham decorrido sem factos d'esses, graças ao utilitarismo positivo que domina todas as idealidades politicas tão em moda ha vinte ou trinta annos. A revolta militar do Rio de Janeiro, ampliada, pelo seu resultado, n'uma revolução; as proclamações; a deposição; a partida do soberano desthronado; as mudanças de bandeira, de sellos do correio; as prisões, as deportações, os manifestos, até a benção do arcebispo — são episodios obrigados d'estes dramas nos paizes meridionaes, dramas tantas vezes representados na primeira metade do seculo e de que a revolução brazileira não é mais do que uma inesperada e (até agora) bem succedida *reprise.*

Narrar a verdade dos acontecimentos materiaes não é coisa possivel; o telegrapho está laconico, faltam os antece-

dentes; e carecemos dos detalhes intermediarios que só podem dar uma apparencia de logica ao que, á primeira vista, se afigura inexplicavel.

Existia no Brazil um partido republicano, e esse partido tornava-se cada dia mais numeroso, mais influente, mais ancioso por dominar o paiz. Existia no Brazil um exercito esquecido, mal organisado, mal instruido e mal pago: um exercito onde havia um official para treze soldados; onde o numero de officiaes e uma longa paz difficultavam as promoções; onde o pobre soldado vivia fóra da vida do regimento, destacado em pequenas guarnições de 20, 10, 5 e até 2 homens, pelas villas do interior, situação dissolvente de toda a disciplina e destruidora de todo o respeito.

Ora, em todo o paiz onde houver um partido adverso á fórma do governo, partido ardente e exacerbado pela impossibilidade de legalmente realisar a sua ambição, e ao lado d'esse partido houver um exercito tão justamente descontente de si mesmo e de todo o mundo como o exercito brazileiro, o accordo entre estas duas forças é fatal porque é logico. O que resulta d'esse accordo é sempre a mudança do governo; pouco importa que seja Castellar deposto por Martinez Campos, ou D. Pedro II desthronado pelo marechal Deodoro.

A revolução estalou no Rio de Janeiro; e o que fez a guarnição d'aquella cidade em ponto um pouco grande, logo o fizeram em pequeno as guarnições das capitaes das provincias. A republica surgindo no Rio appareceu nas provincias, como uma imagem que, aproximada de um espelho partido em muitos pedaços, é reflectida inteira em cada um dos fragmentos minimos.

Investigar causas não é porém a missão do Chronista, a quem sómente cumpre contar os acontecimentos. O que por ora se póde saber porém da revolução brazileira cabe em poucas linhas, extractadas dos telegrammas na ordem da sua recepção, e por isso singularmente humoristicas.

«A tropa em estado de revolta. Reina tranquillidade. — «O Imperador em Petropolis. Completa paz. — Foi preso o

«ministerio. População calma. — Foi proclamada a republica. «Tudo inalterado. — O Imperador preso no seu palacio. Ordem «perfeita. — Fica constituido o seguinte governo provisorio: «Marechal Deodoro da Fonseca, presidente sem pasta; tenente-«coronel Benjamin Constant, ministro da guerra; Campos Sal-«les, ministro da justiça; Quintino Bocayuva, ministro dos ne-«gocios estrangeiros; Aristides Lobo, ministro do interior; Ruy «Barboza, ministro da fazenda; chefe de divisão Wandelcock, «ministro da marinha; Demetrio Ribeiro, ministro da agricul-«tura, commercio e obras publicas. As provincias adherem. O «Senado, o Conselho de Estado, foram abolidos. A Camara dos «Deputados foi dissolvida. Reina socego. — O Imperador e a «familia imperial embarcaram para a Europa. — A Bahia não «adhere ao movimento. Absoluta unanimidade, etc. etc.»

Eis a concisa maneira de se fazer e de se telegraphar a historia n'este fim de seculo.

Vieram depois as declarações. Falla primeiramente o Imperador: e diz que cede á força, que se inclina diante das circumstancias, que, partindo, faz votos pela felicidade do Brazil.

Falla depois o governo provisorio. Diz que o povo, o exercito e a marinha acabavam de depôr a monarchia; que o governo provisorio governaria até haver um governo definitivo; que o governo provisorio respeitaria todas as opiniões comtanto que não fossem contrarias ás do povo, do exercito e da marinha; que conservaria todos os funccionarios; que defenderia as vidas e a propriedade não só dos brazileiros, mas *até dos estrangeiros.*

Depois d'isso vem telegrammas isolados noticiando adhesões das provincias; deportação do antigo presidente do conselho; prisão do snr. José do Patrocinio, o abolicionista; prisão do snr. João Alfredo, ex-presidente do conselho, chefe do governo que decretou a abolição; prisão do snr. Mayrinck; prisão do snr. Gaspar da Silveira Martins — todos naturalmente por terem opiniões contrarias ás do povo, do exercito e da marinha. Depois, outro telegramma annuncia que o ministro da fazenda fôra aos bancos declarar que o novo governo mantem e re-

ctifica todos os contratos celebrados pelo regimen imperial, e que não haveria mudança n'esse assumpto consideravel. Em seguida, através d'outro telegramma, o governo provisorio declara que são eleitores todos os brazileiros no gozo dos seus direitos civis, e sabendo lêr e escrever. (Era o projecto que ia ser apresentado ás camaras pelo ministerio deposto com a monarchia). Depois mais um coronel entra para o governo com o titulo de secretario geral; um barão e um visconde militares adherem á republica; differentes militares são nomeados governadores das provincias, ou antes dos Estados—porque o Brazil, imitando o Mexico, Venezuela e a Colombia de outro tempo, tambem se chama *Estados-Unidos*, como os Estados-Unidos por excellencia, que com a arrogancia que lhes é propria, não temerão decerto ser confundidos com quaesquer outros Estados-Unidos.

Chega depois a noticia da nova bandeira, seguida dos novos sêllos do correio; e, por ultimo, o ministro da fazenda Ruy Barboza, um antigo inimigo pessoal de Pio IX e de Leão XIII, adversario feroz do *Syllabus*, annuncia piedosamente á Europa que o arcebispo primaz da Bahia deu a sua benção ao novo governo.

Eis-ahi a historia telegraphica da revolução brazileira.

*

* *

Vivemos n'um paiz onde ainda é permittido ter *opiniões contrarias ás do povo, ás do exercito e ás da marinha.* Temos pois plena liberdade de apreciar os acontecimentos do Brazil.

O governo provisorio que annuncia (como todos os governos provisorios costumam fazer) que só governará emquanto não houver outro, parece-se completamente com o governo imperial. Declara que não altera o regimen financeiro; declara que não muda os funccionarios; declara que continúa a pagar a lista civil imperial. Faz-se abençoar pelo arcebispo como fazia o governo imperial; e estabelece o suffragio universal como o

*

antigo governo decidira fazer votar pelo parlamento que se devia abrir dentro de cinco dias.

Só se distingue do governo antigo porque chama Estados ás provincias, tem outra bandeira, outros sêllos de carta, — e principalmente porque deporta e prende quem mostra opinião contraria á *do povo, do exercito e da marinha.*

Se estas novas coisas são indispensaveis para a felicidade e para a grandeza do povo brazileiro, pensamos que mudar uma palavra, troear um metro de fazenda por outro de côr diversa, e alterar uns quadradinhos de papel, eram realmente faceis de obter dentro do regimen imperial. E se o povo brazileiro tivesse reclamado energicamente, ameaçando, quem ousará dizer que o governo decahido negaria essa novidade ao Brazil, essa coisa que parece indispensavel á felicidade publica — isto é, o regimen da prisão e da deportação para quem não pensar *como o povo, a marinha e o exercito?*

Não podemos perceber como todas estas coisas possam influir nos destinos do Brazil. Desejariamos saber se o povo brazileiro só com estas mudanças se vai tornar mais civilisado, mais energico, mais apto para realisar a sua missão na historia.

Essa missão ficará desde logo frustrada se a republica federal importar no enfraquecimento da unidade. Muitos pensadores estrangeiros affirmam já que o Brazil se dividirá em varios Estados independentes; e que as rivalidades regionaes de hoje facilmente se transformarão em hostilidade inextinguivel. A communidade de origem, a raça, a lingua, a religião identicas, não são sufficientes garantias da conservação da harmonia. Como muito bem observou ha dias o *Spectator*, de Londres, tratando do Brazil, não ha no mundo dois povos que tenham odio reciproco tão profundo como os Chilenos e os Peruanos, e ambos descendem de hespanhoes, fallam a mesma lingua, têm a mesma religião. A unidade certamente desapparecerá. Já um artigo do *Tempo* attribuido ao snr. Oliveira Martins, artigo que (exito virgem para a imprensa portugueza) tão citado foi na imprensa européa, e que tantos commentarios approvativos despertou da parte do *Journal des Debats*, do *Temps*,

do *Times* e da *Neue Freie Press*, prevê a divisão do Brazil em tres novos estados, a Amazonia, um estado central, e o extremo sul destinado a ser absorvido pela Republica Argentina, logo que esta, cessando a opposição do Brazil, possa realisar o seu velho ideal de reconstituir republicanamente o antigo vice-reinado de Buenos-Ayres, que comprehendia o Uruguay e o Paraguay.

Através de tudo isto, a unica grande figura, a mais nobre personalidade é a do Imperador desthronado, contra quem o manifesto revolucionario do governo provisorio nem uma só accusação formulou, nem articulou uma só queixa.

Esse velho deixa um paiz onde começou a reinar aos cinco annos de idade; e tão brazileiro foi elle que a sua *Biographia* não deve ter este nome, mas sim o de *Historia do Brazil*. Cahiu pelo excesso d'algumas das virtudes que hão de immortalisal-o. O que era a intelligencia nacional do Brazil ha cincoenta annos? Basta dizer que era decerto inferior á de Portugal no começo do seculo...

O Imperador D. Pedro II elevou o nivel intellectual do seu paiz sendo um rei civil. Ora o Brazil, em vez de uma sociedade, seria hoje um quartel, se o Imperador fosse, não um rei constitucional, mas um major instructor coroado.

Se, em vez de um rei sabio, o Brazil tivesse durante esse periodo um soberano soldado que, em lugar das bibliothecas frequentasse os quarteis, em lugar dos museus e das universidades visitasse os acampamentos e as fortalezas, a monarchia ainda existiria decerto no Brazil.

O divorcio do Imperador das coisas militares, entendidas á hespanhola, foi o que salvou a civilisação brazileira, mas foi o que perdeu a monarchia. N'um paiz sem instrucção, onde a brutalidade da desordem militar devia primar tudo, a monarchia conseguiu, desde logo, formar a preponderancia do elemento civil, coisa que, na America latina só o Chile conseguiu muitos annos depois e que a Argentina só ultimamente realisou.

E não se diga que era tarefa facil esse preservar da paz interna pelo refreamento da caudilhagem. A prova d'isso é

que, ao fim de meio seculo, essa paz desapparece subitamente, e o caudilhismo resurge no Brazil depois de se ter afogado a si mesmo em sangue no resto da America latina.

O Brazil está n'este momento, sob o regimen militar. Quanto tempo durará esse regimen?

No tempo do Imperador, quando o soberano resistia aos ministros, se estes insistiam, a corôa cedia.

Hoje, quando o Marechal Deodoro pensar de um modo e os seus ministros de outro, quem cederá? A espada que não tremeu ao ser desembainhada contra as instituições que o general jurára defender, não precisará mesmo reluzir de novo para fazer emmudecer e sumir-se debaixo do pó da terra os novos ministros, talentosos patriotas, mas patriotas desarmados.

Quem garante ao Brazil que a revolução de 15 de novembro será a ultima?

É verdade que, segundo a declaração do governo provisorio, quem não tiver a opinião do exercito e da marinha é um inimigo publico no Brazil, e será tratado como tal...

Mas, apesar do exercito e da marinha, ou sobretudo graças a elles, talvez um dia, n'estas mesmas paginas, um outro chronista (quem sabe se o mesmo?) venha contar aos leitores da Revista como se desfaz uma revolução no Brazil.

Frederico de S.

NOTAS DO MEZ

A revolução do Brazil (tal como a contam os telegrammas passados através da censura republicana) é menos uma revolução do que uma transformação — como nas magicas.

O marechal Deodoro da Fonseca dá um signal com a espada: immediatamente, sem choque, sem ruido, como scenas pintadas que deslisam, a Monarchia, o Monarcha, o pessoal monarchico, as instituições monarchicas desapparecem; — e, ante a vista assombrada, surge uma Republica, toda completa, apetrechada, já provida de bandeira, de hymno, de sêllos de correio, e da benção do arcebispo Lacerda. Sem attrictos, sem confusão, esta Republica começa logo a funccionar. Nas repartições do Estado os amanuenses, que já tinham lançado no papel dos decretos a velha formula «*Em nome de S. M. o Imperador*», riscam, ao ouvir na rua acclamações alegres, este dizer anachronico, e, sem mesmo molhar novamente a penna, desenrolam no seu melhor cursivo a formula recente — «*Em nome do Presidente da Republica*». E quem sahira tranquillamente da sua casa, com o seu guarda-sol aberto, para ir á secretaria entregar um memorial ao snr. Albuquerque, ministro do Imperio — encontra o snr. Bocayuva, ministro da Republica, que sorri, e recebe o memorial! Toda essa revolução, segundo os telegrammas, foi feita antes de almoço. Os brazileiros que,

regressando á patria, descmbarcaram essa manhã no caes do Rio de Janeiro, ainda pisaram o *sólo do Imperio*, como se vinha dizendo havia sessenta annos; — mas, ao sahirem as portas da Alfandega, depois de despachadas as bagagens, já pisavam o *sólo da Republica*, como se estava dizendo havia sessenta minutos. Se os telegrammas pois são fieis, esta revolução é simultaneamente grandiosa — e divertida.

A surprehendente facilidade com que a Republica se substituiu ao Imperio provém de que ha muito no Brazil nada separava a Republica da Monarchia — senão o Imperador. E o Imperador tinha-se a tal ponto desimperialisado, que entre Monarchia e Republica não havia realmente senão um fio — tão gasto e tão frouxo, que, para o cortar d'um golpe brusco, bastou a espada do marechal Fonseca.

Todo o mundo no Brazil era republicano — mesmo os diplomatas, os bispos, e os camaristas do Paço. O proprio Imperador, por vezes, em viagem, nas salas de hotel, se declarava republicano. O movimento revolucionario, porém, vinha sobretudo dos *bachareis*, dos moços sahidos das escólas, que anciavam pela Republica, não porque o Imperio lhes fechasse o accesso ás carreiras (tão abertas que alguns republicanos foram ministros do Imperio), mas para poderem realisar um velho ideal jacobino, já entre nós desacreditado e um pouco obsoleto, e que no Brazil domina ainda as intelligencias tropicalmente enthusiasticas e credulas. Os melhores espiritos brazileiros ainda admiram Pelletan — que, em S. Paulo e no Rio de Janeiro, se lê desesperadamente. E a Republica ainda representa para esses a realisação de certas formulas idealistas, cuja falsidade ou inanidade já foi entre nós largamente demonstrada pela sciencia e pela experiencia. Por outro lado se as leituras jacobinas fortaleciam os brazileiros n'esta illusão, nenhuma realidade ambiente havia que os podesse desilludir. Toda a America é republicana: e as duas republicas que os brazileiros me-

lhor conhecem, o Chili e a Argentina, são, depois de tormentosos periodos de anarchia, superiormente prosperas e sérias. Outro modelo perigoso para o Brazil estava nos Estados-Unidos do Norte, cuja immensa civilisação deslumbrava os brazileiros — que não reflectiam que é o caracter das raças, e não a fórma dos governos, que faz ou impede as civilisações. Uma republica na Turquia, mesmo com todos os *Direitos do Homem* traduzidos do francez, seria sempre tureamente abjecta: — e o Canadá, governado por um Vice-Rei, delegado d'uma Rainha e d'uma Oligarchia, cada dia se affirma mais altamente em riqueza e progresso. Todos os argumentos, pois, militavam no espirito dos ideologos em favor d'uma Republica — mesmo a sua *barateza*, pela suppressão da lista civil (argumento que impressiona as classes commerciaes). Com effeito o Presidente dos Estados-Unidos pouco mais ganha que um ministro no Rio de Janeiro: mas os brazileiros ignoravam (como nós de resto, na Europa, imperfeitamente sabiamos antes da publicação do livro do americano William Ivins, *Machine Politics and Money in Election*) que a eleição do Presidente nos Estados-Unidos custa cada quatro annos mais de NOVENTA MIL CONTOS, o que, dividido pelos quatro annos que dura um Presidente, dá VINTE E DOUS MIL E QUINHENTOS CONTOS por anno — somma amplamente sufficiente para pagar todos os soberanos da Europa e o seu luxo, incluindo o Sultão e o Papa.

Além dos bachareis civis, a Republica tinha como pessoal os officiaes, que, sahidos das mesmas escólas e das mesmas leituras, são no Brazil verdadeiramente *bachareis armados*. Quasi todo o exercito se compõe de officiaes — e todos elles eram republicanos por theoria e por interesse. Os poucos soldados, esses, apanhados a «cordel», mal pagos, mal alimentados, ociosos, perfeitamente illetrados, sem noção de disciplina ou de patriotismo, formavam uma massa excellente para ser lançada contra qualquer regimen pela méra promessa de mais um pataco de pret.

Nas classes commerciaes não havia tambem uma opinião monarchica. O commercio, sobretudo o de retalho, sempre o

mais activo e influente, está todo, ou quasi todo, nas mãos das colonias estrangeiras, portugueza e italiana. Todo este mundo era sinceramente indifferente a um regimen dentro do qual elle não podia exercer voto nem funcções publicas. E de resto a fórma de governo nada importava a este pequeno commercio, estrangeiro, e naturalmente egoista — porque, ou se viva sob uma Republica ou sob um Imperio, é sempre necessario comprar a mesma porção de manteiga. Além d'isso, obedecendo a um impulso (constatado por innumeros observadores) o emigrante desenvolve sempre uma hostilidade vaga e inconsciente contra o regimen do paiz em que vive — concentrando, contra essa expressão concreta da nação, as pequeninas e surdas antipathias que diariamente lhe causam em redor as differenças de natureza, de habitos, de costumes, de interesses, de lingua ou de accento.

Que classe pois restava, que se não sentisse no fundo republicana? Os grandes proprietarios ruraes. Mas esses, habitando o interior, a enormes distancias, não possuiam o sentimento vivo das idéas fundamentaes do Imperio — Unidade nacional, Centralisação politica, Representação exterior, etc. Para elles o unico mundo exterior é o que compra café: o Imperio limitam-no todo ao bocado de sertão onde se estendem as suas plantações; e a centralisação só a comprehendem na capital da sua provincia. Todo o seu interesse está na colheita do café — e portanto no negro que faz a colheita. Adheriram ao Imperio emquanto elle, mantendo o *statu-quo*, mantinha o escravo. Consummada a libertação — nenhum outro laço os prendia ao regimen que n'alguns sitios os empobrecia e n'outros os arruinava.

O Imperio pois estava, não enraizado, mas pousado ao de leve sobre o Brazil. Substituil-o pela Republica não foi mais difficil — do que trocar sobre uma mesa o busto de Cesar pelo busto de Brutus.

Nada verdadeiramente se interpunha entre a Monarchia e

a Republica — senão a pessoa do Imperador. E de ha muito se combinára cortezmente que, para derrubar a Monarchia, se esperasse a morte do Monarcha.

O reinado da princeza D. Maria e do conde d'Eu, ninguem o queria — nem mesmo talvez o Imperador, no fundo do seu espirito, por motivos de ordem philosophica. Duas lendas se tinham espalhado sobre o «beaterio» da Princeza e sobre a «agiotagem» do Principe, ambas fataes n'um paiz de instinctos grandemente generosos e terrivelmente livre-pensador. Todo o caixeiro tremia de furor voltairiano, quando se contava na loja que a princeza imperial por suas mãos varria as igrejas de Petropolis: e não havia senão maldições contra os *cortiços*, verdadeiros ou falsos, do conde d'Eu.

O Imperador, por outro lado, não era genuinamente popular. Os politicos mais cultos reconheciam os seus serviços ao Imperio: mas o seu feitio excessivo de Socio correspondente do Instituto de França desagradava. A sciencia do Imperador, concentrada nas especialidades da Archeologia, da Philologia, da Astronomia, etc., não era de natureza a tornal-o estimado como homem superior entre os brazileiros, que, nas manifestações da intelligencia, só se enthusiasmam pela Eloquencia e pela Poesia. O brazileiro é extremamente litterario — pelo menos no Rio de Janeiro e em S. Paulo: e decerto um Imperador de elevada intelligencia se poderia tornar popular, se as manifestações d'essa intelligencia fossem d'aquellas que captivam a vasta massa dos bachareis, dos jornalistas e da mocidade culta. O estudo, porém, de monumentos phenicios e de textos hebraicos não basta para attrahir, no Brazil, essa util corrente de sympathia intellectual: o Imperador só seria realmente popular se tivesse publicado uma collecção de Lyricas. Accresce que elle parecia o menos brazileiro de todos os brazileiros: — e um rei só alcança verdadeiro amor quando em si encarna as qualidades e defeitos do seu povo.

Além d'isso, como deve succeder ao rei superiormente cultivado d'um reino que o não é em tão alto grau, D. Pedro, que não acreditava no Direito Divino, mas acreditava no direito

intellectual, tendia a absorver o Estado em si, com a muito nitida consciencia de que elle era n'esse Estado o homem mais instruido. Toda a imprensa europêa celebrava os seus meritos, a sua philosophia, a sua semelhança com Marco-Aurelio. Ora um Marco-Aurelio tende a não dar muita importancia ao simples burguez que elle julga incapaz de comprehender as *Meditações*. D'aqui nasciam attritos, despeitos, uma crescente impaciencia contra o crescente auctoritarismo do Imperador, que não exercia esse auctoritarismo para fortalecer as instituições, mas fazer prevalecer vontades. Assim o Imperador, unico obstaculo á Republica, ia cada dia perdendo popularidade, força, razão de existir. Que um descontente, menos disposto a esperar que a classica foice da morte cortasse o fio que ainda prendia o Brazil ao Imperio, se decidisse a cortal-o elle proprio com uma espada mais ou menos illustre — e estava feita a Republica. Esse impaciente appareceu no marechal Fonseca.

Com o Imperio, segundo todas as probabilidades, acaba tambem o Brazil.

Este nome de *Brazil*, que começava a ter grandeza, e para nós portuguezes representava um tão glorioso esforço, passa a ser um antigo nome da velha Geographia Politica. D'aqui a pouco, o que foi o Imperio estará fraccionado em Republicas independentes, de maior ou menor importancia. Impellem a esse resultado a divisão historica das provincias; as rivalidades que entre ellas existem; a diversidade do clima, do caracter e dos interesses; e a força das ambições locaes. Já mais d'uma vez as provincias têm feito energicas tentativas de separação: e o separatismo tornára-se n'estes derradeiros tempos um dos mais poderosos factores da Politica.

O Brazil além d'isso não está forçado a conservar-se unido pelo receio dos ataques ou represalias d'uma metropole forte, de quem acabasse de se emancipar: nem tem possibilidades algumas de aspirar, como os Estados-Unidos, a uma supremacia

politica ou economica de que a unidade seria a inevitavel condição. Nenhuma das razões que impuzeram a união aos Americanos do Norte, se dão no Brazil. Por outro lado ha absoluta impossibilidade que S. Paulo, a Bahia, o Pará queiram ficar sob a auctoridade do general fulano ou do bacharel sicrano, Presidente, com uma côrte presidencial no Rio de Janeiro. Para que isso se realisasse, mesmo por alguns mezes, seria necessario que surgisse um homem (que não ha) de popularidade universal, incontestada, e irresistivel em todo o Imperio, como a d'um Washington. Os Deodoros da Fonseca vão-se reproduzir por todas as provincias. Já decerto em Matto-Grosso ha um Deodoro que afivella a espada. Ora a condição de popularidade para estes ambiciosos será proclamar o exclusivismo dos interesses provinciaes; e já d'isso mostra symptomas o presidente do Pará querendo fechar a navegação do Amazonas.

Os estados, uma vez separados, não poderão manter paz entre si, sendo abundantes motivos de conflictos — as delimitações de fronteira, as questões hydrographicas, e as alfandegas com que todos naturalmente se hão de querer crear rendimentos. Cada Estado, abandonado a si, desenvolverá uma historia propria, sob uma bandeira propria, segundo o seu clima, a especialidade da sua zona agricola, os seus interesses, os seus homens, a sua educação e a sua immigração. Uns prosperarão, outros deperecerão. Haverá talvez Chilis ricos, e haverá certamente Nicaraguas grotescos. A America do Sul ficará toda coberta com os cacos d'um grande Imperio.

João Gomes.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

La Grande Encyclopédie. *Inventaire raisonné des Sciences, des Lettres et des Arts*
Avec nombreuses illustrations et cartes en couleur

Esta obra monumental, já hoje popular em todos os centros litterarios da Europa, é mal conhecida ainda em Portugal e no Brazil: e dando hoje d'ella uma breve noticia, fazemos um serviço não só aos estudiosos, mas á generalidade do Publico, para quem n'estes dias de viva curiosidade intellectual, uma obra d'estas, vasto repositorio de informações e conhecimentos, é tão indispensavel como uma collecção de mappas e de diccionarios.

Desde a Encyclopedia do seculo XVIII, a famosa Encyclopedia de D'Alembert e de Diderot, que foi como a grande aurora scientifica dos tempos novos, não se tornára a tentar uma publicação de tão vastas e profundas proporções. Escassamente se póde ter uma idéa da importancia e magnitude d'esta empreza scientifica, sem folhear algum dos seis tomos já publicados.

Tudo o que o espirito mais exigente possa desejar como informação, em todos os ramos do saber humano, em tudo que é objecto de curiosidade intellectual, se encontra nas paginas da Grande Encyclopédie com um methodo, uma altura e uma certeza de saber, uma clareza e uma abundancia de detalhes, que só se poderia obter pela admiravel direcção e a esplendida collaboração de que se ufana a Encyclopédie. Na sua direcção estão com effeito alguns dos mais eminentes homens de sciencia da França, desde o illustre Berthelot, que dirige toda a parte relativa ás sciencias physicas, até Muntz, que dirige tudo o que interessa ás Bellas-Artes, onde a sua competencia não tem rival. Póde-se com effeito dizer que nunca n'este genero se emprehendeu nem se realisou uma obra mais comprehensiva e perfeita do que este collossal resumo dos conhecimentos humanos no seculo XIX.

A Grande Encyclopédie tem além d'isso a novidade de que todos os seus artigos, quando o comportam, são esclarecidos por illustrações superiormente gravadas, por planos, por cartas geographicas, etc.

O que torna porém a Grande Encyclopédie mais attractiva é que nem só aos artigos de Sciencia, de Historia, de Philosophia, de Religião, de Administração e de Politica, se deu um completo e detalhado desenvolvimento; mas mesmo artigos de simples curiosidade têm uma prodigalidade de detalhes pittorescos, que lhes torna a leitura tão interessante como a d'um artigo de *Variedades* n'um semanario. O mesmo se póde dizer a respeito dos artigos biographicos. Assim (para citar alguns exemplos) abrindo ao acaso um volume da lettra B, encontramos estes artigos de util, instructiva e divertida leitura: *Banquets maçoniques, Bains, Ballons, Balzac, Ballade, Brahmanisme, Bonaparte, Brézil, Bougie, Bourse,* todos elles occupando longas paginas (o artigo *Brézil* tem as proporções d'um volume) acompanhados de retratos, illustrações, mappas, etc., e tão interessantes pelo detalhe, como perfeitos pelo saber.

A Grande Encyclopédie formará quando completa uma obra de *vinte e cinco* volumes contendo 1:200 paginas cada um. A assignatura para toda a obra (volumes brochados) custa 500 francos (90$000 reis) pagaveis em prestações de 10 francos por mez (1$800 reis). A Grande Encyclopédie publica-se em fasciculos de 48 paginas, distribuidos todas as quintas-feiras.

Chegam-nos de Paris dois livros relativos ao Brazil e cujo apparecimento coincide com a exposição universal. Os brazileiros comprehenderam que melhor do que as exposições, que passam, podem servir aos interesses do seu paiz os bons livros, que ficam.

Um d'esses livros Le Brésil, par E. Levasseur, *membre de l'Institut, professeur au Collége de France et au Conservatoire des arts et métiers,* tem um alto valor porque é uma obra de muita e erudita informação, e porque, encorporada á gigantesca publicação franceza *La Grande Encyclopédie,* agora no prélo, ultimo e maior monumento litterario d'essa natureza em nosso seculo, terá toda a duração e universal auctoridade d'aquelle gigantesco inventario dos conhecimentos humanos. Este livro é pois o artigo *Brézil* que appareceu na parte já publicada da *Grande Encyclopédie* onde elle occupa cento e tantas columnas de typo miudo n'um in-quarto grande. N'essa edição á parte, o snr. Levasseur agradece a collaboração dos snrs. E. Tronessart, auctor dos capitulos sobre a fauna e a paleontologia; Maury que escreveu sobre a flora; H. Gorceix, auctor da geologia; o visconde de Ourem, da legislação e do credito; Eduardo Prado que escreveu sobre a lingua, a litteratura e a musica, lendo e annotando o conjunto de todo o trabalho; e finalmente o barão de

Rio Branco que, além de escrever os capitulos referentes á imprensa, ás bellas-artes, á historia, á anthropologia, collaborou nos outros todos, tomando assim parte principal em toda a obra pelos seus trabalhos de erudição, pelas suas numerosas notas e pela sua activa intervenção na correcção das provas.

O plano da obra, dividida em geographia physica, geographia politica e geographia economica, comprehende 32 capitulos sobre: a situação e a superficie; os limites; fronteiras, costas e ilhas; o relevo do sólo; a geologia; o regimen das aguas; o clima; a flora; a fauna; a paleontologia; as explorações scientificas; a historia; a emancipação dos escravos; o governo e a administração; a legislação; a população; a immigração; a instrucção; a lingua e a litteratura; as bellas-artes; a musica; as regiões agricolas; os productos do reino vegetal; os productos do reino animal; os productos do reino mineral; a industria; as vias e os meios de communicação; as instituições de previdencia e de assistencia publica; as medidas, as moedas e outros instrumentos de troca; o commercio e um resumo do estado do imperio. Segue-se a estes capitulos uma erudita e extensa bibliographia onde muitas obras são citadas e incluidas pela primeira vez na litteratura dos estudos brazileiros. Uma bella carta colorida completa o livro.

A simples enumeração dos differentes capitulos dá idéa da vastidão do plano e da importancia da *Grande Encyclopédie,* se os seus artigos proporcionalmente têm todos o desenvolvimento do artigo *Brézil.* Quanto a este basta dizer que é extraordinaria a somma de informações inteiramente novas e curiosas que n'elle se acham condensadas com precisão e clareza. N'esse artigo não só o publico em geral mas os estudiosos e os especialistas terão muito que aprender a respeito do Brazil. Estimaremos poder annunciar a traducção portugueza d'esse trabalho que merece ser largamente conhecido no Brazil e em Portugal.

Tem o titulo Le Brézil em 1889 um bello volume in-8.º grande, de 700 paginas, editado pela livraria Ch. Delagrave e publicado pelo syndicato da commissão franco-brazileira da exposição universal de Paris. O fecundo e laborioso escriptor brazileiro, o snr. Sant'Anna Nery, dirigiu esta publicação para a qual escreveu varios capitulos conforme se vê da distribuição seguinte das materias:

Introducção, pelo snr. Sant'Anna Nery; *Noções geraes,* pelo mesmo escriptor e segundo os trabalhos dos snrs. Capistrano de Abreu, Valle Cabral e Orville Derby; *Hydrographia,* pelo snr. barão de Teffé; *Climatologia,* pelo snr. Henri Morize; *Mineralogia,* pelo snr. Henri Gorceix; *População, territorio e eleitorado,* pelo snr. Favilla Nunes; *Trabalho servil e trabalho livre,* pelo snr. Sant'Anna Nery; *As zonas agricolas,* pelo snr. André Rebouças; *As insti-*

tuições agricolas, pelo snr. Leitão da Cunha; *Pesos, medidas e systema monetario,* pelo snr. Sant'Anna Nery; *Finanças,* pelo snr. Amaro Cavalcanti; *Bancos e instituições de credito,* pelo snr. Rodrigues de Oliveira; *Caminhos de ferro,* pelo snr. Fernandes Pinheiro; *Commercio e navegação,* pelo snr. Sant'Anna Nery; *Correios, telegraphos e telephones,* pelo mesmo; *A immigração,* pelo snr. Eduardo Prado; *A imprensa,* pelo snr. Ferreira de Araujo; *A arte,* pelo snr. Eduardo Prado; *A instrucção publica,* pelos snrs. Sant'Anna Nery, barão de Saboia, L. Cruls e barão de Teffé; *A litteratura,* pelo snr. Sant'Anna Nery; *A sciencia,* pelo snr. Ladislau Netto; *A propriedade industrial e litteraria,* pelo snr. Sant'Anna Nery; *A protecção da infancia,* pelo barão de Itajubá; *A organisação judiciaria,* pelo snr. Mac Dowell; *Os arsenaes de marinha,* pelo snr. Alves Barbosa. Acompanha esta importante publicação uma bella carta chromo-lithographada. Le Brézil em 1889 contém grande copia de informações interessantes e novas. Os seus artigos caracterisam-se em geral pela erudição que revelam os seus auctores. As noções geraes e particulares sobre os differentes assumptos são notaveis pela sua precisão e clareza, qualidades quasi sempre ausentes dos documentos brazileiros d'essa natureza. Alguns dos artigos mereciam ser impressos áparte e com pouco desenvolvimento formariam volumes uteis aos estudiosos. Mencionaremos, entre outros, a *Esquisse de l'Histoire du Brézil,* do snr. barão de Rio Branco, que vai ser traduzida pelo snr. Ramalho Ortigão. Devemos ainda dizer em honra da fecunda actividade dos escriptores brazileiros que esse grosso volume foi redigido e impresso em cinco mezes, e a sua publicação dirigida com a maior competencia por um d'elles o snr. Sant'Anna Nery.

Do Rio de Janeiro chega-nos um grosso volume de mil e tantas paginas in-8.º: L'Instruction publique au Brézil: Histoire — Législation. Rio de Janeiro, Leuzuiger & C.ª, 1889, pelo dr. Pires de Almeida.

Como livro de informações este livro parece-nos inacceitavel porque não tem methodo algum de exposição, não é dividido em capitulos, e não tem sequer um indice das materias. Os mappas estatisticos são apresentados de fórma muito confusa e n'um formato que torna penoso qualquer estudo. Sentimos tambem que os poucos factos apontados n'esse livro se achem perdidos n'uma longa e descosida série de elogios pomposissimos a todo o mundo e sem relação nenhuma com o assumpto principal. O pessimo francez em que é escripto concorrerá tambem para diminuir-lhe ainda o seu valor já tão pequeno.

Dom Pedro II, *empereur du Brézil,* par B. Mossé. Paris, chez Firmin Didot, 1889, in-8.º

Este livro é uma biographia completa do imperador do Brazil e a historia do seu longo reinado. O snr. Mossé examinou cuidadosamente todos os documentos brazileiros e estrangeiros, e da sua exposição imparcial e minuciosa resalta o importantissimo papel de D. Pedro II na historia da civilisação brazileira. O snr. Mossé que estudou a fundo as questões brazileiras reconhece os serviços dos homens de Estado brazileiros com quem o imperador tem collaborado na sua obra, já tão longa e tão fecunda. O imperial biographado não se apresenta ao leitor como o monarcha omnipotente a quem tudo bom é devido no Brazil. Esse papel, que a ignorancia dos europeus e o pouco criterio de seus cortezãos podem só querer attribuir ao imperador, não é proprio para engrandecel-o. O snr. Mossé está mais com a verdade e torna mais sympathica ao mundo a original figura de D. Pedro II, mostrando n'elle o servidor dedicado e constante, com todas as forças do seu coração e do seu talento, das tendencias progressivas do seu paiz e do seu seculo.

O Secretario da Redacção

Manoel da Silva Gayo.

INDICE

Pag.

Acontecimentos (Os) do Brazil, por *Frederico de S.* 770

Boletim bibliographico 126, 259, 387, 639, 784

Caixão (O), por *Fialho d'Almeida*. 67

Cartas de Fradique Mendes, por *Eça de Queiroz*. 261, 517, 759

Cavallaria (A) portugueza na Edade-Média, por *Christovão Ayres*. . 371, 429

Chronica financeira 512

Chronica politica, por *J. A. Gonçalves* 255

Chronica politica (internacional), por *P. de Oliveira*. 122, 251

Corista (A), por *Luiz de Magalhães* 668

Dansa (A) macabra, por *José de Sousa Monteiro*. 233

Destinos potilicos do Brazil, por *Eduardo Prado*. 467

Economista (Um) portuguez, por *Rodrigues de Freitas*. . . . 358, 442, 734

El-Rei D. Luiz. 625

Epopêa (A) da Humanidade, por *Theophilo Braga* 188, 333

Evolução (A) da litteratura brazileira, por *Oliveira Lima* 643

Excursão á «Grande Muralha da China», por *Bernardo Pindella* 212

Filhos (Os) de D. João I, por *Oliveira Martins*. 41, 129, 299, 492, 544, 694

Ideal moderno, por *Guerra Junqueiro* 64

Litteratura (A) portugueza contemporanea, por *Moniz Barreto* 1

Pag.

Memoria (Á) do insigne historiador e poeta portuguez Alexandre Herculano, poema de Gaspar Nuñez de Arce. Versão do castelhano por *Fernando Leal* 320

Minas (As) de Salomão, por Ridder Haggard, romance traduzido do inglez. 389, 607, 720

Notas do mez, por *João Gomes* 630, 777

Pastoral, por *Bento Moreno*. 157

Recordações, por *Silva Gayo* 184

Seculo (O) XVIII em Portugal, por *Theophilo Braga*. 574

Toiradas em Portugal, por *Conde de Sabugosa*. 105, 173

Vorrei Morire! por *Medeiros e Albuquerque*. 440

Junqueira Freire

Obras poeticas. 2 vol... 1$250

Kardec

O céo e o inferno..... 1$000
O Evangelho segundo o espiritismo..... 1$000
A Genese e os milagres. 1$000
O livro dos espiritos... 1$000
O livro dos mediums... 1$000
Resumo da lei dos phenomenos espiritistas... 160

Kock Junior

O bom do snr. Leitão. 300
Contos jocosos..... 300
O pandego..... 300

Landriot

A mulher forte, conferencias destinadas ás senhoras..... 1$000

Laurindo Rabello

Obras poeticas..... 600

Lucio de Mendonça

Alvoradas, versos..... 600

Luiz Barreto

O positivismo e a theologia..... 500

Luiz Figuier

Christovão Colombo..... 400

Luiz Guimarães Junior

Contos sem pretensões. 600
Curvas e zig-zags..... 600
Filigranas..... 600
Historias para gente alegre. 2 vol..... 1$200

Luiz Leopoldo

Typos e quadros, sonetos..... 400

Machado de Assis

Americanas..... 600
Chrysalidas, poesias..... 600
Contos fluminenses..... 600
Helena..... 600
Historias da meia noite. 600
Historias sem data..... 600
Memorias posthumas de Braz Cubas..... 1$000
Papeis avulsos..... 1$000
Phalenas..... 600
Resurreição..... 600

Mahomet

O Alcorão..... 8$000

Manoel Macedo

A baroneza do amor. 2 vol..... 1$600
A carteira de meu tio. 600
O culto do dever..... 600
Os dois amores. 2 vol... 1$200
O forasteiro. 3 vol..... 1$500
Lições de historia do Brazil. 2 vol..... 2$000
A lunetta magica. 2 vol. 1$200
Memorias da rua do Ouvidor..... 1$000
Memorias do sobrinho de meu tio. 2 vol..... 1$200
O moço louro. 2 vol... 1$200
A moreninha..... 600
Mulheres celebres..... 400
As mulheres de mantilha. 2 vol..... 1$200
A namoradeira. 3 vol... 1$800
A nebulosa..... 600
Nina. 2 vol..... 1$200
Quatro pontos cardeaes — A mysteriosa..... 700
O rio do quarto..... 600
Os romances da semana. 600
Rosa. 2 vol..... 1$200
Um noivo a duas noivas. 3 vol..... 1$800
Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro. 2 vol..... 2$000
Vicentina. 3 vol..... 1$500
As victimas e algozes, quadro da escravidão. 2 vol..... 1$400
Theatro. 3 vol..... 2$000
Cincinato quebra louça, comedia em 5 actos. 500
O phantasma braneo, opera em 3 actos.... 500
Lusbela, drama em 1 prologo e 4 actos..... 450
O novo Othello, comedia em 1 acto..... 150
O primo da California, opera em 2 actos..... 300
A torre em concurso, comedia em 3 actos. 500

Manoel Odorico Mendes

Iliada de Homero, em verso portuguez..... 1$500
Virgilio brazileiro..... 3$000

Mantegazza

O amor na humanidade. 700
Hygiene do amor..... 700
Physiologia do amor.... 700

Max Varley

Martha. 3 vol..... 900

Mello Moraes

O Brazil social e politico ou o que fomos e o que somos, com trechos analogos extrahidos do sermonario do famoso politico padre Antonio Vieira..... 300
Chronica geral do Brazil, contendo todos os acontecimentos desde a descoberta do Brazil até o anno de 1879, systematisada e com uma introducção por Mello Moraes, Filho. 2 vol..... 8$000
Memorias diarias da guerra do Brazil, por espaço de nove annos, começando em 1830... 2$000

Mello Moraes, Filho

Cantos do Equador..... 700
Curso de litteratura brazileira..... 2$000
Mythos e poemas..... 600
Parnaso brazileiro, seculo XVI-XIX, comprehendendo toda a evolução da poesia no Brazil, desde 1556 até 1889, enriquecido de ineditos do padre Anchieta, da Academia dos Esquecidos — Arcadia franciscana fluminense, etc. 2 vol... 3$000
Cancioneiro dos eiganos, poesia popular dos ciganos da Cidade-Nova. 600
Os eiganos no Brazil... 700

Milton

O paraiso perdido. 2 vol. 3$200

Moreira de Azevedo

Apontamentos historicos. 1$000
Compendio de historia antiga..... 600
Curiosidades..... 600
Criminosos celebres, episodios historicos..... 600
Os francezes no Rio de Janeiro..... 600
Homens do passado, chronica dos seculos XVIII e XIX..... 600
Lourenço de Mendonça. 600
Masaico brazileiro..... 600
O Rio de Janeiro, sua historia, monumentos, homens notaveis, usos e curiosidades. 2 vol. 4$500

Nabuco de Araujo

Zahra..... 600

Norberto de Sousa e Silva

Brazileiros celebres..... 500
Flôres entre espinhos... 600
Gallicismos..... 1$000
Historia da conjuração mineira..... 2$000

Nunes Alvares

Paginas d'historia constitucional do Brazil... 2$000

Pascual

Um episodio da historia patria..... 600
A morte moral. 4 vol.... 2$500

Paulo Feval

O sobrevivente. 4 vol... 1$200

Paulo de Kock

A casa Perdaillon & C.ª 2 vol..... 600
Friquette. 2 vol..... 600
Memorias. 2 vol..... 600
A noiva de Fontenay das Rosas..... 600

Paulo Porto Alegre

Colombo, poema. 2 vol... 2$000

Pimenta de Laet

Poesias..... 300

Pires de Almeida

Martyres da vida intima..... 300

Quentin

A verdade sobre o Paraguay..... 300

Rebello Maia

Questão religiosa. — Roma e o espiritismo... 300

A REVISTA DE PORTUGAL é publicada no 1.º de cada mez, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um *BOLETIM BIBLIOGRAPHICO* acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os *ANNUNCIOS* são inseridos n'um supplemento especial collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 reis	**3$200 reis**	**1$700 reis**

Numero avulso.	**500** reis
Pelo correio.	**540** »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7$200 reis fortes	**3$800 reis fortes**

A REVISTA DE PORTUGAL assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores LUGAN & GENELIOUX, *e em todas as livrarias de Portugal. Em Paris nos agentes* ***Snrs. Amedée Prince & Cie****, 36, Rüe Lafayette, 36. Em Londres nos agentes* ***Snrs. Amedée Prince & Cie****, 10 Coleman Street, 10.*

Porto — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70